

COLÓNIA PENAL AGRÍCOLA

---

RELATÓRIO

DA

INSTALAÇÃO DA COLÓNIA

E

SEU FUNCIONAMENTO

ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1917

PELO DIRECTOR

Tude Martins de Sousa



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1920





# COLÓNIA PENAL AGRÍCOLA

---

## RELATÓRIO

DA

# INSTALAÇÃO DA COLÓNIA

E

SEU FUNCIONAMENTO

ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1917

*Do Excmo. Thomé J. Barros Queiroz,*

*Com meus cumprimentos,*



*De. Tude M. de Sousa*

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1920



OFERTA

282918

4/25/74

COLONIA PENAL AGRICOLA

REPUBLICA ARGENTINA

INSTITUTO DE INVESTIGACIONES Y ESTADÍSTICA

BOLETIN

ANUARIO DE 1973

Dr. Juan Manuel J. Barros Guirio

Comisión Organizadora

Dr. Luis A. ...



*Aos Excelentissimos Senhores*

*Ministros da Justiça,*

*a quem, desde Abril de 1915, a Colónia Penal  
Agrícola devo a sua abertura e o estímulo  
permanente da sua simpatia e do seu au-  
xílio oficial, as agradecidas homenagens do  
seu primeiro director.*





BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO  
THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

Aos Exceletísimos Senhores

*Dr. Germano Martins*

Director geral do Ministério da Justiça

E

*Dr. Afonso de Melo Pinto Veloso*

Autor do Regulamento

*aos quais a Colónia muito deve desde  
a sua primeira hora.*





# COLÓNIA PENAL AGRÍCOLA

## RELATÓRIO

DA

## INSTALAÇÃO DA COLÓNIA E SEU FUNCIONAMENTO

ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1917

### 1.<sup>a</sup> PARTE

EX.<sup>MO</sup> SR. DIRECTOR GERAL DA JUSTIÇA :

Impõe-me o n.º 5.º do art. 50.º do Regulamento da Colónia a obrigação de enviar a V. Ex.<sup>a</sup> no fim de cada ano um relatório geral referente aos serviços executados, acompanhando-o de notas e observações respeitantes aos colonos.

Dêsse encargo vou tentar desobrigar-me agora pela primeira vez, devendo porém dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que não o fiz mais cedo por ter vindo a decorrer ainda o período que considero de instalação, visto que a exiguidade de recursos das minguadas dotações orçamentais não permitia realizar de uma vez só toda a série de trabalhos de montagem de serviços em que se tem vindo a caminhar.

Depois, eu não queria lançar mão dêste trabalho sem deixar passar tempo bastante para fixar juízos já seguros sobre a vida da Colónia e sobre as suas promessas de futuro como instituição a fomentar e a imitar na criação de outras iguais.

Mas agora, que já lá vão mais de dois anos, entendo do meu dever não retardar mais o trazer a V. Ex.<sup>a</sup> a notícia desenvolvida que se segue sobre a Colónia, a qual, farei, porém, anteceder de algumas considerações relativas aos fins especiais dêste estabelecimento, aos processos adoptados e aos resultados colhidos.

Não diz o regulamento se os relatórios a apresentar se deverão referir a anos civis ou a anos económicos; mas, como haja serviços a uns e outros estreitamente ligados, seguirei os anos económicos para os períodos de gerências económicas e os anos civis para os restantes serviços.

\*  
\* \* \*

Pela primeira vez em Portugal iam abrir-se, com a abertura da Colónia Penal Agrícola, as portas das cadeias, para lançar no ar livre dos campos, confiados à acção educativa de um regimen e de uma vigilância especiais, alguns vadios adultos, de 16 a 60 anos de idade, por ventura susceptíveis ainda, num ou noutro caso, de regeneração ou de regressão a uma vida regular anterior, e em todos os casos furtando-os à influência nefasta, física e moral, do meio limitado e viciado que é sempre o das quatro paredes de uma cela, ou de um salão prisionais.

Era uma tentativa, sôbre a qual as incertezas e as dúvidas se acumulavam numa descrença quási absoluta da maior parte, o que talvez explique a circunstância de, criada a Colónia Penal em 1912, só vir a funcionar depois de decorridos três anos.

De facto, não era livre de cuidados a empresa em que eu tinha sido chamado a colaborar, nem era de pequena monta a responsabilidade que eu assumia perante V. Ex.<sup>a</sup> e perante o país, que com razão tinham desde essa hora os olhos postos no que iria succeder.

A natureza dos indivíduos com quem se ia tratar, as condições especiais da propriedade, completamente aberta, o regimen de liberdade em que teriam de viver e por sôbre tudo isto a visinhança de povoados importantes, punham em cheque a efficácia dos meios de educação e de disciplina para conter os reclusos, para quem a toda a hora a fuga seria fácil.

Depois, para maior reforço destas presunções, Lisboa, a tentação, ali estava a reduzidas horas de caminho, porque da Colónia se sente o latejar da grande cidade e se lhe ouvem, por assim dizer, os seus rumores.

Era por isso que poucas seriam as cautelas e prudência ao lançar o estabelecimento, e pois que a Colónia tinha de ser uma casa mais de regeneração do, que de castigo, indispensável era



fazer assentar a sua vida interna desde os primeiros tempos numa atmosfera de ordem e de método, de disciplina e de trabalho, que bem dispozessem à aceitação sem relutância das boas indicações e dos bons exemplos, para que desde sempre ela podesse vir a corresponder ao alto espírito da lei que a criou.

Dêste conjunto de cousas resultaria no futuro a marcha mais regular dos serviços, diminuindo-se os atritos que os podessem impedir.

Para se chegar depressa, começou-se de vagar, inaugurando-se a Colónia apenas com 8 presos, com os quais se fez a base da obra em iniciação, aumentando-se depois aos poucos aquele número.

Os reclusos da Colónia tinham de ser os pregoeiros da sua tradição acolhedora, para criar nos futuros candidatos uma disposição boa, antes de a ela chegarem.

E de facto, vencidas as primeiras surpresas, convencidos a pouco e pouco os primeiros internados da Colónia da sua índole e fins, de como o trabalho e os bons propósitos de emenda poderiam ser o grande meio de todos êles conquistarem a liberdade, para irem tomar na sociedade um possível lugar de ocupação honesta, a disciplina foi-se gradualmente consolidando e os serviços começaram desde logo a ser tomados sem relutância, nem negativas.

Era por isso que eu, desde as primeiras até às últimas horas do dia útil para a vida da Colónia e em todas as horas da noite, tudo acompanhava, guiando, dirigindo, aconselhando, aproveitando sempre todas as oportunidades para com a palavra e com o exemplo dizer a toda a população de reclusos palavras de captação e de estímulo, que bem lhes caissem na alma e na inteligência.

Sobre o seu passado deveria cair o espesso veu do esquecimento, pois que a Colónia seria acima de tudo, para quem bem a aceitasse e bem se integrasse nas suas intenções educativas, uma prometedora esperança de redenção: a noção de delito, de punição e de castigo perder-se hiam entre os portões do Limoeiro e o portão de entrada da Colónia, para desde a hora em que êste fôsse transposto o colono esquecer o seu passado e procurar iniciar-se pelo trabalho, pela educação, pela disciplina e por uma atmosfera moral o mais possível digna de ser imitada, para uma vida nova de utilidade social e de dignidade própria.



Nem velhas alcunhas, nomes *de guerra*, que a gíria do seu meio criou e que muitas vezes assentam com admirável justeza na definição do carácter, da vida e dos hábitos dos indivíduos, escurecendo-lhes quasi sempre o nome; nem narrativas em comum, rememoradoras de passados feitos delituosos; nem leituras pervertedoras do noticiário, às vezes mais do que detalhado, dos jornais, acordando velhos e esquecidos hábitos e trazendo por ventura à evidência ruidosa da publicidade velhos conhecimentos: todo o tempo occupado nos trabalhos e uma aturada assistência de fiscalização moral iriam gradualmente ajudando os fins de morigeração a conseguir.

E nunca desde o começo, me faltou a mais respeitadora atenção de nenhum, nem notei nunca nas minhas palestras a mais ligeira quebra de disciplina, antes de onde a onde surpreendia até lágrimas, que eu não podia supôr de uma falsa comoção, ao evocar-lhes a lembrança dos pais, das esposas e dos filhos de muitos deles.

É que esta gente, repudiada de todos e por todos escorraçada, vindo pela vida fora aos encontrões de uns e de outros, sem uma mão que tentasse guiá-los, sem um braço para os amparar e sem uma boa palavra para os aconselhar ou estimular à prática do bem, reconheciam-se surpreendidos, agradeciam os carinhos de que andavam desacostumados e de si para si faziam propósitos de entrarem numa vida de regularidade e bons costumes.

E assim, conquistados pelo coração, iam facilitando a tarefa de consolidação da Colónia.

Desta maneira eu sou levado a crer que todos elles, de uma psicologia estranha, em conjunto ou separadamente, desde que não estejam totalmente pervertidos, como muita vez succederá, serão em bastos casos susceptíveis de se amoldarem a novos costumes: a circunstância de se portarem bem na Colónia, de onde facilmente se poderiam evadir, e de bem aceitarem as suas leis, mesmo encarada pela simples intenção de virem assim a ganhar a liberdade desejada, mostra até certo ponto o quanto são indivíduos capazes de *querer*.

Resta convencerem-se de que devem *querer* ser honrados, dignos e trabalhadores, no que iria o melhor brio da sua vontade futura.

Mas aqui é que está exactamente a difficuldade a vencer,



pelo menos para muitos, porquanto, viciados profundamente, sobretudo quando vindos de um meio citadino, a negação à prática de occupaões honestas está-lhes enraizada por tal forma na alma e nos costumes, que só temporáriamente e transitóriamente aceitarão de bom grado o trabalho, mesmo rude, mesmo fora por completo de hábitos passados, como meio de alcançarem a liberdade, para de novo se lançarem na aventura do roubo e da ociosidade.

Para estes a Colónia não é, nem poderá nunca ser aquele sanatório moral, purificador das tendências más e dos ruins costumes, como seria para desejar, apenas lhes servindo o meio para amortecer um tanto as más lembranças e restaurar o físico, sempre deprimido pela acção que a cadeia com a sua inactividade e o seu ar e luz restritos conseguem imprimir, até nas mais robustas organizaões.

Mas outro tanto não sucederá com uma boa parte dos individuos de origem rural, nem sempre delituosos do furto e da vadiagem e bastas vezes caídos sob o jugo das leis por accidentes passionais, por impulsividades de organizaão, pela negação brusca ao respeito pela autoridade, pelas influências do alcool e por tantas outras.

Para estes a vida da Colónia é a continuação da sua vida anterior e a adaptaão aos misteres da lavoura é pronta e sem relutâncias, sendo notável mesmo a diferenciação que naturalmente se nota entre o vadio urbano — vadio por índole, e até por educaão — e o vadio dos campos — vadio por disposião da lei — excluída desta classificaão o maltez errante e vagabundo que, sem eira nem beira, infesta e incomoda e assusta por vezes a lavoura, sobretudo alentejana.

Este colono é por natureza dedicado ao trabalho e entre os seus desabafos freqüente é ouvir-se attribuir os seus infortúnios a várias causas de que o furto é afastado, o que nem sempre corresponde à verdade, como o mais desonroso dos delitos.

Preferem confessar-se assassinos, procurando justificar o seu crime, ou alcoólicos, ou desordeiros, ou seja o que fôr, menos profissionais do roubo, com os quais não querem acamaradar.

Eu sou filho do crime, mas sou homem de trabalho; nunca fui vadio nem gatuno, como muitos dos meus companheiros. Por fatalidades várias vim à Colónia, mas por ela voltarei à minha profissão do campo...



Tal é a exclamação que por mais do que uma vez tem vindo até mim, mas, seja como fôr, é mais do que certo que todos êles são creaturas a quem uma fôrça contínua, desta ou daquela natureza, levou repetidas vezes à prática do mesmo delito, ou de delitos diversos, sem emenda pelos castigos vários recebidos.

Por consequência, individuos mais ou menos calejados na prática de acções ruins a quem a Justiça pede contas, individuos assinalados pela marca que imprime perante o resto dos seus concidadãos a passagem freqüente pelos tribunais e pelas cadeias.

E nesta vida, assim acidentada, se vão aniquilando vestígios que porventura tivessem existido de alguma energia moral, depreciando-se, deprimindo-se cada vez mais os caracteres, até virem cair sob a acção salutar e benéfica da Colónia.

Mas, ¿poderá ella reabilitar individuos assim já tanto decaídos?

Na verdade, não é fácil tarefa reconstituir um novo ser moral equilibrado e perfeito sôbre as ruínas desmanteladas de um ser moral em descalabro.

Ainda assim, eu creio na salvação de alguns, desde que ao depois as circunstâncias se lhes deparem propícias ao bom labor e adversas a novas claudicações, ou a novas quedas.

Porque a sua história quasi geral e que para muitos significa uma tragédia, é no fundo idêntica desde a primeira idade e filha das mesmas influenciadoras circunstâncias: as famílias vivendo em más condições morais, sem idoneidade nem fôrça de qualquer natureza para darem uma boa, sã e forte educação de carácter; a mancebia vulgar; o alcoolismo; a vida desregrada por mil maneiras, causas estas muito agravadas ainda no meio dos grandes centros, onde as fôrças centrífugas de mil fascinações mais sacedem para a má tentação, para os maus caminhos e para a ociosidade, que teem o furto e outros graves delitos como termo certo, pensado, estudado e realisado de várias cumplicidades e maneiras.

São estes os elementos ingratos sôbre que tem de se trabalhar, mas justo é dizer-se que, a-pesar-de tudo, êles se mostram de uma relativa plasticidade, adaptando-se a todo o regimen imposto, protestando sempre regenerarem-se e emendarem-se para o futuro, o que de resto parece ser uma característica vulgar em certa categoria de presos, que chegam a convencer dos seus firmes propósitos de reabilitação, que afinal duram só em-



quanto dura a influência do castigo, pois que às primeiras lufadas do ar da rua vem como que uma embriaguez da liberdade, que a nostalgia da passada vida, ainda não esquecida e que parece ter um nectar de seduçõs irresistíveis, arrasta outra vez ao precipício.

Como quer que seja, a Colónia tem de ser uma escola de levantamento moral e de ir ao encontro de todos os germens de instinto mau ou de maus hábitos para os anular, ou, pelo menos, corrigir ao máximo possível, recorrendo ao seu grande elemento de acção e de conquista, que é o trabalho aturado e bem dirigido, que ocupe o maior tempo.

O trabalho assim, como meio de educação, não pode ser o trabalho violento e forte, olhado como elemento de castigo, mas sim a força regeneradora, colaborando na melhoração moral dos individuos: sendo uma esperança de futuro, não pode ser uma grilheta a pesar sobre os delitos passados.

Só assim se poderá conseguir alguma cousa de individuos como os que até à Colónia chegam, todos êles de mais de 16 anos, alguns com mais de 30, de 40 e até de 50, devendo procurar-se-lhes o estímulo de restos de sentimentos bons que ainda porventura tenham, ou capazes de possuir, sem recorrer a processos de violência, ou de intimidação e de coacção, que seriam quasi sempre de resultados negativos.

Depois, tudo se deve conjugar para um mesmo fim: o ar livre completo, a luz do sol plena, a ginástica dos misteres da vida agrícola, uma alimentação farta e sã e uma hygiene perfeita. Mas é preciso não confiar apenas a estas influências a tarefa dos resultados a desejar, porque só por si de pouco valerão, se não forem acompanhadas com uma ininterrompida vigilância, com uma prédica constante e com bons exemplos permanentes, chamando os correccionais ao bom caminho e à boa reflexão, de que tão afastados terão andado.

Isto não quer, porém, dizer que se ponha de parte aquela austeridade e disciplina que é preciso conservar sempre de pé: sendo certo que é preciso um grande sentimento de piedade e de generosidade, nunca dele se devem afastar as noções de justiça e de equidade, de disciplina e de ordem, que ao coração sobreponham a reflexão e ponderação indispensáveis, para discernir e discriminar os casos múltiplos que aparecem e para manter o mais perfeito equilibrio moral na marcha da instituição e dos resultados a colher.



É preciso não esquecer ainda o vadio que o é, por assim dizer, por constituição orgânica, indivíduo mole, sem energia e sem vontade, desapegado de toda a noção de brio pela conquista do pão de cada dia, confiando muito dos acasos da sorte, com o seu furto à mistura, quando para isso as circunstâncias o tentam e as habilidades o ajudam, e o transviado por circunstâncias fortúitas.

Para os outros, relapsos e incorrigíveis, criminosos e reincidentes, porventura tarados e de mans instintos, que a lei categorisa igualmente de vadios e põe à disposição do Govêrno, tal qual como os que simplesmente teem no seu activo criminal a vagabundagem da rua, por falta de estímulos morais e de educação a tempo e horas ministrada, ou mesmo por uma absoluta incapacidade moral para a vida, a disciplina tem de ser outra, a vida tem de ser diferente, a Colónia tem de ser especial e rigorosa.

Porque, devo notá-lo, entre os frequentadores da Colónia Penal um bom número de indivíduos se conta que são mais do que manifestamente incapazes, tocando quási pela imbecilidade, de onde a onde um ou outro aparecendo com evidentes mostras de grande falha de equilibrio nas suas faculdades, que os tornará porventura capazes de actos criminosos violentos na oportunidade que se lhes depare.

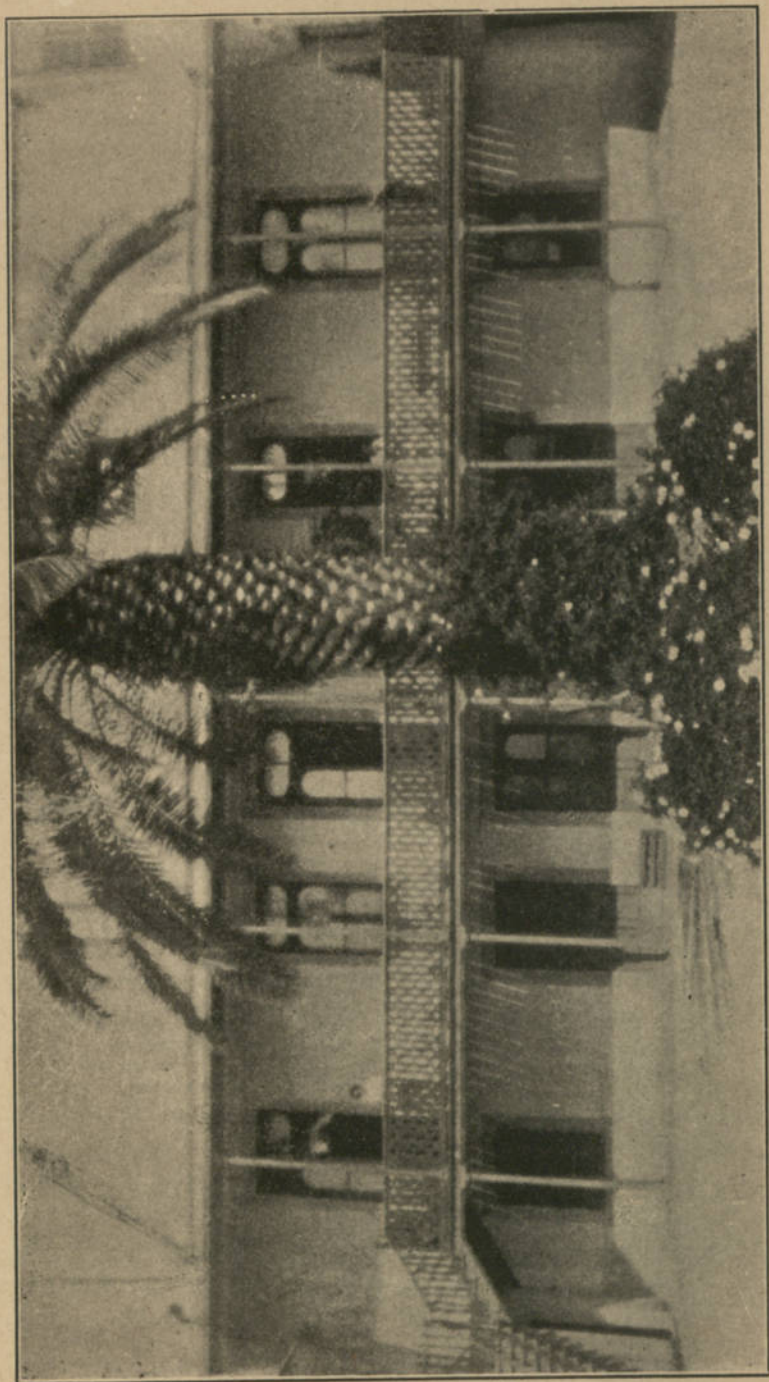
Os primeiros ainda poderão caber na Colónia e melhor aqui do que na cadeia, por inofensivos; não é porêr, cá o lugar dos segundos, para os quais aliás a cadeia não será também o local apropriado, nada admirando que aqueles, faltos de critério, de discernimento e de qualidades para a vida e quási sempre sem família que os ampare, ou com família sem moral e sem força para se fazer obedecer e respeitar, se tornem perante a lei delinquentes periodicamente certos, e que os segundos, uma vez libertos, venham a reincidir na senda criminosa.

Com toda a qualidade de condenados, dos postos à disposição do Govêrno, se tem pois vindo a fazer a vida da Colónia neste já relativamente longo período de experiência e por quanto se tem passado bem creio que ninguem lhe negará hoje a eficácia e a viabilidade de um tal meio correccional, para um grande número de indivíduos caídos sob as justiçaes e acumulados pelas cadeias.

Poderá não se salvar para a sociedade uma percentagem ele-







Residência do director

vada destes delinquentes, mas certo é que a Colónia Penal será para realizar essa aspiração um dos melhores meios.

Além disso, tudo quanto se obtiver é ganho a lançar no activo dos benefícios colhidos, pois que os reclusos, em lugar da vida de ociosidade que é bem, como tanto está dito e repetido, a mãe de todos os vícios, virão para o trabalho concorrer para o seu sustento e para a riqueza pública na parcela da produção útil da terra que amanharam.

Ainda por outro lado, é mais humano o trazê-los, àqueles cujos delitos não imponham um rigor punitivo especial, para o reconfortante ar livre, onde a vida sã lhes vá purificando a alma, do que deixá-los parados na promiscuidade das cadeias, escolas altas de vício e meio aniquilador de brios e de energias.

Como quer que seja, a Colónia Penal abriu-se e, de Agosto de 1915 para cá, tem vindo a dar as suas provas, das quais vou prestar contas a V. Ex.<sup>a</sup>, sem me deter um minuto sequer, como até aqui, em citações eruditas de livros e de opiniões feitas no estudo dos criminosos desta e doutra feição: pretendendo apenas trazer a V. Ex.<sup>a</sup> pela primeira vez um depoimento pessoal, filho da experiência e de impressões directas, deixo para mais categorisadas competências científicas, o elevado estudo dos problemas especiais do aspecto criminal que à Colónia Penal interessa e para o qual os meus trabalhos darão apenas modestos subsídios.

## INSTALAÇÃO E ABERTURA DA COLÓNIA

Em Fevereiro de 1915 fui chamado do Gerez, onde estava desde 1904 no serviço da arborização florestal da serra, para me apresentar ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro do Fomento, que por sua vez me enviou ao seu colega da Justiça.

Ouvidos deste os desejos de aproveitar para algum estabelecimento dependente do seu Ministério a Quinta do Bom Despacho e anexos, perto de Cintra, onde até à proclamação da República funcionara a Escola Agrícola Colonial dos missionários da congregação do Espírito Santo, que S. Ex.<sup>a</sup> pouco antes visitara, recebi de S. Ex.<sup>a</sup> a incumbência de ver a dita propriedade



e informá-lo das suas condições de adaptação a um instituto correcional para adultos, visto que a lei de 20 de Julho de 1912 criara a Colónia Penal Agrícola, que já vinha tendo dotação orçamental, mas que não tivera até então princípios de funcionamento.

Devo repetir aqui a V. Ex.<sup>a</sup> as impressões que então colhi e que verbalmente comuniquei ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro e que foram as da maior tristeza pelo estado de deterioração em que a maior parte dos campos, pomares, edifícios, alfaias agrícolas, restos de mobiliário e roupas, etc., se encontravam, tendo tudo sofrido as conseqüências do desaproveitamento forçado ou de um mau aproveitamento no período que vinha desde o primeiros tempos da República até àquela data.

Bem visíveis estavam as linhas gerais por onde se avaliava que a propriedade fôra noutros tempos cuidadosamente explorada, as árvores cuidadosamente tratadas, os prédios mantidos em boa conservação e todas as dependências internas conservadas em bons termos, pelo que urgente seria lançar mão de tudo e tudo salvar do caminho de aniquilamento em que ia.

Por isso se impunha ao Estado a obrigação de utilizar quanto antes o Bom Despacho, estabelecendo ali algum instituto seu dependente, de preferência a quaisquer arrendamentos ou contractos com particulares, raras vezes correspondendo ao estado de conservação, de restauro ou de aumento que é preciso manter-se em propriedades desta natureza.

Nada se resolvendo, nisto ficaram e numa rápida troca de impressões os primeiros passos dados para se abrir a Colónia Penal Agrícola, regressando eu novamente ao Gerez.

Voltei depois em Abril e tornei ao Bom Despacho, organizando já então umas resumidas notas sôbre o preçiso para a instalação da Colónia Penal em que, a par de breves considerações, mostrava o estado em que tudo se achava e o que com urgência seria necessário fazer-se, para dentro de curto prazo a Colónia poder abrir.

Persistindo S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro na intenção de dar cumprimento à lei de 20 de Julho de 1912 na parte referente à Colónia Penal e renovando o convite honroso que já em Fevereiro me annunciara e de que me não dispensaria, dignou-se S. Ex.<sup>a</sup> nomear-me Director da Colónia por despacho de 17 de Abril de 1915, publicando-se logo a seguir o decreto n.º 1506, de 19, que mandava estabelecer a Colónia.



Em 30 do mesmo mês recebia eu das mãos de V. Ex.<sup>a</sup> a posse do meu cargo.

Começou-se então a conferência do arrolamento judicial de quanto restava ainda do que pertencera à congregação religiosa extinta e se encontrava ao cuidado da Comissão Jurisdiccional dos Bens das Extintas Congregações Religiosas, conferência que só terminou em 5 de Junho seguinte, data em que entrei na plena superintendência de tudo e no desimpedido caminho para o trabalho em que andava.

Não se pode avaliar já hoje a desordem em que tudo se encontrava, todos os objectos acumulados em diferentes dependências, numa miscelânea indescritível, e alguns bem distantes dos lugares a que teriam pertencido, muitos havendo ainda inutilizados por completo, outros quasi inaproveitáveis e todos elles resentidos da falta de cuidados, que só uma assistência aturada pode dar e que os sêlos postos pela Justiça impediam provavelmente de fazer-se.

Nos edificios a mesma coisa, encontrando-se até em alguns deles estuques e soalhos abatidos, roupas estragadas pelo bolor ou roídas por toda a sorte de bicharia, buracos e galerias abertas pelos ratos, etc.

De forma que os primeiros passos foram todos de arrumar e seleccionar, restaurar, concertar e limpar.

Começou-se pelo edificio destinado aos colonos, onde houve que passar em revista todas as portas, janelas e pavimentos, fazendo-se os reparos indispensáveis e urgentes, desaccumulando objectos de toda a ordem, para só deixar os que poderiam utilizar-se nos serviços daquela dependência — camaratas, rouparia, cozinha e refeitório, despensa, aulas, casas de lavagens e de banhos, leitaria, etc.

Ao mesmo tempo adaptavam-se edificios a diferentes fins necessários e preparavam-se outros já de destino marcado.

Sendo a Colónia Penal um estabelecimento de natureza essencialmente agrícola, mereceram especial cuidado os preparativos para se lançar a exploração futura, adquirindo-se os primeiros gados, arreios e apeiragens, algumas sementes e miúdas alfaias agrícolas, dispondo-se terrenos para horta e para lavoura, cortando e arrecadando fenos, etc., e, prevenindo a possível vinda breve dos primeiros colonos, compraram-se roupas de cama e de vestuário e alguns géneros de alimentação, ao mesmo tempo que



se montava a secretaria, cujo mobiliário foi adquirido na Cadeia Nacional de Lisboa, os armazens e oficinas, a cozinha e refeitório e se compravam artigos e materiais para os diversos serviços, obtendo-se também do Ministério da Guerra a cedência por compra de 16 carabinas Sneyder, para a policia dos guardas.

Entre as obras nos edificios a que mais dificuldades ofereceu, foi a da adaptação da chamada casa da Quinta de Baixo, ou casa do núncio, por ser ali que o núncio passava no verão a sua temporada anual, a moradia de empregados, sem lhe alterar a sua estrutura e disposição internas e externas.

E assim foi que, entre mal e bem, mas muito mais mal do que bem, lá se poderam arranjar acomodações para oito ou dez empregados e suas famílias, que ali continuarão ainda, enquanto não poderem ser convenientemente alojados em construções propositadamente feitas.

Com uma rápida passagem por todas as dependências se dispoz tudo o melhor que se pôde, para no mais curto prazo a Colónia ser aberta, sendo assim que no dia 21 de Agosto de 1915 ela recebia os primeiros oito presos, vindos das cadeias civis de Lisboa.

Do que foi a inauguração da Colónia se lembra de certo V. Ex.<sup>a</sup>, pois se dignou aqui vir nesse dia acompanhando S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Ministro da Justiça, que quiz honrar êste acto com a sua presença, sendo acompanhado também pelo Ex.<sup>mo</sup> Ministro do Fomento, pelas autoridades judiciaes e administrativas de Sintra e respectiva Câmara Municipal, etc., e, conquanto ainda se visse ao tempo que muito havia por fazer, para dar ao conjunto um aspecto de apropriação e ordem, que bastante lhe faltavam, pode bem dizer-se que só um grande esforço e aturada diligência obtiveram o conseguir-se a abertura da Colónia com a preparação apenas do resumido prazo que vai de 5 de Junho até 21 de Agosto.

Ainda assim, isto só foi possível porque a Colónia veio ser instalada em uma propriedade já feita, com edificios, alfaias, mobílias e muitas outras cousas aproveitáveis: em terra nua, onde faltassem completamente os elementos para a montagem e funcionamento de um estabelecimento dêstes, só ao fim de muito tempo êle se poderia lançar, visto que individuos da natureza dos que teriam de ser os seus habitadores effectivos se não poderiam deslocar sem haver as firmes garantias de disciplina e de segurança.



Claro é que, a-pesar-de tudo, o período de instalação tinha de ser, como foi, prolongado por muito tempo, não só porque os recursos pecuniários eram resumidos, como também porque era preciso ir trazendo os colonos ao trabalho da obra que, afinal, só a eles era destinada.

De forma que, apenas com a direcção dos encarregados dos respectivos officios e com o trabalho de reclusos, se puderam ir gradualmente reparando, melhorando, restaurando muitas dependências e serviços.

Foi preciso reparar muitos telhados, canalizações para água e acetilene, o moinho de vento, pintura e caiação geral dos edificios, apropriar o vasilhame da adega, restaurar alfaias agrícolas, etc.

No edificio dos colonos restauraram-se os telhados, fizeram-se dois soalhos novos e levantou-se um estuque abatido; não havendo ali retretes e não convindo à disciplina que tal facto podesse servir de desculpa à saída de colonos quando estivessem recolhidos, construíram-se quatro no rés-do-chão, com autoclismos e água em abundância; sendo necessário ocupar em camarata para vinte individuos um salão do segundo andar, rompeu-se um estuque do primeiro andar, por onde foi lançada uma escada de comunicação interior e junto dessa camarata, para onde se levou acetilene e água, se assentou uma retrete; apropriaram-se quatro salões a camaratas, cada uma com vinte camas e disposeram-se dois pequenos compartimentos para enfermaria e consultório médico e farmácia; poseram-se em condições de funcionar o refeitório e cozinha e apropriaram-se quartos a moradia de guardas sem família e de antigos colonos que fiquem ao serviço da casa.

No rés-do-chão poz-se em termos de aceio e limpeza e guardeneceu-se de máquinas próprias a leitaria, já anteriormente ali estabelecida, para o fabrico de laticínios; estabeleceram-se as aulas de instrução primária, as casas de lavagens diárias e de banhos dos colonos, a casa de guarda e distribuição de ferramenta agrícola miúda e de uso diário e um gabinete para o chefe dos guardas.

A seguir substituiu-se uma velha e apodrecida escada na casa destinada à moradia do director; construiu-se uma retrete, cousa que lá não havia; caiu-se, pintou-se, e lavou-se tudo, tornando a casa habitável.



Na antiga igreja adaptaram-se a sacristia e parte da capela a prisões disciplinares e o restante a celeiro.

Nos estábulos e pocilgas, onde muito há ainda que fazer, houve reparações várias, incluindo o restauro de uma ponte sôbre a montureira e restaurou-se quási por completo um grande barração para abrigô e guarda de carros e máquinas agrícolas, que foi dividido em três corpos; apeou-se outro, que ficou apenas reduzido aos alicerces, por ameaçar ruína eminente, e restabeleceu-se um terceiro, dividido em arrecadações fechadas e alpendres abertos para trabalho em dias chuvosos.

Nos campos limpam-se numerosas valas, todas elas cheias de velhos matos, ervas e silvas e pedras; limpam-se e regularizam-se ruas e caminhos interiores da propriedade; repararam-se muros, canos de rega e tanques e fizeram-se todos os trabalhos que as necessidades da exploração agrícola iam pedindo.

Restaurou-se um alpendre junto da eira, fortemente arruinado, e perto dele a casa de guarda da debulhadora e, já fora propriamente do recinto da Colónia, restaurou-se ainda uma velha casa de que só restavam as paredes, apropriando-a a residência de um empregado, fazendo-se o mesmo na pequena quinta do Covêlo, na serra, pertencente à Colónia, cuja modesta casa de habitação e outras dependências por igual estavam inabitáveis.

Mais tarde lançou-se do palheiro sôbre os terrenos da eira uma ponte de passagem para transporte de palhas e forragens, que antes tinham de ser içadas a roldana, e junto do edificio que se apropriou a Secretaria construiu-se uma retrete, com autoclismo servido por água em abundância.

Estabeleceram-se as oficinas conforme as necessidades do serviço o iam exigindo, seguindo alguns colonos os officios de carpinteiro, ferreiro, pedreiro e mais tarde sapateiro-tamanqueiro, não para sua aprendizagem, mas em continuação das profissões na vida livre e para utilização das suas aptidões e serviços.

Numa casa como a Colónia Penal, de larga feição agrícola e tendo uma ampla rede de edificios, muros, tanques, alpendres, etc., cabem sempre com occupação permanente os primeiros officios indicados e ainda outros subsidiariamente e, tendo uma elevada população efectiva de internados, igualmente nela cabe com vantagem uma officina de sapateiro.

Efectivamente, tendo-me a principio socorrido, do recurso

urgente de comprar feito o primeiro calçado, ou de o mandar fazer nas vizinhanças, comecei em Fevereiro de 1916 a aproveitar as aptidões de um tamanqueiro, vindo dali por deante a requisitar presos sapateiros para exercerem na Colónia a sua profissão.

Quanto a alfaiate, tem sido e é dispensável esta oficina: não sendo de grandes exigências de factura as roupas que os colonos usam, tenho recorrido sempre, com manifesta conveniência para a Colónia, à Escola Central de Reforma para o sexo feminino, que desde o principio se tem encarregado, com a maior diligência e muito a contento, de fornecer todos os artigos de vestuário dos colonos e de roupas brancas para as camaratas.

Ainda uma instalação importante foi a de uma rede de telefones para serviço interno, de dia, ligando o gabinete da direcção com a cozinha e refeitório, com as diversas oficinas e com o porteiro e outra ligando a casa do director com o porteiro, que é junto dos estábulos, com o edificio da quinta de baixo onde residem os empregados e com as camaratas, para que também de noite êle possa estar em comunicação rápida com serviços e pessoal.

Já no comêço da Colónia fôra estabelecido um telefone de comunicação com a rede geral para Sintra e Lisboa, etc.

Outras dependências importantes se puseram a funcionar em fins de 1917: foram a moagem e panificação, cujas instalações já existiam e que se não utilizaram mais cedo, por só depois da colheita dos trigos daquele ano — a segunda que a Colónia fazia — se crearem na produção interna os elementos para isso necessários.

Aqui fica pois perante V. Ex.<sup>a</sup> em rápida notícia a nota de alguns dos trabalhos a que se tem vindo a proceder, para ficar assente a Colónia Penal Agrícola na orientação em que está, caminho daquela em que definitivamente terá de se fixar.

---



## DISCIPLINA E EDUCAÇÃO

## Regimen interno

**Entrada e movimento de colonos — Penas disciplinares  
Ensino literário e profissional — Relatório médico**

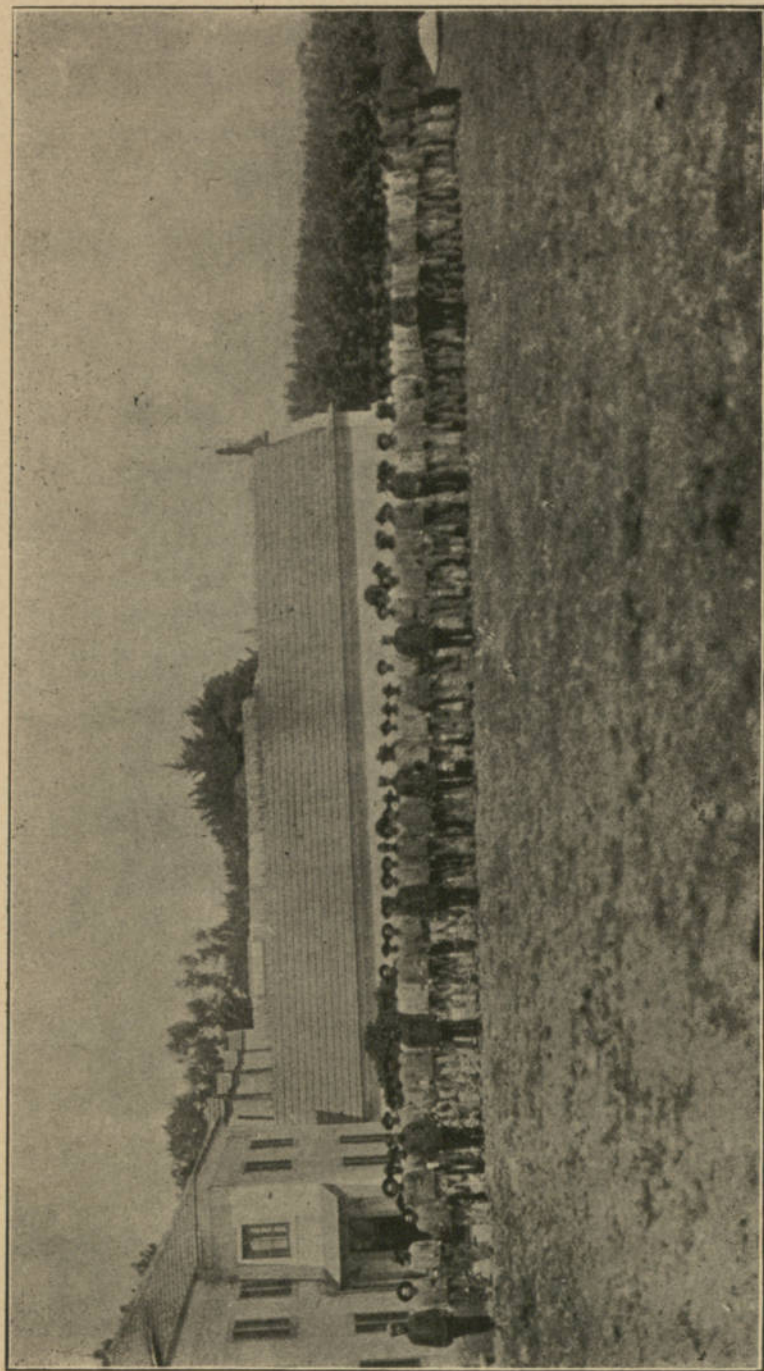
ENTRADA DOS COLONOS. — Certo que toda a acção educativa tinha de girar essencialmente sôbre a base de uma sólida disciplina, foi preciso assentar desde começo no critério de a lançar.

A occupação útil de todo o tempo, que não desse margens à prática, ao pensar, ou à manifestação de actos inconvenientes, e a sua cuidada regulamentação; a educação profissional, ministrada nos campos e nas oficinas; o ensino literário e técnico apropriados ao fim e adaptados aos individuos e por sôbre isto as palestras educativas, periódicamente repetidas, foram e tem sido sempre os melhores e mais certos recursos de govêrno interno com os colonos.

Por outro lado, e porque uma boa obediência para a ordem e para o rude trabalho físico se não compadecem com um regimen de penúria e de necessidades, procurou estabelecer se desde sempre uma alimentação farta, sadia e boa, única que dá a fôrça e gera a energia.

Assim é que desde que o colono entra, ingresa numa vida metódicamente regulamentada, de que elle é o primeiro a surprender-se, pela mudança rápida do meio ambiente e de condições de existência em que se vê lançado.

O corte rente do cabelo e a barba feita, o banho immediato e a substituição pronta dos farrapos que a muitos cobrem e das roupas insufficientes com que se veste a maior parte dos restantes, descalços ou mal calçados quási todos, dá-lhes um ar de hygiene e de confôrto que logo os dispõe bem, impressão boa que é de seguida avivada pela palavra do director, exortando-os ao cumprimento do dever, ao trabalho e aos propósitos de emenda e regeneração, para que bem se integrem nos novos costumes e deles possam colher os resultados bons.



Formatura geral dos colonos





Hóspedes ainda, o resto do primeiro dia é, por assim dizer, de serem tratados como tais, e como que para tomarem conhecimento com a casa e com ela se identificarem, entrando ao serviço só no dia imediato, serviço distribuído a princípio ligeiro e depois aumentando de esforço, conforme as suas condições físicas e outras o permitem.

Em seguida, à primeira oportunidade, todos são cuidadosamente sujeitos a demorado exame médico, a que se segue a vacinação contra a varíola, de que nenhum é dispensado.

A matrícula é feita sobre um questionário extenso, indicações iniciais para a sua biografia, completada depois sobre elementos colhidos nos certificados do registo criminal, sempre solicitados para cada um.

No modelo junto de uma fôlha do livro respectivo se vê a forma como essa matrícula é feita, ficando ainda em cada fôlha um bastante espaço em branco para nele se irem anotando todos os factos especiais ao colono referentes, mesmo depois da sua saída da Colónia, e que ao conhecimento da direcção cheguem com garantias de veracidade.

Cada qual passa desde então a ser conhecido pelo número que lhe corresponde, o qual é pôsto com as iniciais da Colónia em algarismos grandes e a tinta de óleo sobre todas as peças de roupa e vestuário sendo a cada colono distribuídos 3 pares de ceroulas, 3 camisas, 3 calças de cotim, 3 blusas de ganga, 2 camisolas de lã grossa para vestirem exteriormente no inverno, 1 varino, 1 chapéu de feltro preto, 1 chapéu de palha para o verão, 1 par de sapatos, 1 par de tamancos, mais pertencendo a cada um 3 lençois, 3 fronhas para travesseiros, 3 cobertores, 3 toalhas de rosto, 3 guardanapos, tudo igualmente numerado.

Marcada é a cama onde dormem, o lugar da mesa que ocupam no refeitório, o lavatório para as suas abluções matinais.

Talvez tudo isto pareça demasiada concessão para individuos que arrastam sempre atrás de si a má vontade de toda a gente, que, de ânimo ligeiro, só os olha pelo lado mau, sem a preocupação de que é preciso cercar de atractivos e de boas condições a transformação moral que se pretende atingir, e que sem uma boa disposição não há boa vontade e sem esta não há nem disciplina, nem um espírito são.

Uma boa e cuidadosa hygiene nos individuos, nos edificios de moradia assistente, nas roupas e no vestuário completam



o resto, para assegurarem o meio de salubridade que todos disfrutam.

E, já que falei de vestuário, informo V. Ex.<sup>a</sup> de que, tendo-se gasto em roupas novas e calçado, lavagens e concertos até ao fim de 1917 a quantia de 4.350\$29 e sendo de 247 o número total de indivíduos que dela se tem utilizado no mesmo prazo, é de 17\$61,2 a parte que toca a cada um, devendo porêem notar-se que esta importância desce ainda muito, se lhe fôr abatido o valor do vestuário existente, visto que os colonos vão saindo e as roupas vão ficando para outros, excepção feita da que a alguns é dada à saída, por nenhuma terem capaz e não deverem transpor as portas da Colónia para a liberdade miseráveis e andrajosos como entraram.

Dando a cada colono uma média de 240 dias de internato aqui, fica a sua despesa individual em \$07,33 por cada dia no vestuário e calçado, que, repito, deve descer a 2 ou 3 centavos, abatendo-se o valor das roupas e calçado que passaram em existência para 1918.

## Página do livro de matrícula dos colonos

Número de ordem...

Número de matrícula...

*Data de entrada na Colónia...**Nome e alcunha...**Naturalidade...**Último domicilio ou residência...*

<i>Filiação</i>	{	<i>Pai...</i>
		<i>Mãe...</i>

*Idade...**Estado civil...**Profissão anterior...**Dia, mês e ano em que foi preso pela última vez...**Dia, mês e ano da sentença condenatória que o pôs à disposição do  
Govêrno...**Juízo e cartório por onde correu o processo...**Resumo do certificado do registo criminal...**Verificação do seu estado de robustez à entrada da Colónia...**Grau de instrução...**Comportamento nas cadeias de onde proveio...**Resumo das observações dos directores dessas cadeias sobre o seu  
carácter e tendências...**Número do boletim de identificação criminal...**Assinatura do colono...**Datas do despacho e da saída da Colónia em liberdade vigiada...**Motivo da saída da Colónia e profissão que foi exercer...**Data do despacho de liberdade completa...**Notas diversas...*



**MOVIMENTO DOS COLONOS.**— Todos os vadios teem vindo transferidos da Cadeia de Monsanto, onde já contavam um período mais ou menos largo de internato, na situação de entregues à disposição do Govêrno, conservando-se na Colónia até lhes ser dada a liberdade, nos termos da lei de 20 de Julho de 1912 e nos do Regulamento, liberdade completa, ou liberdade vigiada, conforme especiais circunstâncias a que se atende.

A entrega à disposição do Govêrno é marcada por lei de 3 meses até 6 anos, fazendo depender do próprio colono a duração do seu internamento, para cuja finalização deverão contribuir o comportamento e aplicação ao trabalho, demonstrações e propósitos de emenda e de regeneração, a sua situação e educação anteriores, natureza e número de delitos e condenações, etc., indeterminação de pena que concorre para estimular para a breve conquista da apetecida liberdade.

Por outro lado, a liberdade vigiada é um meio eficaz de continuar lá fora a tutela da Colónia, pois que, recomendados os colonos aos cuidados das autoridades a quem sempre vão indicados ao saírem, e imposta, como sempre lhes é, a obrigação de periódicamente se lhes apresentarem, no geral não esquecem, pelo menos durante um certo período, o êrro em que incorreriam, dando lugar à sua intervenção, caminho andado para a liberdade ser retirada e conseqüentemente para o regresso ao Forte de Monsanto.

Não há dúvida de que o princípio da liberdade vigiada introduzido no Regulamento, como complemento ao internato na Colónia, é uma disposição eficaz, principalmente quando as autoridades administrativas ou policiaes a quem a vigilância é solicitada se interessam pelo pedido que lhes é feito.

Desta maneira a Direcção da Colónia, que desde que o internado sai, procura não o perder de vista e procura estar sempre ao par da sua vida e do seu porte, tem muito ajudada a sua missão tutelar e de vigilância sôbre o colono livre.

Mas devo aqui dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que, infelizmente, não tenho encontrado da parte de alguns administradores de concelho o mais insignificante esclarecimento, pois alguns, felizmente raros, tem havido de quem me não tem sido possível obter resposta a mais do que um officio remetidos, quer ao participar a ida do colono, quer ao pedir notícias dele.

Tudo isto, porém, não quer dizer que outras autoridades não tenham diligentemente auxiliado a Direcção da Colónia: muitas



o teem feito, dando-me noticias dos colonos, boas e más, conforme elles as mereciam, indo outros ainda mais longe do queisso.

Neste caso está o commissário de policia de Beja, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ezequiel do Soveral Rodrigues, que a dois colonos que lhe recomendei, os n.<sup>os</sup> 14/122 e 78/130, um em 18 e outro em 23 de Abril de 1917, procurou obsequiosamente collocação, empregando um na cadeia e outro como cantoneiro e continuando a dar-me deles informações, até que por elas solicitei de V. Ex.<sup>a</sup> que lhes fôsse dada a liberdade completa.

Esta autoridade exerceu assim expontâneamente e eficazmente uma acção de patronato e uma assisténcia moral e material que muito seria para desejar ver transportadas da lei pura e simples, em que estão inactivas, para o campo das realizações práticas.

Na verdade, o futuro do correccional apresenta-se como uma interrogação formidável ao transpor o limiar da prisão para a vida social.

¿ Que irá êle fazer da liberdade que lhe é dada nessa hora?

Poderá ter as melhores ideias de regresso ao bom caminho, mas o que é certo, é que a prisão, seja uma cadeia, seja uma colónia penal, marca um estigma que a toda gente põe de opinião reservada, fechando-se todas as portas e cerrando-se toda a acção acolhedora, o que sempre dificulta e inutiliza muitas vezes o ingresso, de quem assim se vê repudiado, numa senda de trabalhos e bons costumes.

No mapa junto do movimento dos colonos, verá V. Ex.<sup>a</sup> que até 31 de Dezembro de 1917 a entrada foi de 247, tendo saído 42 em liberdade completa e 138 em liberdade vigiada.

Daqueles a quem foi dada a liberdade vigiada foi esta retirada de harmonia com o artigo 84.<sup>o</sup> do Regulamento a 23, que deixaram de a merecer, sendo dada a liberdade completa a 38, em virtude das boas informações a seu respeito fornecidas pelas autoridades de cujos cuidados se tinha solicitado a vigilância sôbre o seu comportamento e applicação ao trabalho, ficando por isso ainda 76 em liberdade condicional, por ter morrido 1.

Consta ainda do mesmo mapa a saída de 9 transferidos por castigo para as cadeias civis de Lisboa e 4 para as mesmas cadeias enviados por absoluta incapacidade física para os trabalhos do campo e ainda 1 removido a pedido do 1.<sup>o</sup> Juízo de Investigaçáo Criminal onde tinha contas a prestar, liquidadas as quais voltou segunda vez à Colónia em 24 de Dezembro passado.



Houve também 15 baixas por evasão de colonos, dos quais 11 foram recapturados, voltando novamente ao Forte de Monsanto, alguns com passagem prévia pela Colónia, por lhes ter sido aplicada a pena de expulsão, nos termos do art. 84.º do Regulamento, restando-me ainda esperanças de vir a recapturar os restantes, pois que desde que alguma fuga se dá, eu não me esqueço nunca de que a prisão do fugitivo e a sua volta à Colónia para receber o castigo, representam um grande exemplo e reforçam a disciplina, renovando por isso de tempos a tempos as indagações e diligências precisas.

Como V. Ex.<sup>a</sup> vê, é bem pequena a percentagem das baixas por evasões (6 0/0 em dois anos e meio), muito diminuída ainda se lhe abatermos as recapturas feitas (1,6 0/0).

Emquanto à percentagem das liberdades completas concedidas a colonos que foram em liberdade vigiada, não se pode ela fixar, visto que muitos transitam nesta situação de uns para outros anos, mas pode bem ver-se já que ela representa um número alto, o que mostra que lá fora uma boa parte dos colonos se manteve no cumprimento das obrigações que a Colónia lhes impoz, por modo a merecerem durante muito tempo as boas notícias das respectivas autoridades.

À saída dos colonos é sempre abonada a cada um a importância da passagem para a terra a que se destina, dando-se-lhe uma gratificação pecuniária e o saldo de gratificações mensais que se lhe vão arbitrando para pequenas despesas autorizadas e para pecúlio, que é sempre devidamente arrecadado e escriturado em contas correntes individuais, despesas estas custeadas só pelos rendimentos pecuniários da Colónia.

Além disto, ainda se fornecem a cada colono as peças de vestuário e calçado de que precisa para sair decentemente vestido, o que para alguns não é pouco, precisando de completo enxoval, por em grande número virem das cadeias rôtos, quasi andrajosos e descalços.

No mapa junto verá V. Ex.<sup>a</sup> os artigos de vestuário e calçado fornecidos a reclusos à sua saída da Colónia e o seu valor.

Artigos de vestuário e calçado fornecidos a colonos saídos em liberdade  
nos anos de 1915, 1916 e 1917

Designação	1915		1916		1917		Valor total
	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	
Varinos. . . . .	1	6\$00	6	36\$00	-	-\$-	42\$00
Ceroulas. . . . .	1	\$64	49	31\$36	31	22\$94	54\$94
Camisas. . . . .	1	\$64	31	19\$84	17	15\$30	35\$78
Sapatos . . . . .	1	1\$65	39	82\$88	46	119\$60	204\$13
Calças de cotim. . . . .	-	-\$-	33	38\$94	24	45\$60	84\$54
Blusas de ganga . . . . .	-	-\$-	18	13\$22	18	20\$70	33\$92
Camisolas de lã. . . . .	-	-\$-	3	2\$76	-	-\$-	2\$76
Chapeus de feltro. . . . .	-	-\$-	28	23\$10	14	9\$10	32\$20
Tamancos. . . . .	-	-\$-	1	\$95	2	1\$90	2\$85
Chancas . . . . .	-	-\$-	1	2\$40	-	-\$-	2\$40
Bonés. . . . .	-	-\$-	-	-\$-	7	3\$15	3\$15
		8\$93		251\$45		238\$29	498\$67

Ao colono que saí em liberdade vigiada é dada uma guia, como a que junto aqui, com a qual se apresenta às autoridades e onde por estas são anotadas as apresentações mensais, que a todos é imposta, até merecerem a liberdade completa, que lhes é comunicada depois por um conhecimento impresso igual ao que apresento a V. Ex.<sup>a</sup>, sendo do facto dada participação às autoridades respectivas e ao registo criminal para competente averbamento.

Naquelas guias é indicada em cada uma a autoridade a quem o portador terá de se apresentar e bem assim as obrigações a cumprir enquanto durar a situação de liberdade vigiada.

Antes de terminar esta parte relativa ao movimento dos colonos, não devo deixar sem referência especial o alargamento dos serviços em que eles foram empregados em 1917, organizando-se três secções externas, a título de experiência que eu quiz realizar, para avaliar das possibilidades de maior aproveitamento do trabalho dos presos e que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou autorizar-me, as



quais funcionaram, sempre sôbre a minha freqüente vigilância, uma na Escola Prática de Agricultura de Queluz, desde 25 de Abril até 30 de Setembro, com 15 colonos; outra na Quinta de Penha Longa, desde 17 de Junho até 29 de Setembro com 10 colonos e outra ao serviço da Companhia Cintra Atlântico, desde 1 de Outubro até 20 de Dezembro com 10 colonos, devendo informar V. Ex.<sup>a</sup> de que muito apreciado foi sempre o seu trabalho pelas entidades ao serviço de quem estiveram e que no geral foi sempre bom o seu comportamento. A estes trabalhos correspondeu a remuneração de 732\$13 para receita da Colônia livre das despesas de alimentação.

Mas, mais digna de menção ainda é a circunstância de a Colônia mandar fora as suas máquinas de debulha e enfardagem de palha a vapor acompanhadas por um grupo de colonos, sob as vistas de alguns guardas.

Na faina das debulhas de cereais, em que tanto se fazia sentir na região a falta de máquinas de rápido serviço, para debulhar os trigos e enfardar as palhas, foi êste um beneficio importante prestado pela Colônia à lavoura externa, pelo qual cobrou uma importante receita.

Assim, as máquinas, depois de feito o serviço da Colônia e o de muitos proprietários vizinhos que cá trouxeram os seus trigos, deslocaram-se para a Quinta de Penha Longa, onde estiveram 6 dias; dali foram para a Escola de Agricultura de Queluz, onde ficaram 13 dias, e de Queluz seguiram para a Tapada da Ajuda, onde fizeram a debulha do Instituto Superior de Agronomia em 11 dias, regressando no final à Colônia.

Pelo trabalho de debulha a diversos cobrou a Colônia a quantia de 1.309\$02, deduzidas as despesas de sustento dos colonos e pessoal que os acompanhava e combustível, que foram pagas pelos interessados.

Movimento de colonos de 21 de Agosto de 1915 a 31 de Dezembro de 1917

Anos	Entrados		Saídos										Total das saídas
	Do ano anterior	Entrados	Em liberdade completa					Em liberdade vigiada 83.º do art. 8.º da Colônia	Transferidos para as cadeias civis de Lisboa			Evasões	
			Por terem pena fixada em sentença. Nos termos do n.º 4.º da Portaria 88, de 16-3-916	Por doença (§ 2.º, art. 8.º da Lei de 31-3-913)	Pelo art. 11.º da Lei de 20-9-12 com o 2.º do art. 8.º da Lei de 31-3-913	Entregues ás autoridades militares	Indultados		Por castigo	Por incapacidade para os trabalhos	A ordem do Juiz de Inves-tigação Criminal		
1915	-	35	-	1	-	-	1	2	-	-	3	6	29
1916	29	98	4	1	17	2	57	1	1	1	3	86	41
1917	41	114	5	1	9	2	80	8	1	1	9	117	38
	-	247	9	2	26	4	138	9	4	1	15	209	-

OBSERVAÇÕES

1915. — Ao colono saído em liberdade vigiada, foi dada a liberdade completa por despacho de 8-7-916. Os 3 colonos evadidos foram recapturados, recolhendo à prisão do Forte de Monsanto, dois directamente do Porto, onde foram presos, e um da Colónia, onde fora apresentado pela Polícia de Lisboa.

1916. — Nos 85 colonos entrados está incluído 1 a quem foi retirada a liberdade vigiada, em que estava, o n.º 25/89. Dos 57 colonos em liberdade vigiada foi concedida a liberdade completa a 29, até 31-12-917, sendo 12 em 1916 e 17 em 1917, todos em harmonia com as informações das autoridades respectivas. Foi retirada a liberdade no mesmo tempo a 15, dos quais regressaram 5 à Colónia, 1 em 1916 e 4 em 1917. Dos 13 restantes morreu 1 e passaram ainda, 12 para 1918 em liberdade vigiada. Os 9 colonos evadidos foram recapturados, recolhendo ao Forte de Monsanto, 1 directamente do Porto e 2 depois de terem vindo à Colónia.

A Colónia abriu em 21-8-915 com 8 colonos. No dia 21-8-916, isto é, um ano depois, o número de reclusos era de 80.

1917. — Nos 114 colonos entrados estão incluídos 4 a quem foi retirada a liberdade vigiada em que estavam, os n.ºs 12/56, 18/23, 19/24, 48/58. O colono indultado saiu em 11-10-917 para o Limoeiro, de onde foi posto na fronteira de Espanha, expulso, por ser estrangeiro. Dos 80 colonos saídos em liberdade vigiada foi dada a liberdade completa a 8 até 31-12-917, em harmonia com as informações das autoridades respectivas. Dos 72 restantes foi retirada a liberdade a 6, que recolheram às cadeias civis, passando 64 em liberdade vigiada para 1918.

O colono transferido para o Limoeiro à ordem do Juiz de Investigação Criminal voltou novamente à Colónia em 24-12-917. Era o n.º 51/174. Dos 9 colonos evadidos foram recapturados 5, que recolheram ao Forte de Monsanto, indo 1 directamente de Lisboa, onde foi preso, e os outros 4 depois de terem vindo à Colónia.

O número máximo de reclusos foi de 99 em Julho de 1917.



Guia entregue aos colonos que saem em liberdade vigiada



## MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

### COLÓNIA PENAL AGRÍCOLA

*Por despacho ministerial de ... de ... de 191..., foi concedida a liberdade vigiada, nos termos do § 4.º, do artigo 83.º, do Regulamento, ao colono n.º.../..., ... filho de ... e de ..., natural de..., concelho de...*

*O referido individuo teve ... comportamento na Colónia, onde se empregou em trabalhos de ...*

*Vai residir para ..., rua de ..., n.º...*

*Sai da Colónia no dia ... de ... de 191...*

.....

*Sintra — Colónia Penal Agrícola, ... de ... de 191...*

*O Director, ...*

Documento comprovativo da liberdade completa.  
Entregue aos interessados por intermédio das autoridades  
a cargo de quem esteve a sua liberdade vigiada



## MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

### COLÓNIA PENAL AGRÍCOLA

*Por despacho ministerial de ... de ... de 191..., foi concedida a liberdade completa ao colono n.º .../..., ..., que desde ... de ... de 191..., se encontrava na situação de liberdade vigiada.*

*A liberdade completa foi concedida nos termos de .....*

.....

*Sintra — Colónia Penal Agrícola, ... de ... de 191...*

*O Director, ...*



**PENAS DISCIPLINARES.** — Uma das necessidades, que logo de comêço occorreu como imprescindível, era a de alguma dependência que servisse de prisão disciplinar, visto que não faltariam occasiões em que seria preciso a ela recorrer.

De facto, tive de tomar esta providência, adaptando a tal, como já disse, a sacristia e parte da antiga capela e igualmente uma loja abobadada e de paredes grossas por baixo das abegoarias, onde só entram os punidos por mais graves faltas.

Com estas três prisões se tem castigado todos os delitos, raríssimas vezes succedendo que estejam mais do que uma em serviço.

Como V. Ex.<sup>a</sup> verá pelo mapa respectivo, os castigos são todos por faltas de ligeira importância, a não ser o que foi imposto a um colono sapateiro, que averigui ter entendimentos com um guarda, ao qual forneceu material da officina indevidamente desviado.

Êste colono esteve 8 dias na prisão, de onde saiu para os trabalhos de campo, então a cava da vinha e outros, cousa que muito lhe custou a suportar, visto ser de Lisboa e nunca lhe ter passado pelas mãos uma ferramenta agrícola.

Mais tarde voltou à officina, pois que, afinal, no delicto que expiou, não foi por certo êle o que teve maior culpa.

Há ainda um castigo que não foi propriamente da Colónia, e que por isso talvez não devesse figurar no mapa respectivo: o recluso que o soffreu, tendo-lhe sido imposta a pena de 5 dias de prisão pelo Juízo das Transgressões Fiscaes, cumpriu aquelle castigo, sob prévia consulta minha, na prisão da Colónia, em lugar de o ir cumprir ao Limeiro.

O castigo, porém, que é mais temido e por consequência mais evitado, é o da transferência da Colónia para o Forte de Monsanto, que ainda assim teve de ser applicado a 9, cuja permanência na Colónia era de todo o ponto inconveniente.

Pelo mesmo motivo era inconveniente o regresso à Colónia daqueles que, estando em liberdade vigiada, não mereceram continuar nela, para o que apenas se abriram 5 excepções, e menos ainda que na Colónia continuassem os que dela se haviam evadido e foram recapturados.

Dêstes vieram ainda 7 à Colónia, mandados pelas autoridades captoras, vinda que é de bom efeito disciplinar, seguindo depois para o Forte de Monsanto, e 4 foram directamente das localidades das suas prisões para a referida Cadeia.



A todos tem sido applicada a pena de expulsão da Colónia, nos termos do n.º 6.º do artigo 84.º do Regulamento, máximo castigo que nele se estabelece.

Devo dizer aqui a V. Ex.<sup>a</sup> que nunca me foi preciso applicar qualquer castigo que elle não fôsse sempre bem aceite, não havendo a registar até hoje qualquer acto de violenta indisciplina individual ou colectiva.

Dadas as circunstâncias em que a Colónia funciona, fácil seria a prática de várias transgressões e facilimas as fugas, se porventura pensassem em effectivá-las, quer isoladamente, quer em comum.

Mas tal não tem succedido nunca, havendo mesmo casos de notável obediência.

Entre estes rememorarei o de que dei contas a V. Ex.<sup>a</sup> em 8 de Outubro do ano passado: tendo-se manifestado incêndio na parte da serra de Sintra fronteira à Colónia, fui ali com todos os reclusos, recolhendo cerca das 22 horas. Tempo passado e quando já todos ou quasi todos dormiam, reateou-se o fogo e chamando-os novamente, todos prontamente se dispozeram a marchar e para lá voltámos até às 2 da madrugada seguinte.

Pois, a-pesar do escuro da noite, só interrompido pelas labaredas fortes dos matagais a arder, todos trabalharam com ânimo decidido, nenhum faltando ao toque de unir, ali mesmo feito no final, recolhendo todos em formatura correcta, com a disposição satisfeita de um grande dever cumprido e tanto mais que em pouco fôra atingido terreno da Colónia, antes era quasi todo de vizinhos, de que só um ou outro raro se avistara.

Eram então 54 os colonos existentes.

Boa altura é esta para dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que uma boa disciplina e obediência são facilmente rompidas se não houver o cuidado persistente de conhecer em separado a índole e as qualidades de cada um dos indivíduos que tem de viver na comunidade; mesmo que todos sejam regularmente guiáveis, basta que um appareça com qualidades para se impôr a todos os outros, para a colectividade os seguir, deixando-se arrastar.

São estes *meneurs* que é preciso não perder de vista, para aproveitar as suas qualidades boas, se lhes dá para a boa orientação, ou para os trazer de baixo de mão, se lhes dá a tendência para o inverso.

E é notável como estes indivíduos se fazem valer pelo temor



físico, pela viveza de inteligência e de palavra, e pela superioridade que impõem!

Já pude observar as duas variantes destas influências no meio dos reclusos da Colónia.

A primeira foi logo de começo. Entre os oito presos da inauguração da Colónia, um veio de manifesto ascendente sobre os outros, o que imediatamente reconheci e aproveitei e tanto mais que não se tinha sido completamente feliz na escolha deste grupo.

Era um indivíduo de certa ilustração, comparado com os restantes; bela e desempenada figura, forte, destemido.

Não era o vadio, nem o gatuno vulgares. Era um impulsivo violento que a pena maior levava por assassinato e agressões à Penitenciária, chegando pelo Limoeiro até à Colónia.

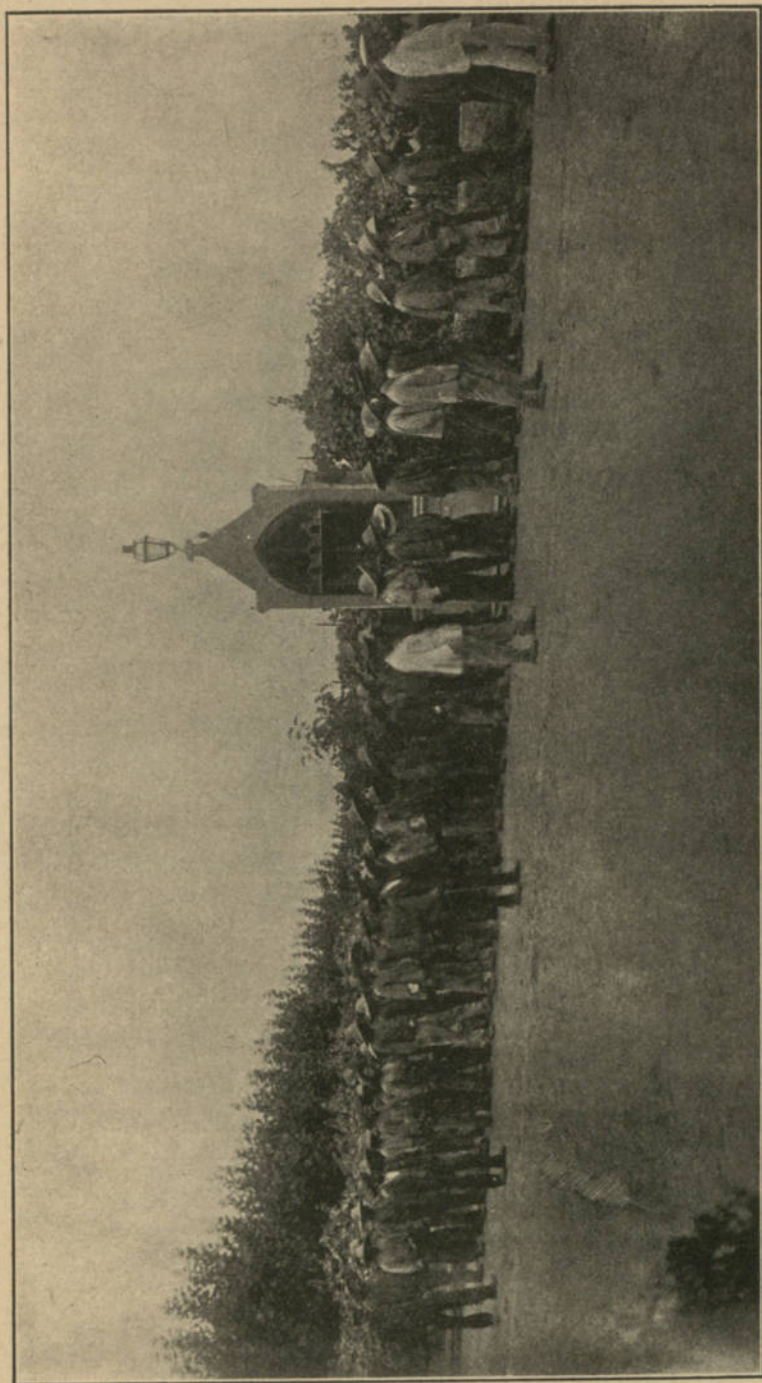
Catequizado, toda a sua influência se exerceu para facilitar a boa marcha de todas as cousas, trabalhando êle mesmo com valor e vontade no seu officio de serralheiro, em que era apreciável.

Mas no ano passado outro colono houve, o n.º 146, gatuno e vadio incorrigível, de largo cadastro e com grandes qualidades de domínio sobre os companheiros.

Espírito vivo, irrequieto e pouco submisso e de certa ilustração, tudo lhe dava para fomentar uma atmosfera de desassocêgo, que eu sabia existir, e de que êle me queria convencer sempre ser devida a causas estranhas à sua influência e por êle contrariada.

Previdentemente toda a sua acção foi a tempo contraminada e porque veio para a Colónia protestando e prometendo muito emendar-se do seu passado e ainda porque tinha familia que o poderia ajudar a entrar na vida, foi-lhe dada em certa altura a liberdade vigiada, mas pouco a gosou, porque dias depois era preso em flagrante de roubo.

E, já agora, não fecharei esta parte sem deixar notada a boa colaboração que à Colónia dá o Director das cadeias civis de Lisboa, procurando sempre escolher entre os centos de vadios que tem à sua guarda os que melhor comportamento teem nas prisões e melhores probabilidades dão de adaptação ao trabalho e de regeneração.



Formatura dos colonos em marcha





Mapa dos castigos disciplinares cumpridos na prisão da Colónia

Anos	Por se negar absolutamente ao trabalho	Por aggressão ou que'stao com outros colonos	Por evasão	Por sentença do Juiz das Transgressões Fiscaes	Por ser reitrada a liberdade vigiada	Por sairem fora dos limites da Colónia sem licença	Por terem dinheiro sem licença	Por tentativa de evasão	Por dar mostras de ter bebido vinho	Por negligencia no trabalho	Por desvio de material da Oficina de Sapateiro	Por falta de respeito a Superiores	Por furto de fruta nos pomares	Mau comportamento nos trabalhos fora da Colónia	Total	Numero dos dias de prisão
1915	-	-	(b) 1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
1916	(a) 1	2	(b) 2	(c) 1	(d) 1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	9	62
1917	-	5	(b) 4	-	(d) 2	-	-	(e) 5	1	(a) 1	(f) 1	8	4	(a) 2	33	127
	1	7	7	1	3	1	1	5	1	1	1	8	4	2	43	190

OBSERVAÇÕES

Além dos castigos punidos com prisão, foi repreendido um colono por se ter desviado dos limites da Colónia e foi transferido outro por 8 dias da oficina de Sapateiro para os trabalhos de campo.

(a) Transferidos depois para as cadeias civis de Lisboa.

(b) Tendo sido recapturados, voltaram à Colónia, onde estiveram detidos na prisão, até serem removidos para as cadeias civis de Lisboa.

(c) Tendo sido comunicada a sentença de 5 dias de prisão, imposta pelo Juiz das Transgressões Fiscaes, foi ela cumprida na Colónia e não no Limoeiro, para onde o réu teria de ser transferido, para regressar depois.

(d) Retirada a liberdade vigiada, regressaram à Colónia, onde continuaram. Houve ainda dois colonos a quem foi retirada a liberdade, regressando à Colónia, mas não sofreram aqui castigo ao reentrarem, por terem estado antes alguns meses no Forte de Monsanto.

(e) Tentativas de fuga malogradas, sendo depois transferidos por castigo para as cadeias civis de Lisboa.

(f) Depois de 8 dias de prisão, foi transferido para os trabalhos de campo, onde esteve 8 dias, antes de voltar à oficina.



DISTRIBUIÇÃO DIÁRIA DO TEMPO.—A boa distribuição do tempo e a sua mais completa e útil ocupação é seguramente um dos melhores meios de ajudar a disciplina e a parte educativa.

A vida da Colónia, regulamentada desde a manhã até ao deitar, decorre sempre com ordem e método, sendo todos os actos anunciados a toques de corneta militar.

Para isso se organizou uma tabela pelos toques de infantaria, precedidos do *signal* da Colónia, que é como segue :

#### Escala de toques para os serviços

Alvorada.  
 Unir ou formar.  
 Sentido.  
 Marcha de continência.  
 Alta do trabalho.  
 Aula.  
 Recolher.  
 Silêncio.  
 Doentes.  
 Comandante do regimento — Director.  
 Officiais — Regente Agrícola.  
 1.º Sargento — Chefe dos guardas.  
 Cabos de dia — Guardas.  
 Ferramenteiro — emprega-se o toque do regimento de cabo de limpeza.

Todos os meses é organizado um horário que acompanha o dia e se adapta às conveniências dos serviços: apresento a V. Ex.<sup>a</sup> um horário de Janeiro e outro de Julho, que bem marcam duas épocas distintas do ano, e pelos quais V. Ex.<sup>a</sup> poderá avaliar do critério seguido.

### Horário para o mês de Janeiro de 1917

#### Dias de trabalho:

Alvorada às . . . . .	6 <sup>3</sup> / <sub>4</sub>
Levantar, lavar, fazer camas e limpeza, até às . . . . .	7 <sup>1</sup> / <sub>4</sub>
Trabalho às . . . . .	7 <sup>1</sup> / <sub>4</sub>
Curativos às . . . . .	7 <sup>1</sup> / <sub>4</sub>
Almôço às . . . . .	8 <sup>1</sup> / <sub>2</sub>
Trabalho às. . . . .	9
Consulta médica (2. <sup>as</sup> e 5. <sup>as</sup> feiras) às . . . . .	9
Jantar às. . . . .	12
Recreio até às . . . . .	13
Trabalho das. . . . .	13 ao pôr do sol
Ceia . . . . .	15 minutos depois do trabalho
Aula de instrução primária (excepto às 5. <sup>as</sup> feiras). . . . .	19 às 20
Aula de agricultura (às 5. <sup>as</sup> feiras). . . . .	19 às 20
Récolher às. . . . .	20

#### Dias de feriado:

Alvorada às . . . . .	7
Levantar, lavar, fazer camas, limpeza, banhos, até às . . . . .	8
Içar a bandeira. . . . .	8
Almôço às . . . . .	8 <sup>1</sup> / <sub>2</sub>
Estudo e correspondência até às . . . . .	10 <sup>1</sup> / <sub>2</sub>
Recreio até às . . . . .	12
Jantar às. . . . .	12
Visita das famílias dos colonos até às. . . . .	14
Recreio, exercícios militares, ginástica, jogos, até . . . . .	ao pôr do sol
Arrear a bandeira. . . . .	ao pôr do sol
Ceia às. . . . .	18 <sup>3</sup> / <sub>4</sub>
Recolher às. . . . .	19 <sup>1</sup> / <sub>2</sub>

*Serviço de barbas* — 6.<sup>as</sup> feiras e sábados de cada semana desde o começo dos trabalhos até ao jantar.

*Banhos* — Todos os dias de manhã, a seguir ao levantar, por escala, de maneira que cada colono tenha pelo menos dois banhos durante o mês.



## Horário para o mês de Julho de 1917

## Dias de trabalho :

Alvorada às . . . . .	6
Levantar, lavar, fazer camas, limpeza, até às . . . .	6 $\frac{1}{2}$
Trabalho às . . . . .	6 $\frac{1}{2}$
Curativos às . . . . .	6 $\frac{1}{2}$
Almoço às . . . . .	8 $\frac{1}{2}$
Trabalho às . . . . .	9
Consulta médica (2. <sup>as</sup> e 5. <sup>as</sup> feiras). . . . .	9 $\frac{1}{2}$
Jantar às . . . . .	13
Recreio até às . . . . .	14
Descanço das . . . . .	14 às 15
Aula de instrução primária (excepto às 5. <sup>as</sup> feiras). .	15 às 16
Aula de agricultura (às 5. <sup>as</sup> feiras) . . . . .	15 às 16
Trabalho das . . . . .	16 ao pôr do sol
Ceia . . . . .	15 minutos depois do trabalho
Recolher . . . . .	30 minutos depois da ceia

## Dias de feriado :

Alvorada às . . . . .	6 $\frac{1}{2}$
Levantar, lavar, fazer camas, limpeza, banhos, até às	8 $\frac{1}{2}$
Içar a bandeira. . . . .	8 $\frac{1}{2}$
Almôço às . . . . .	9
Estudo e correspondência até às . . . . .	10 $\frac{1}{2}$
Recreio até às . . . . .	13
Jantar às . . . . .	13
Visitas das famílias dos colonos até às . . . . .	15
Recreio, exercícios militares, ginástica, jogos, até	ao pôr do sol
Arrear a bandeira. . . . .	ao pôr do sol
Ceia às . . . . .	21
Recolher às . . . . .	21 $\frac{1}{2}$

*Serviço de barbas* — 6.<sup>as</sup> feiras e sábados de cada semana desde o começo dos trabalhos até ao jantar.

*Serviço de banhos gerais* — Far-se há aos domingos até ao almôço no tanque da Quinta de Baixo. Cada colono levará um lençol para se enxugar e roupa lavada para vestir depois.

*Hora oficial* — Adiantado o relógio 1 hora (Decreto n.º 2922 de 30-12-916).

No horário de inverno as aulas de instrução primária e de agricultura, esta ministrada pelo regente agrícola, são à noite, pois que acabando cedo o dia, é preciso por um lado aproveitar bem todo o tempo para os trabalhos e por outro encher um pouco o serão, não o alargando, todavia, no que nenhuma vantagem vinha a haver; no horário de verão as aulas melhor conveem de dia, pelo que teem lugar de tarde a seguir à hora da sesta, em que o calor ainda é forte e o trabalho no campo seria menos activo.

Por vezes as lições de agricultura deixam de se ministrar na aula, sendo substituidas por prelecções explicativas no campo, junto dos respectivos trabalhos e na sua prática. Quando assim é, dá-se também à 5.<sup>a</sup> feira a aula de instrução primária, para não deixar um dia na semana de ocupar o tempo que a aula preencheria.

No serviço de banhos de verão, aos domingos, que são em comum em um grande tanque de água corrente e sob a vigilância dos guardas, cada colono leva um lençol para se enxugar, conservando-se na água de ceroulas vestidas e mudando depois a roupa branca de uso durante a semana pela lavada que ali mesmo veste.

Nos domingos e dias de feriado nacional fazem-se ainda duas formaturas gerais, uma de manhã e outra ao fim da tarde, para içar e arrear a bandeira nacional, actos que decorrem ao som dos toques de continência das cornetas com a solenidade e acatamento indispensáveis perante aquele símbolo augusto da Pátria, que é preciso ensinar a amar e a respeitar.

Em tais dias não é tão fácil de encher o tempo como nos dias de trabalho, mas este inconveniente é levado ao mínimo, intercalando horas para estudo e para correspondência, para visitas das famílias, sempre a horas marcadas e sob as vistas de algum guarda; uma ou outra vez para formaturas e exercícios militares; para jogos físicos, como a malha e o *foot-ball*; para passeios nos limites da Colónia, em grupos vigiados; para palestras educativas do director, etc.

Falando de correspondência, devo assinalar a tendência notável que esta gente tem para a epistolografia, dirigindo-se a várias pessoas, de familia ou não, algumas mesmo que não dão resposta nunca.

Muita da correspondência é para antigos companheiros da prisão, relações que ficaram, amizades ainda não esquecidas, mas que no geral se vão esbatendo a pouco e pouco.



Parece mesmo que a cadeia gerou e mantém uma literatura especial feita de frases altisonantes e consagradas, e untuosidades de expressão, todas uniformes nos intúitos e tendentes a comover pela lamúria e a dispôr a piedade alheia em seu favor, como se de creaturas fôssem absolutamente inofensivas.

Dêsse género recebo eu dezenas de cartas de presos de todo o país a pedirem-me que os salve, que os traga para a Colónia, jurando a morigeração e a regeneração; ao mesmo tempo outras veem, autênticas ou forjadas pelos interessados, de pais, ou mães de presos, sempre velhos e na miséria, para quem os filhos eram o único amparo, e de esposas cercadas de filhos, rotos, famintos, alguns agarrados já pela terrível tuberculose, para quem o braço do marido e pai era o único ganha pão!

Mas tal estratagema, se uma ou outra vez traduzirá uma informação de verdade, é preciso pôr-se sempre de reserva, porquanto o vadio é por via de regra dissimulado e menos verdadeiro, pouca confiança inspirando as suas narrativas, tendenciosas a darem a convicção de serem vítimas do infortúnio ou de injusta perseguição.

Serve, em todo o caso, esta preferência, hoje que a Colónia Penal vai tendo a sua tradição estabelecida, para se aferir a diferença que vai do regimen prisional, limitado às estreitezas de uma cela, ou de um salão, ao regimen de ar livre, embora de trabalho constante e por vezes violento.

Mas não há dúvida de que um certo rigor e certa intimidação são indispensáveis e que preciso é que alguma cousa lembre o duro castigo iminente para os menos dispostos a aceitarem o regimen de trabalho a que teem de se sujeitar: tal tenho observado com referência ao Forte de Monsanto, de que nenhum traz saudades e para onde nenhum desejará voltar.

Devo dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que, sendo toda a vida disciplinar da Colónia acompanhada pelos guardas, o seu serviço é também regulamentado por escala diária, revesando-se êles nos diversos trabalhos de campo, rondas nocturnas, etc.

**ALIMENTAÇÃO.** — A alimentação é um problema bastante embaraçoso de há muito tempo para cá, em que as subsistências com as suas constantes elevações de preços tornam muito custoso êste ramo de administração interna.

Sendo o estomago farto um alto elemento de disciplina, pois

que não se poderá pedir trabalho físico aturado a quem não tenha numa mesa bem reconfortante o meio de resarcir as perdas do esforço consumido, tem-se procurado corresponder o melhor possível a esta necessidade, dentro dos minguados recursos da dotação orçamental, que só por si seriam insuficientes, se não fôsem, felizmente, muito auxiliados pela exploração da propriedade, que elevadamente concorre, fornecendo hortaliças, legumes, cereais, batatas, etc.

Tem sido grande a variedade de tipos de refeições com que se tem vindo a organizar as tabelas mensais da alimentação, as quais variam sempre conforme as conveniências económicas dos mercados na ocasião e conforme as possibilidades de produção interna da secção agrícola.

Dessas tabelas transcrevo as de Agosto e Dezembro passados, sendo certo que em tempos anteriores e em que os preços dos géneros melhor o permitiam, elas eram mais variadas, algumas refeições melhoradas e as rações de pão mais abundantes, dispensando-me porém de reproduzir mais nenhuma, pois bastam aquelas para darem ideia do actual regimen alimentar em duas épocas diferentes do ano.

Quanto ao custo diário da alimentação, incluindo o combustível e o vencimento do cosinheiro, foi êle de \$19 a \$22 em 1915; de \$17,5 a \$24,5 em 1916 e de \$32,1 em Agosto de 1917 e de \$34,3 em Dezembro passado com as tabelas juntas.



## COLÓNIA PENAL

Tabela para a alimentação dos colonos

	Almoço	Jantar	Ceia
Domingo	Arroz . . . . .	Grão de bico. . . . .	Feijão frade. . . . .
	Bacalhau . . . . .	Hortaliça . . . . .	Azeite . . . . .
	Azeite . . . . .	Massa . . . . .	Vinagre. . . . .
	Cebola . . . . .	Toucinho . . . . .	Cebola . . . . .
	Café . . . . .	Fressura . . . . .	Pão. . . . .
	Açúcar . . . . .	Batatas . . . . .	
	Pão. . . . .	Cebola . . . . .	
		Pão. . . . .	
2.ª feira	Bacalhau . . . . .	Feijão branco. . . . .	Hortaliça . . . . .
	Batatas . . . . .	Arroz . . . . .	Grão de bico . . . . .
	Azeite . . . . .	Batatas. . . . .	Arroz . . . . .
	Cebola . . . . .	Toucinho . . . . .	Toucinho . . . . .
	Café . . . . .	Bacalhau . . . . .	Cebola . . . . .
	Açúcar . . . . .	Batatas. . . . .	Pão . . . . .
	Pão. . . . .	Azeite . . . . .	
		Vinagre. . . . .	
	Pão . . . . .		
3.ª feira	Batatas . . . . .	Hortaliça . . . . .	Hortaliça . . . . .
	Hortaliça . . . . .	Arroz . . . . .	Feijão br.º ou am.º . . . . .
	Feijão branco . . . . .	Feijão. . . . .	Arroz . . . . .
	Arroz . . . . .	Toucinho . . . . .	Toucinho . . . . .
	Toucinho . . . . .	Carne de carneiro. . . . .	Cebola . . . . .
	Cebola . . . . .	Massa. . . . .	Pão. . . . .
	Açúcar . . . . .	Pão. . . . .	
	Café . . . . .		
Pão. . . . .			
4.ª feira	Feijão frade. . . . .	Hortaliça . . . . .	Hortaliça . . . . .
	Azeite . . . . .	Massa. . . . .	Feijão br.º ou am.º . . . . .
	Vinagre. . . . .	Grão de bico . . . . .	Arroz . . . . .
	Cebola . . . . .	Toucinho . . . . .	Toucinho . . . . .
	Café . . . . .	Pechelim . . . . .	Cebola . . . . .
	Açúcar . . . . .	Batatas. . . . .	Pão. . . . .
	Pão. . . . .	Azeite. . . . .	
		Cebola . . . . .	
	Pão. . . . .		
5.ª feira	Arroz. . . . .	Hortaliça . . . . .	Hortaliça . . . . .
	Bacalhau . . . . .	Grão de bico . . . . .	Feijão amarelo . . . . .
	Azeite . . . . .	Arroz . . . . .	Arroz . . . . .
	Cebola . . . . .	Toucinho . . . . .	Toucinho . . . . .
	Café . . . . .	Carne de carneiro. . . . .	Cebola . . . . .
	Açúcar . . . . .	Batatas. . . . .	Pão. . . . .
	Pão. . . . .	Cebola . . . . .	
		Pão. . . . .	



## AGRÍCOLA

no mês de Agosto de 1917.

	Almoço	Jantar	Ceia
6.ª feira	Hortaliça . . . . . 0,200 Arroz . . . . . 0,040 Feijão amarelo . . . . . 0,050 Toucinho . . . . . 0,015 Cebola . . . . . 0,008 Café . . . . . 0,010 Açúcar . . . . . 0,030 Pão . . . . . 0,150	Hortaliça . . . . . 0,200 Arroz . . . . . 0,050 Feijão . . . . . 0,050 Toucinho . . . . . 0,015 Bacalhau . . . . . 0,100 Batatas . . . . . 0,200 Azeite . . . . . 0,020 Vinagre . . . . . 0,015 Pão . . . . . 0,300	Hortaliça . . . . . 0,250 Grão de bico . . . . . 0,080 Arroz . . . . . 0,030 Toucinho . . . . . 0,015 Cebola . . . . . 0,008 Pão . . . . . 0,225
Sabado	Bacalhau . . . . . 0,080 Batatas . . . . . 0,150 Azeite . . . . . 0,020 Alho . . . . . q. b. Café . . . . . 0,010 Açúcar . . . . . 0,030 Pão . . . . . 0,150	Hortaliça . . . . . 0,200 Feijão . . . . . 0,050 Arroz . . . . . 0,040 Toucinho . . . . . 0,015 Pechelim . . . . . 0,130 Batatas . . . . . 0,200 Azeite . . . . . 0,010 Cebola . . . . . 0,008 Pão . . . . . 0,300	Feijão br.º ou am.º . . . . . 0,080 Hortaliça . . . . . 0,250 Toucinho . . . . . 0,015 Cebola . . . . . 0,008 Pão . . . . . 0,225

Dom.	Arroz com bacalhau, Café e pão.	Sopa de hortaliça com grão de bico e massa. Fressura guisada com batatas. Pão.	Feijão frade temperado. Pão.
Seg.	Bacalhau guisado com batatas. Café e pão.	Sopa de feijão com arroz e batatas. Bacalhau com batatas temperado. Pão.	Hortaliça com grão de bico e arroz. Pão.
Terça	Hortaliça com feijão, arroz e batata. Café e pão.	Sopa de hortaliça com feijão e arroz. Carneiro guisado com massa. Pão.	Hortaliça com feijão e arroz. Pão.
Quarta	Feijão frade temperado. Café e pão.	Sopa de hortaliça com massa e grão. Pechelim guisado com batatas. Pão.	Hortaliça com feijão e arroz. Pão.
Quinta	Arroz com bacalhau. Café e pão.	Sopa de hortaliça com grão de bico e arroz. Carneiro guisado com batatas. Pão.	Hortaliça com feijão e arroz. Pão.
Sexta	Hortaliça com feijão e arroz. Café e pão.	Sopa de hortaliça com feijão e arroz. Bacalhau com batatas temperado. Pão.	Hortaliça com grão de bico e arroz. Pão.
Sab.	Bacalhau assado com batatas. Café e pão.	Sopa de hortaliça com feijão e arroz. Pechelim guisado com batatas. Pão.	Hortaliça com feijão. Pão.

OBSERVAÇÕES

Quando for possível e convenha, poderá substituir-se o 2.º prato do jantar por sardinhas ou carapaus, ou fazer-se dele refeição da noite. — Os temperos de hortelã, salsa, colorau, pimenta, etc., usar-se hão nas quantidades que bastem ao tempero da comida. — Quando for possível e convenha, dar-se há sobremesa de fruta ao jantar. — Ao jantar dos domingos poderá substituir-se a massa da sopa por acelgas a 0,250. — Quando por motivo de força maior se não possa adoptar alguma das refeições indicadas será substituída por outra da tabela. — O bacalhau das refeições do jantar poderá ser substituído por qualquer outro peixe, quando economicamente convenha. — Os pratos dos almoços e das ceias, com excepção das ceias dos domingos, e os das sopas dos jantares podem ser repetidos.



## COLÓNIA PENAL

Tabela para a alimentação dos colonos e

	Almoço	Jantar	Ceia
Domingo	Queijo fresco . . . . . 1	Grão de bico . . . . . 0,050	Feijão frade . . . . . 0,180
	Café . . . . . 0,010	Hortaliça . . . . . 0,200	Azeite . . . . . 0,020
	Açúcar . . . . . 0,030	Massa . . . . . 0,040	Vinagre . . . . . 0,015
	Pão . . . . . 0,150	Toucinho . . . . . 0,015	Cebola . . . . . 0,008
		Fressura . . . . . 0,200	Pão . . . . . 0,150
		Batatas . . . . . 0,200	
		Cebola . . . . . 0,008	
	Pão . . . . . 0,250		
2.ª feira	Abóbora . . . . . 0,200	Feijão branco . . . . . 0,050	Hortaliça . . . . . 0,250
	Feijão . . . . . 0,050	Arroz . . . . . 0,040	Grão de bico . . . . . 0,080
	Arroz . . . . . 0,040	Hortaliça . . . . . 0,200	Arroz . . . . . 0,030
	Banha . . . . . 0,008	Banha . . . . . 0,008	Banha . . . . . 0,008
	Cebola . . . . . 0,010	Bacalhau . . . . . 0,100	Cebola . . . . . 0,008
	Café . . . . . 0,010	Hortaliça . . . . . 0,200	Pão . . . . . 0,150
	Açúcar . . . . . 0,030	Azeite . . . . . 0,020	
	Pão . . . . . 0,150	Vinagre . . . . . 0,015	
	Pão . . . . . 0,250		
3.ª feira	Batatas . . . . . 0,100	Hortaliça . . . . . 0,200	Abóbora . . . . . 0,200
	Hortaliça . . . . . 0,150	Arroz . . . . . 0,040	Feijão . . . . . 0,050
	Feijão branco . . . . . 0,050	Feijão . . . . . 0,050	Arroz . . . . . 0,040
	Arroz . . . . . 0,040	Banha . . . . . 0,008	Banha . . . . . 0,008
	Banha . . . . . 0,008	Cação ou pechelim . . . . . 0,130	Cebola . . . . . 0,010
	Cebola . . . . . 0,008	Batatas . . . . . 0,200	Pão . . . . . 0,150
	Café . . . . . 0,010	Azeite . . . . . 0,010	
	Açúcar . . . . . 0,030	Cebola . . . . . 0,008	
	Pão . . . . . 0,150	Pão . . . . . 0,250	
4.ª feira	Hortaliça . . . . . 0,250	Hortaliça . . . . . 0,200	Hortaliça . . . . . 0,250
	Feijão . . . . . 0,080	Arroz . . . . . 0,040	Feijão br.º ou am.º . . . . . 0,080
	Banha . . . . . 0,008	Grão de bico . . . . . 0,050	Arroz . . . . . 0,030
	Cebola . . . . . 0,008	Banha . . . . . 0,008	Banha . . . . . 0,008
	Café . . . . . 0,010	Pechelim . . . . . 0,130	Cebola . . . . . 0,008
	Açúcar . . . . . 0,030	Batatas . . . . . 0,200	Pão . . . . . 0,150
	Pão . . . . . 0,150	Azeite . . . . . 0,010	
		Cebola . . . . . 0,008	
	Pão . . . . . 0,250		
5.ª feira	Abóbora . . . . . 0,200	Hortaliça . . . . . 0,200	Hortaliça . . . . . 0,250
	Feijão . . . . . 0,050	Arroz . . . . . 0,040	Feijão amarelo . . . . . 0,080
	Arroz . . . . . 0,040	Grão de bico . . . . . 0,050	Arroz . . . . . 0,030
	Toucinho . . . . . 0,015	Toucinho . . . . . 0,015	Toucinho . . . . . 0,015
	Cebola . . . . . 0,008	Dobrada . . . . . 0,200	Cebola . . . . . 0,008
	Café . . . . . 0,010	Batatas . . . . . 0,200	Pão . . . . . 0,150
	Açúcar . . . . . 0,030	Cebola . . . . . 0,008	
	Pão . . . . . 0,150	Pão . . . . . 0,250	

## AGRÍCOLA

pessoal no mês de Dezembro de 1917

	Almoço	Jantar	Ceia
6.ª feira	Hortaliça. . . . . 0,200 Arroz. . . . . 0,040 Feijão . . . . . 0,050 Banha . . . . . 0,008 Cebola . . . . . 0,008 Açúcar . . . . . 0,030 Café . . . . . 0,010 Pão. . . . . 0,150	Hortaliça. . . . . 0,200 Arroz. . . . . 0,040 Feijão . . . . . 0,050 Banha . . . . . 0,008 Bacalhau . . . . . 0,100 Hortaliça. . . . . 0,200 Azeite . . . . . 0,020 Vinagre. . . . . 0,015 Pão. . . . . 0,250	Hortaliça . . . . . 0,250 Grão de bico . . . . . 0,080 Arroz . . . . . 0,030 Banha. . . . . 0,008 Cebola. . . . . 0,008 Pão . . . . . 0,150
Sabado	Abóbora . . . . . 0,200 Feijão . . . . . 0,050 Arroz. . . . . 0,040 Banha . . . . . 0,008 Cebola . . . . . 0,010 Café . . . . . 0,010 Açúcar . . . . . 0,030 Pão. . . . . 0,150	Hortaliça. . . . . 0,200 Feijão. . . . . 0,050 Arroz. . . . . 0,040 Banha . . . . . 0,008 Pechelim . . . . . 0,130 Batatas. . . . . 0,200 Azeite . . . . . 0,010 Cebola . . . . . 0,008 Pão. . . . . 0,250	Feijão br.º ou am.º . . . 0,080 Hortaliça . . . . . 0,250 Banha. . . . . 0,008 Cebola. . . . . 0,008 Pão . . . . . 0,150

Dom.	Queijo. Café e pão.	Sopa de hortaliça com grão de bico e massa. Fressura guisada com batatas. Pão.	Feijão frade temperado. Pão.
Seg.	Abóbora com feijão e arroz. Café e pão.	Sopa de feijão com arroz e hortaliça. Bacalhau com hortaliça temperado. Pão.	Hortaliça com grão de bico e arroz. Pão.
Terça	Hortaliça com feijão, arroz e batatas. Café e pão.	Sopa de hortaliça com feijão e arroz. Cação ou pechelim guisado com batatas. Pão.	Abóbora com feijão e arroz. Pão.
Quarta	Hortaliça com feijão. Café e pão.	Sopa de hortaliça com arroz e grão. Pechelim guisado com batatas. Pão.	Hortaliça com feijão e arroz. Pão.
Quinta	Abóbora com feijão e arroz. Café e pão.	Sopa de hortaliça com grão de bico e arroz. Dobrada guisada com batatas. Pão.	Hortaliça com feijão e arroz. Pão.
Sexta	Hortaliça com feijão e arroz. Café e pão.	Sopa de hortaliça com feijão e arroz. Bacalhau com hortaliça temperado. Pão.	Hortaliça com grão de bico e arroz. Pão.
Sab.	Abóbora com feijão e arroz. Café e pão.	Sopa de hortaliça com feijão e arroz. Pechelim guisado com batatas. Pão.	Hortaliça com feijão. Pão.

OBSERVAÇÕES

Quando for possível e convenha, poderá substituir-se o 2.º prato do jantar por sardinhas ou carapaus, ou fazer-se dele refeição da noite. — Os temperos de hortelã, salsa, colorau, pimenta, etc., usar-se hão nas quantidades que bastem ao tempero da comida. — Quando for possível e convenha, dar-se há sobremesa de fruta ao jantar. — Ao jantar dos domingos poderá substituir-se a massa da sopa por acelgas a 0,250. — Quando por motivo de força maior se não possa adoptar alguma das refeições indicadas, será substituída por outra da tabela. — O bacalhau das refeições do jantar poderá ser substituído por qualquer outro peixe, quando economicamente convenha. — Os pratos dos almoços e das ceias, com excepção das ceias dos domingos, e os das sopas dos jantares podem ser repetidos.



PROFISSÕES EXERCIDAS NA COLÓNIA PELOS RECLUSOS. — A-pezar de a occupação principal dos colonos ser a dos trabalhos agrícolas, noutras subsidiárias tiveram alguns de ser empregados, pois, como já disse, em uma casa da importância e do movimento interno, como é a Colónia Penal, tem sempre cabimento outras artes e officios.

Para o demonstrar, apresento o seguinte mapa indicativo das profissões exercidas pelos colonos durante o seu internamento.

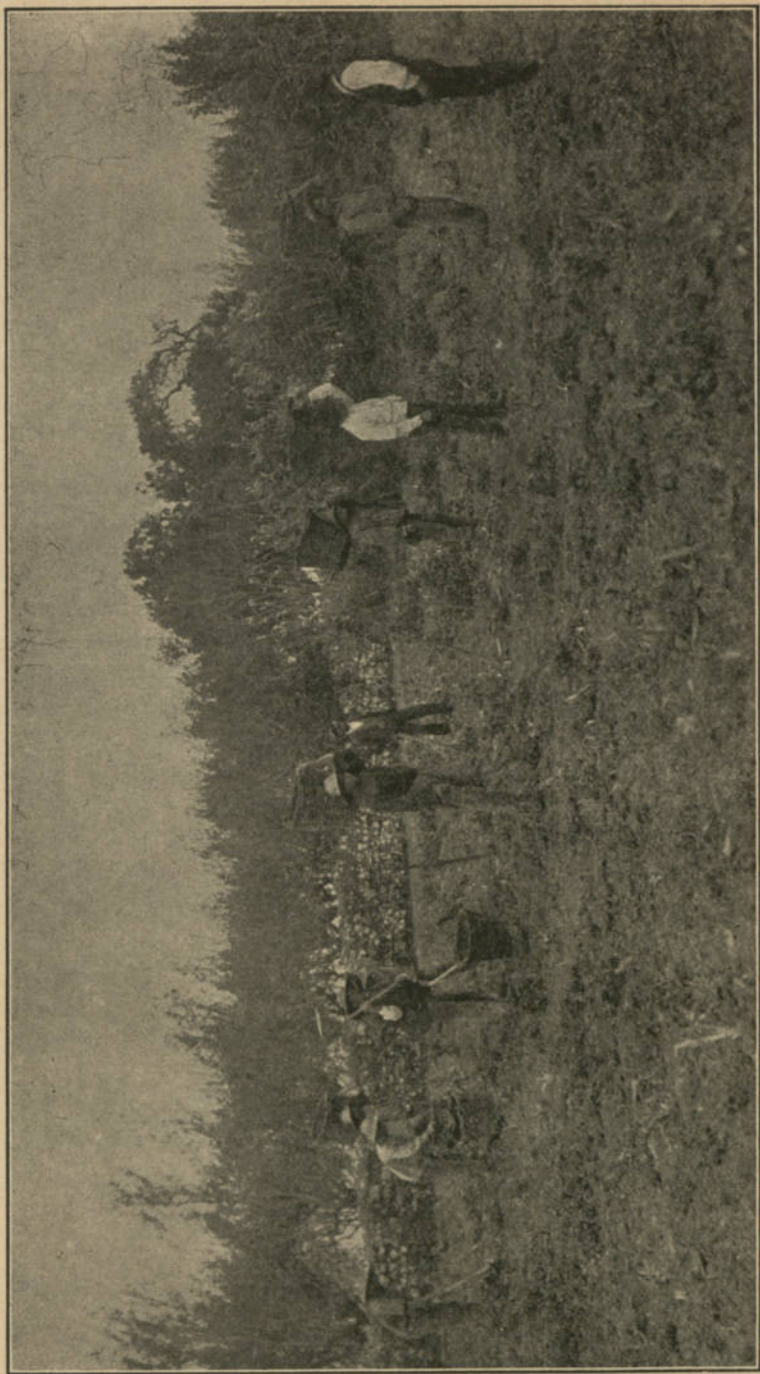
**Profissões exercidas na Colónia pelos reclusos  
desde 21 de Agosto de 1915 até 31 de Dezembro de 1917**

Anos	Trabalhadores de campo	Ferreiros-Serra- lheiros	Serviços domésticos	Carpinteiros	Pedreiros	Pintores	Sapateiros	Total por anos
Em 1915 . . . . .	18	3	3	4	4	3	—	35
De 1915 para 1916. . . . .	15	1	3	4	3	3	—	29
Entrados em 1916 . . . . .	67	5	6	8	3	7	2	98
Total geral em 1916 . . . . .	82	6	9	12	6	10	2	127
De 1916 para 1917. . . . .	33	1	4	1	1	—	1	41
Entrados em 1917 . . . . .	77	5	17	5	3	2	5	114
Total geral em 1917 . . . . .	110	6	21	6	4	2	6	155

DURAÇÃO DO INTERNATO. DESTINO DOS COLONOS. — Não tem período fixado a duração do internato dos presos na Colónia, dentro dos limites mínimo e máximo de 3 meses a 6 anos, que a lei determina, a não ser para aqueles a quem essa duração tenha sido marcada em sentença, que a Portaria n.º 585 de 16 de Fevereiro de 1916 mandou respeitar e cumprir.

Os restantes, a quem a liberdade tem sido dada, tem-se demorado aqui, uns mais, outros menos tempo, conforme as circunstâncias especiais que para cada um se tem tomado em consideração.

Do mapa junto verá V. Ex.<sup>a</sup> qual tem sido essa duração até



Colheita e condução de batata pelos colonos





ao fim de 1917, devendo esclarecer V. Ex.<sup>a</sup> de que nos primeiros tempos foi preciso conceder algumas liberdades em períodos pouco longos, sem aliás serem em nada desmerecidas perante o puro espírito da lei, para bem fazer ver aos beneficiados e a todos os outros que tal regalia não era uma disposição fictícia da lei, mas sim o termo da reclusão conquistada pelo bom comportamento e pela aplicação ao trabalho.

Depois tais períodos teem-se alargado gradualmente, conforme várias considerações o determinam.

Eu bem sei que não se transformam em pouco tempo a alma, o coração e o carácter de uma creatura viciada, mas certo é que todos os reclusos da Colónia Penal quando a ela chegam, veem já com muitos meses e alguns até com alguns anos de prisão de entregues ao Governo, que deles não dispoz nem para lhes aproveitar o trabalho, nem para os morigerar; e esses longos tempos de sofrimento e de clausura, creio bem que em cada um influirão já muito como castigo de repetição a temer, vindo o complemento da Colónia a servir-lhes para de novo os dispôr para a vida, criando ou despertando energias e aptidões desconhecidas, ou embotadas já.

**Duração do internato dos colonos saídos em liberdade (pelo art. 1.<sup>o</sup> da Lei de 20-7-912 fixado em 3 meses a 6 anos)**

Ano	Menos de 3 meses	3 a 6 meses	6 a 9 meses	9 a 12 meses	Total
1915 . . . . .	-	1	-	-	1
1916 . . . . .	(a) 5	41	33	2	81
1917 . . . . .	-	29	67	2	98
	5	71	100	4	180

**OBSERVAÇÕES**

(a) Todos em liberdade completa: 2 mandados entregar às autoridades militares; 2 por terem terminado na Colónia as penas fixadas em sentença; 1 nos termos do art. 11.<sup>o</sup> da Lei de 20-7-912 e art. 9.<sup>o</sup> § único da Lei de 30-6-914.

Todos os colonos saídos, tinham já entre cerca de 1 a 3 anos de prisão, à disposição do Governo, antes de darem entrada na Colónia.

**ENSINO LITERÁRIO.** — Tratando-se de indivíduos adultos, alguns mesmo bastante adeantados em idade, não estão eles já na



boa altura de anos para a aprendizagem de letras. Completamente analfabetos quasi todos, não é com facilidade que aceitam de boamente a escola, pela negação e relutância que mostram no aprendizado, confessando-se incapazes, o que para muitos é visivelmente verdadeiro, de se deixarem penetrar pelas noções do ensino, que só os verdes anos facilitam melhor.

No entanto, todos obrigatoriamente a frequentam e lhe prestam a merecida atenção, devendo confessar-se que muitos aproveitam bastante, adquirindo conhecimentos em que eram absolutamente leigos, ou aperfeiçoando e desenvolvendo as poucas noções literárias que traziam, ou mesmo habilitando-se para exame de instrução primária.

Assim, em 1916 foram habilitados 8 colonos para exame de instrução primária do primeiro grau, os quais se não puderam realizar, por na altura em que solicitei o delegado do Ministério da Instrução Pública, êste não ter sido nomeado e em 1917 foram sujeitos na Colónia ao mesmo exame, sob a presidência de um representante do Ministério da Instrução Pública, 5 colonos, que obtiveram a classificação de *ótimo* (1).

Mas não devo terminar êste capítulo, sem dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que é opinião minha não se dever dar ao ensino literário preferência sobre os trabalhos profissionais de maneira a prejudicá-los, pois que, pelas razões que já indiquei, não só a aprendizagem é já difficil, como, principalmente, porque à saída do colono para as labutas da vida mais precisa de ter creado espirito e hábitos de trabalho, do que adquirido uma educação e conhecimentos literários, que não poderão ser já de molde a constituirem o bom auxiliar que são quando tomados em melhor idade e desenvolvidos com os anos e a experiência.

É por isso que as aulas são apenas uma vez por dia e a horas, quer de verão, quer de inverno, em que os trabalhos do campo não fiquem lesados, não tendo grande duração, excepção feita para os alunos que alguma vez são apurados para exame, e que tem sempre, tempos antes, uma escola mais intensa.

---

(1) Dêstes últimos apenas 1 obteve a liberdade completa pelo seu porte depois de saído da Colónia. 2 evadiram-se, sendo recapturados; 1 foi transferido para as cadeias civis de Lisboa e ao último, que aliás fôra na Colónia um esplêndido trabalhador e bem comportado, teve de lhe ser retirada a liberdade vigiada em que esteve, entrando novamente na cadeia de Monsanto.



No verão, mesmo, em Julho e Agosto passados, quando a ceifa e debulha de cereais solicitavam todos os braços, foram suspensos os trabalhos escolares durante algum tempo, exceptuando para os candidatos a exame.

DELITOS E CONDENAÇÕES ANTERIORES. — Junto aqui também um mapa de onde constam os delitos e condenações dos colonos antes da sua entrada neste estabelecimento, mapa organizado à face dos certificados do registo criminal.

Devo dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que tenho encontrado muitas deficiências em bastantes certificados, de onde não constam pronúncias e condenações posteriores às últimas lá registadas, o que é certamente devido à falta de elementos fornecidos aos respectivos encarregados do registo criminal e ainda à circunstância, muito vulgar nos frequentadores das cadeias, de usarem diversos nomes, dando, ora uns, ora outros.

Sucede até, como se vê no mapa, que certificados do registo criminal existem de que nada consta contra os indivíduos a quem dizem respeito e que todavia contam já, um ou outro, mais do que uma e até muitas condenações.

Por aquela estatística se averigua também que de entre 241 colonos eram 199 solteiros, 37 casados e 5 viúvos; que 138 eram completamente analfabetos e 103 sabiam ler e escrever; que foi alto o número dos naturais de Lisboa e Pôrto e e outros centros de elevada população e que alto foi também o número dos que, sendo de origem de pequenos meios, foram julgados e condenados em cidades, Lisboa e Pôrto principalmente, onde a atracção de mil maneiras os chamou e onde não puderam sustentar-se em equilíbrio moral de maneira a evitarem as quedas que os levaram aos tribunais e às prisões.

É muito grande o número dos vadios que se encontram à disposição do Govêrno pelas diversas cadeias do país, pelo que mal poderão servir como base segura as indicações que fixei no mapa e dele extraí e que só um cadastro geral, onde fossem registados todos os elementos que interessam ao estudo da vadiagem, poderia fornecer. No entanto, parece-me que as notas que organizei, não deixarão de ter um certo interêsse como subsídio a aproveitar em trabalho posterior, a que me dedicarei quando as minhas disponibilidades de tempo o permitirem.

Só então, altura em que pela Colónia terá já passado um



avultado número de reclusos e em que factos e elementos novos se virão juntar, possível será que de tais circunstâncias e de uma mais prolongada observação e experiência, eu possa trazer a V. Ex.<sup>a</sup> mais completas indicações sôbre o estudo dos vadios e sobre a disposição e aplicação dos meios seguidos para a sua reabilitação social, quando viável.



## Mapa dos delitos e das condenações dos colonos, extraído dos certificados do registo criminal

(De 21 de Agosto de 1915 a 31 de Dezembro de 1917)

Numeros		Naturalidade	Idade	Estado civil	Habilitações	Delitos																			Penas				Última comarca onde foi condenado	Observações						
Matrícula	Ordem					Furto e roubo	Vadiagem	Burla	Arma prohibida	Desobediência	Resistência	Homicidio	Ofensas corporais	Insultos & autoridade	Mendicância	Violência sobre menores	Subtração fraudulenta	Ameaças	Dano	Fuga da cadeia	Arrombamento e escalamento	Ofensas a moral	Embraguez	Violência	Abuso de confiança	Injúrias	Introdução em casa alheia	Sedição			Fogo pôsto	Passagem de moeda falsa	Outros crimes	Total dos delitos	Correcional	Multa
1	1	Lisboa	49	Solteiro	Lê	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(a)	-	
2	2	"	40	"	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(a)	-		
3	3	Penafiel	40	Casado	"	3	3	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	Pôrto.		
4	4	Caldas da Rainha	30	Solteiro	"	-	1	-	-	1	2	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	Lisboa.		
5	5	Rezende	27	"	"	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	"		
6	6	S. Tiago de Cacem	24	"	Analfabeto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	Setúbal.		
7	7	Lisboa	20	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	Lisboa.		
8	8	Pôrto	18	"	Lê	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(b)	"	
9	9	Lisboa	46	"	"	2	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	"		
10	10	"	22	"	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	Vila Franca de Xira.	
11	11	Ponte de Sôr	42	Casado	Lê	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	Ponte de Sôr.		
12	12	Lisboa	28	Solteiro	Analfabeto	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	Lisboa.	
13	13	Pôrto	26	"	Lê	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(b)	"	
14	14	Leiria	41	"	"	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	Lisboa.	
15	15	Pôrto	23	"	Analfabeto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(b)	"
16	1	Sabugal	34	Casado	"	1	1	-	3	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	Sabugal.	
17	2	Santarém	36	Solteiro	"	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	Santarém.	
18	8	Louzada	25	"	"	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	Guimarães.	
19	13	Pôrto	26	"	"	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	Pôrto.	
20	15	Póvoa de Varzim	32	Viúvo	"	5	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	Póvoa de Varzim.	
21	16	Penafiel	43	Solteiro	Lê	3	1	-	1	-	-	-	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	Pôrto.	
22	17	Canavezes	21	Casado	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	"
23	18	Lisboa	27	Solteiro	Lê	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	Lisboa.
24	19	Açores	35	Casado	Analfabeto	2	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	Ponta Delgada.
25	20	Torres Novas	32	Solteiro	Lê	-	2	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	Lisboa.	
26	21	Cartaxo	48	Casado	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	Cartaxo.
27	22	Alvaiázere	32	Solteiro	"	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	Ponte de Sôr.	
28	23	Chaves	40	"	"	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	Lisboa.	
29	24	Póvoa de Lanhoso	27	"	Lê	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	Chaves.	
30	25	Oliveira de Azemeis	32	"	Analfabeto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(c)	"
31	26	Lisboa	52	"	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(d)	"
32	27	Almada	40	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	Lisboa.
33	28	Setúbal	21	Solteiro	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	Setúbal.
34	29	Batalha	40	"	"	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	Lisboa.
35	30	Celorico da Beira	37	Casado	Lê	1	1	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	Celorico da Beira.
36	3	Penafiel	34	Solteiro	"	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	Monção.
37	4	Vila Nova de Gaia	39	Casado	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	Pôrto.
38	5	Arco de Val-de-Vez	39	"	"	-	1	-	-	-	-	-	4	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	Arco de Val-de-Vez.
39	31	Vimieiro	43	"	Lê	1	-	-	3	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	Évora.
40	32	Crato	47	Solteiro	Analfabeto	2	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	Estremós.
41	33	Vila Nova de Gaia	26	"	"	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	Pôrto.
42	34	Alemquer	24	"	"	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	Lisboa.
43	35	Elvas	40	Viúvo	"	-	1	-	1	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	Elvas.
44	36	Penafiel	25	Solteiro	Lê	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	Pôrto.
45	37	Ponte da Barca	35	"	"	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	16	Lisboa.

(a) Transferidos para o Limoeiro por incapacidade física para os trabalhos, pouco depois de entrarem na Colónia, não tendo sido por isso pedidos os certificados do registo criminal.

(b) Evadiram-se antes de pedidos os certificados do registo criminal. O n.º 8/8 esteve antes internado na Colónia Agrícola Correccional de Vila Fernando.

(c) No registo criminal da comarca da Feira nada consta contra este individuo, que é lá conhecido pelo nome de Daniel Francisco dos Santos, porém no registo criminal do Pôrto, onde tem o nome de Domingos Ferreira da Silva, consta ter sido pronunciado no 1.º Juizo de investigação criminal de Lisboa por vadiagem.

(d) Nada consta contra este individuo do certificado do registo criminal.



Números		Naturalidade	Idade	Estado civil	Habilitações	Delitos																				Penas				Última comarca onde foi condenado	Observações		
Matrícula	Ordem					Furto e roubo	Vadiagem	Burra	Arma prohibida	Desobediência	Resistência	Homicídio	Ofensas corporais	Insultos à autoridade	Mendicidade	Violência sobre menores	Subtração fraudulenta	Ameaças	Dano	Fuga da cadeia	Arrombamento e escalamento	Ofensas à moral	Embriaguez	Violência	Abuso de confiança	Injúrias	Introdução em casa alheia	Sedução	Fogo pôsto			Passagem de moeda falsa	Outros crimes
46	38	Coimbra	31	Solteiro	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Lisboa.
47	39	Lisboa	30	"	"	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	-	2	Arraiolos.
48	40	Sátam.	26	"	Lê	1	1	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	2	1	6	Sátam.	
49	41	Arcos de Val-de-Vez.	31	"	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	2	Pôrto.	
50	42	Lisboa	33	"	Lê	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5	1	1	1	3	Estremôs.	
51	3	Famalicão	30	"	"	7	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	11	9	5	-	14	Pôrto.	
52	6	Almeirim	37	"	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	-	3	Lisboa.	
53	9	Souzel	22	"	"	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	1	Estremôs.	
54	10	Castelo Branco.	26	"	"	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	2	1	-	3	Castelo Branco.	
55	11	Vila Pouca de Aguiar	34	"	Lê	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(a)	
56	12	Lisboa	25	"	Analfabeto	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Lisboa.	
57	40	Portimão	30	"	"	1	2	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	7	3	-	10	Portimão.	
58	41	Lisboa	31	"	Lê	3	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	3	3	1	7	Lisboa.	
59	43	Tomar	32	"	Analfabeto	4	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	8	6	2	-	8	"	
60	44	Trancoso	29	"	"	4	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	4	3	-	7	"	
61	45	Porto de Mós.	25	"	"	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	2	"	
62	46	Marco de Canavezes.	27	"	Lê	4	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	4	-	9	Pôrto.	
63	47	Castelo Branco.	28	"	"	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	5	3	-	8	Castelo Branco.	
64	48	Lisboa	27	"	"	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	10	7	5	-	12	Lisboa.		
65	49	Beja.	43	"	"	7	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	11	8	5	-	13	Évora.	
66	50	Lisboa	31	"	"	1	2	-	-	-	-	1	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	5	3	-	8	Lisboa.	
67	51	Lamego.	22	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	2	Lamego.	
68	52	Lisboa	24	"	"	2	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	2	-	7	Lisboa.	
69	53	Mafra.	24	"	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	1	Mafra.	
70	54	Vila Velha de Rodam	50	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Elvas.	
71	1	Lisboa	20	"	Lê	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	2	-	5	Lisboa. (b)	
72	7	Aljustrel	20	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Odemira.	
73	8	Castanheira de Pera.	23	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Lisboa.	
74	13	Estarreja	30	Viúvo	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(c)	
75	15	Mafra	29	Solteiro	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	2	Lisboa.	
76	17	Setúbal.	32	"	"	1	2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	2	-	6	"	
77	18	Lisboa	24	"	Lê	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	2	"	
78	20	Bragança	28	"	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	"
79	21	Olhão	27	"	"	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	1	Olhão.	
80	30	Chamusca.	47	"	"	1	-	1	-	-	-	2	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-	1	1	-	-	9	6	-	-	6	Golegã.	
81	55	Vila Nova de Gaia.	54	Casado	Lê	3	1	-	1	-	-	6	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	15	9	6	1	16	Feira.	
82	56	Covilhã	36	Solteiro	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Castelo Branco.	
83	57	Lisboa	43	"	Lê	-	1	-	-	1	3	3	-	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	11	7	3	-	10	Lisboa.	
84	58	Pôrto	21	"	Analfabeto	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	2	-	5	Pôrto.	
85	59	Arraiolos	42	"	"	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	4	2	-	6	Arraiolos.	
86	60	Lisboa	42	"	Lê	2	3	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	6	5	1	-	6	Lisboa.	
87	3	Mangualde	30	Casado	"	-	1	-	-	1	1	1	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	7	3	1	1	5	Mangualde.	
88	16	Póvoa do Varzim.	20	Solteiro	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	2	Póvoa de Varzim.	
89	19	Lisboa	23	"	"	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	-	3	Lisboa.	
90	22	"	21	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	"	
91	23	Pôrto	23	"	Lê	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Pôrto.	
92	24	Santo Tirso.	47	"	"	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	2	-	4	Santo Tirso.	
93	25	Elvas	26	"	"	4	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	9	8	5	-	13	Elvas.	
94	26	Pôrto	24	"	Analfabeto	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	4	3	-	7	Pôrto.	
95	27	Silves.	47	"	"	7	3	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	2	3	-	-	-	-	-	-	-	19	13	10	-	23	Faro.	

(a) Nada consta contra este individuo do certificado do registo criminal da comarca de Vila Pouca de Aguiar.

(b) Esteve antes internado na Colónia Agrícola Correcional de Vila Fernando.

(c) Nada consta contra este individuo do certificado do registo criminal da comarca de Albergaria-a-Velha.



Numeros		Naturalidade	Idade	Estado civil	Habilitações	Delitos																				Penas				Última comarca onde foi condenado	Observações			
Matricula	Ordem					Furto e roubo	Vadiagem	Burla	Arma prohibida	Desobediência	Resistência	Homicidio	Offensas corporais	Insultos à autoridade	Mendicidade	Violência sobre menores	Subtração fraudulenta	Ameaças	Dano	Fuga da cadeia	Arrombamento e escalamento	Offensas à moral	Embriaguez	Violência	Abuso de confiança	Injúrias	Introdução em casa alheia	Sedição	Fogo pôsto			Passagem de moeda falsa	Outros crimes	Total dos delictos
96	28	Lisboa . . . . .	30	Solteiro	Analfabeto	2	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	6	2	-	8	Lisboa.	(a) Foi internado da Colónia Agricola Correcional de Vila Fernando.
97	29	Tomar . . . . .	34	»	»	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	-	3	Tomar.	
98	37	Pôrto . . . . .	27	»	»	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	2	-	3	Pôrto.	
99	39	Loulé . . . . .	21	»	»	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	2	-	5	Loulé.	
100	48	Lisboa . . . . .	25	»	»	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Lisboa.	
101	61	» . . . . .	30	»	Lê	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	3	-	7	»	
102	62	Sezimbra . . . . .	45	»	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	2	Sezimbra.	
103	63	Castelo de Paiva . . . . .	38	»	Lê	4	1	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	6	3	-	9	Castelo de Paiva.	
104	64	Évora . . . . .	20	»	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Lisboa.	
105	65	Pôrto . . . . .	24	»	»	5	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	6	4	-	10	Pôrto.	
106	66	Vila Nova de Gaia . . . . .	32	»	»	4	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	7	3	-	10	»	
107	4	Castelo de Paiva . . . . .	30	»	Lê	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	1	»	
108	5	Amarante . . . . .	27	»	Analfabeto	3	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	7	5	-	12	»	
109	31	Pôrto . . . . .	20	»	Lê	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	4	-	8	» (a)	
110	34	Vila Flôr . . . . .	32	»	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	2	2	-	4	Vila Flôr.	
111	35	Loulé . . . . .	31	»	»	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Loulé.	
112	36	Sezimbra . . . . .	26	»	»	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	1	-	4	Seixal.	
113	38	Serpa . . . . .	35	»	»	-	1	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	5	5	-	10	Serpa.	
114	62	Fundão . . . . .	30	»	Lê	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	-	2	S. Tiago-de Cacém.	
115	67	Monchique . . . . .	36	»	Analfabeto	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3	2	1	6	» " " "	
116	68	Santarém . . . . .	30	»	Lê	1	2	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	7	3	4	-	7	Santarém.	
117	69	Lisboa . . . . .	35	Casado	»	-	2	-	3	2	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	5	5	1	11	Lisboa.	
118	70	Felgueiras . . . . .	29	»	»	5	1	-	-	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	7	3	-	10	Pôrto.	
119	71	Palmela . . . . .	21	Solteiro	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Setúbal.	
120	72	Vila Nova de Gaia . . . . .	28	»	Lê	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3	2	-	5	Pôrto.	
121	73	Pôrto . . . . .	57	»	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	7	-	-	-	-	-	1	2	2	-	-	-	-	-	-	-	14	10	2	-	12	»	
122	14	Beja . . . . .	37	Casado	»	3	1	-	-	2	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	11	7	3	-	10	Beja.	
123	32	Covilhã . . . . .	34	Solteiro	»	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	2	-	5	Lisboa.	
124	33	Pôrto . . . . .	26	»	Lê	4	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	10	7	-	-	7	Póvoa de Varzim. (a)	
125	42	Lisboa . . . . .	27	»	Analfabeto	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	1	-	5	Lisboa.	
126	74	Vila Nova de Gaia . . . . .	25	»	Lê	3	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	8	7	3	-	10	Anadia.
127	75	Pôrto . . . . .	38	Casado	Analfabeto	3	2	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	8	7	6	-	13	Pôrto.
128	76	Funchal . . . . .	38	»	Lê	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	7	2	6	-	8	Santa Cruz.
129	77	Arcos de Val-de-Vez . . . . .	26	Solteiro	Analfabeto	6	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	7	2	-	9	Arcos de Val-de-Vez.	
130	78	Beja . . . . .	30	»	»	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	2	Beja.	
131	79	Pôrto . . . . .	32	»	Lê	2	4	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	9	4	-	13	Pôrto.	
132	80	Moçambique . . . . .	24	»	»	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Lisboa (a)	
133	1	Covilhã . . . . .	24	Casado	Analfabeto	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	2	1	-	3	Covilhã.	
134	2	Vila Nova de Fozcoã . . . . .	45	Solteiro	»	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)	(b)	
135	3	Mesão Frio . . . . .	30	Casado	Lê	2	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	4	-	7	Pôrto.	
136	5	Alcobaga . . . . .	24	Solteiro	»	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	2	Lisboa.	
137	6	Lisboa . . . . .	63	Viúvo	»	4	4	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	9	2	-	11	»	
138	8	Vila Nova de Gaia . . . . .	32	Solteiro	»	5	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	8	2	1	11	Pôrto.	
139	9	Matosinhos . . . . .	34	Casado	»	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5	3	1	7	»	
140	10	Pôrto . . . . .	34	»	»	7	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	12	5	-	17	»	
141	11	Odemira . . . . .	47	Solteiro	Analfabeto	3	1	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	2	2	1	5	Alcácer do Sal.	
142	13	Régua . . . . .	43	Casado	»	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	5	6	-	11	Régua.	
143	15	Odemira . . . . .	26	Solteiro	»	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	2	1	-	3	Portalegre. (a)	
144	17	Pôrto . . . . .	24	»	»	4	1	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	5	3	-	8	Pôrto.	
145	20	Covilhã . . . . .	38	Casado	»	-	1	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	2	-	7	Lisboa.	



Números		Naturalidade	Idade	Estado civil	Habilitações	Delitos																				Penas				Última comarca onde foi condenado	Observações			
Matricula	Ordem					Furto e roubo	Vadiagem	Borra	Arma prohibida	Desobediência	Resistência	Homicídio	Ofensas corporais	Insultos a autoridade	Mendicância	Violência sobre menores	Subtração fraudulenta	Ameaças	Dano	Fuga da cadeia	Arrombamento e escalamento	Ofensas a moral	Embriaguez	Violência	Abuso de confiança	Injúrias	Introdução em casa alheia	Sedição	Fogo pósto			Passagem de moeda falsa	Outros crimes	Total dos delitos
146	22	Moimenta da Beira	24	Solteiro	Analfabeto	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	4	4	-	8	Moimenta da Beira.	(a) Foi internado da Colónia Agrícola Correcional de Vila Fernando.
147	23	Pôrto	19	"	Lê	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1	-	-	1	Pôrto.	
148	16	Paredes de Coura	19	"	Analfabeto	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	3	-	6	Paredes de Coura.	
149	19	Lisboa	23	"	"	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3	2	-	5	Lisboa.	
150	24	"	25	"	Lê	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	1	"	
151	26	Montalegre	24	"	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	-	3	"	
152	27	Estremós	30	"	Lê	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	"	
153	28	Pôrto	23	"	"	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	4	4	-	8	Pôrto.	
154	29	Gondomar	33	Casado	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	4	-	6	"	
155	30	Pôrto	24	Solteiro	"	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	10	4	2	-	6	"	
156	33	Lisboa	32	"	"	-	1	-	1	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	7	3	-	10	Lisboa.	
157	35	Cartaxo	23	"	"	-	1	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	7	1	-	-	1	Setúbal.	
158	37	Évora	24	"	"	-	-	-	-	-	-	3	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	6	2	-	8	Évora.	
159	38	Lisboa	20	"	Lê	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3	1	-	-	1	Lisboa.	
160	1	"	31	"	"	2	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	7	7	1	-	8	" (a)	
161	4	"	23	"	"	-	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	2	-	-	2	" (b)	
162	31	"	28	"	Analfabeto	2	5	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	11	5	-	16	" (c)	
163	34	"	18	"	Lê	2	1	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	3	-	-	3	"	
164	36	Régua	39	"	Analfabeto	-	-	-	3	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	6	5	-	11	Régua.	
165	39	Viana do Castelo	26	Solteiro	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Lisboa.	
166	41	Carraceda de Anciães	27	"	Lê	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	2	Pôrto.	
167	44	Pôrto	33	Casado	"	4	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	6	5	-	11	"	
168	45	Cabeceiras de Basto	38	"	"	-	1	-	-	-	-	6	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	10	2	1	-	3	Cabeceiras de Basto.	
169	46	Covilhã	40	Solteiro	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	6	4	1	11	Covilhã.	
170	47	Lagos	28	"	Lê	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4	2	-	6	Lisboa.	
171	48	Vila Nova de Gaia	20	"	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	2	2	-	4	Pôrto.	
172	49	Marco de Canavezes	50	Casado	Lê	6	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	6	4	1	11	Covilhã.	
173	50	Estarreja	18	Solteiro	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Lisboa.	
174	51	Armamar	68	"	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	4	1	1	-	2	"	
175	52	Certã	31	"	"	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	2	-	5	Certã.	
176	53	Arganil	25	"	"	7	1	-	1	-	-	6	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	17	8	3	-	11	Lisboa.	
177	54	Covilhã	32	"	"	1	1	-	-	-	2	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	10	4	-	14	Covilhã.	
178	55	Cabeceiras de Basto	25	"	Lê	-	1	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	7	1	-	-	1	Cabeceiras de Basto.	
179	56	Gouveia	29	Casado	Analfabeto	4	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	11	8	5	-	13	Lisboa.		
180	57	Loulé	24	Solteiro	"	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3	2	-	5	Loulé.	
181	58	Barcelos	42	"	Lê	8	4	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	8	5	-	13	Pôrto.	
182	59	Beja	23	"	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	2	1	-	3	Beja.	
183	60	Lisboa	26	"	"	4	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	4	1	-	5	Lisboa.	
184	14	Portalegre	37	Casado	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Portalegre.	
185	32	Castelo Branco	42	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	1	1	-	2	Seixal.	
186	33	Pôrto	22	Solteiro	Lê	4	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	6	3	-	9	Pôrto.	
187	42	Lisboa	17	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Lisboa.	
188	61	"	32	"	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	1	"	
189	62	Torres Vedras	27	"	"	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	2	1	-	3	Torres Vedras.	
190	63	Pôrto	21	"	Lê	1	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3	4	-	7	Pôrto.	
191	64	Torres Vedras	26	"	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(d)	(d)	(d)	(d)	(d)	(d)	"
192	65	Faro	28	"	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Aldegalega.	
193	66	Moimenta da Beira	52	"	"	2	2	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	4	4	-	8	Moimenta da Beira.	
194	67	Bragança	26	"	Lê	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	1	Lisboa.	
195	68	Santarém	33	Casado	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	1	-	-	1	Alemquer.	



Números		Naturalidade	Idade	Estado civil	Habilitações	Delitos																				Penas				Última comarca onde foi condenado	Observações				
Matricula	Ordem					Furto e roubo	Vadiagem	Burla	Arma prohibida	Desobediência	Resistência	Homicídio	Ofensas corporais	Insultos a autoridade	Mendicidade	Violença sobre menores	Subtração fraudulenta	Ameaças	Dano	Fuga da cadeia	Arrombamento e escalamento	Ofensas á moral	Embriaguez	Violença	Abuso de confiança	Injúrias	Introdução em casa alheia	Sedução	Fogo pôsto			Passagem de moeda falsa	Outros crimes	Total dos delictos	Correcional
196	69	Pôrto . . . . .	32	Casado	Lê	7	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	12	11	3	-	14	Pôrto.	(a) Nada consta do certificado do registo criminal, mas declarou no acto da entrada na Colónia ter já 4 prisões por furto e desordem, sendo a última condenação no 1.º distrito criminal de Lisboa.
197	70	Lisboa . . . . .	20	Solteiro	Analfabeto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(a)	(a)	(a)	(a)	16	Pôrto.	
198	71	Pôrto . . . . .	37	"	Lê	6	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	11	5	-	14	"		
199	72	Amarante . . . . .	46	Casado	Analfabeto	5	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	8	6	-	14	"		
200	7	Seixal . . . . .	32	Solteiro	"	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	2	-	5	Lisboa.		
201	51	Aljustrel . . . . .	27	"	"	1	1	-	1	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	3	3	-	6	Beja.			
202	29	Vila Nova de Ourém . . . . .	29	"	"	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	4	3	-	7	Vila Nova de Ourém.			
203	70	Fundão . . . . .	21	"	Lê	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3	1	-	4	Lisboa.			
204	73	Fronteira . . . . .	27	"	Analfabeto	-	1	-	-	1	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	7	4	-	11	Evora.			
205	74	Évora . . . . .	44	"	"	2	2	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	5	3	-	8	"			
206	75	Montemor-o-Velho . . . . .	44	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	-	3	Aldegalega.			
207	76	Abrantes . . . . .	43	"	"	5	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	8	3	-	11	Lisboa.			
208	77	Gois . . . . .	48	Casado	Lê	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	2	"			
209	78	Vila Nova de Gaia . . . . .	29	Solteiro	"	3	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	6	6	-	12	Pôrto.			
210	79	Bragança . . . . .	26	"	"	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	-	2	Lisboa.			
211	80	Lisboa . . . . .	21	"	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	-	3	"			
212	81	Évora . . . . .	43	"	"	3	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	3	-	8	Evora.			
213	82	Odemira . . . . .	46	"	"	1	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	6	1	-	7	Lisboa.			
214	83	Pôrto . . . . .	21	"	Lê	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4	2	1	-	3	"			
215	84	" . . . . .	22	"	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	2	Pôrto.			
216	85	Olhão . . . . .	44	"	"	4	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	7	3	-	10	Setúbal.			
217	86	Cabeceiras de Basto . . . . .	36	Casado	"	2	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5	3	4	-	7	Cabeceiras de Basto.			
218	87	Montemor-o-Novo . . . . .	22	Solteiro	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Aldegalega.			
219	88	Caldas da Rainha . . . . .	30	"	Lê	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Caldas da Rainha.			
220	21	Chamusca . . . . .	21	"	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	1	Golegã.			
221	89	Lisboa . . . . .	30	"	"	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	1	Lisboa.			
222	90	Vila Nova de Gaia . . . . .	40	"	Lê	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	-	3	Pôrto.			
223	91	Moura . . . . .	28	"	Analfabeto	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	-	2	S. Tiago de Cacem.			
224	92	Beja . . . . .	35	"	"	-	1	-	-	3	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	5	2	-	7	Evora.			
225	93	Lisboa . . . . .	32	"	Lê	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	5	3	-	8	Lisboa.			
226	94	Madrid . . . . .	36	"	"	-	2	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	1	-	4	"			
227	95	Redondo . . . . .	39	"	Analfabeto	2	1	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	5	4	-	9	Evora.			
228	96	Castro Daire . . . . .	53	Viúvo	Lê	1	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	8	8	-	16	Pôrto.			
229	97	Ovar . . . . .	32	Solteiro	"	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	1	2	3	Ovar.			
230	98	Vizeu . . . . .	27	Casado	Analfabeto	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	2	Pôrto.			
231	99	Beja . . . . .	42	Solteiro	"	3	2	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	6	2	-	8	Evora.			
232	1	Fundão . . . . .	43	"	Lê	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	5	8	-	13	Lisboa.			
233	2	Entre os Rios . . . . .	25	"	Analfabeto	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	4	-	9	Pôrto.			
234	3	Arcos de Val-de-Vez . . . . .	32	"	"	5	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	6	5	1	12	Arcos de Val-de-Vez.			
235	4	Lisboa . . . . .	18	"	Lê	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	(b)	(b)	(b)	(b)	4	Lisboa.		
236	5	Celorico de Basto . . . . .	39	"	Analfabeto	1	1	-	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	2	2	-	4	Celorico de Basto.			
237	6	Vilas Boas . . . . .	27	"	Lê	2	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	3	-	6	Vila Flor.			
238	7	Lisboa . . . . .	43	"	Analfabeto	2	2	-	-	1	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	7	2	-	9	Lisboa.			
239	8	Cabeceiras de Basto . . . . .	39	Casado	"	-	-	-	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	4	-	9	Pôrto.			
240	8	Lisboa . . . . .	24	Solteiro	Lê	3	1	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	5	4	-	9	Lisboa.			
241	10	Caldas da Rainha . . . . .	20	"	Analfabeto	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	Caldas da Rainha.			

(b) Teve apenas uma prisão, sendo condenado na pena de entregue ao Governo.







RELATÓRIO MÉDICO. — Entendi do meu dever incumbir ao médico da Colónia a parte dêste relatório que se refere aos trabalhos clínicos, porquanto só êle era o competente para trazer as notícias completas que eu desejava apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> sôbre êste ramo de serviços.

Antes porém de transcrever as notas e mapas que êle organizou, devo dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que o médico da Colónia, que serve desde o seu começo em 1915, nos termos do art. 114.º do Regulamento, tem sido sempre de uma dedicação e de uma pontualidade inexcedíveis no cumprimento dos deveres do seu cargo, ao mesmo tempo que de um notável carinho e interêsse pelos doentes, sendo também digna de mencionar a V. Ex.<sup>a</sup> a circunstância de, além do cuidado de proceder à vacinação contra a varíola de todos os colonos pouco depois da sua entrada, êle fornecer sempre gratuitamente o sôro necessário.

Nesta altura não ocultarei a V. Ex.<sup>a</sup> a satisfação com que tenho a honra de lhe dizer que, até ao presente, não houve ainda nenhum óbito a registar, não obstante alguns reclusos aqui chegarem de físico bastante abalado e a-pesar-de se terem produzido alguns casos de doenças agudas graves, a tempo debeladas por uma assistência cuidadosa.

Segue o relatório médico.

«No dia 21 de Agosto de 1915 deu entrada na Colónia Penal Agrícola em Sintra, a primeira leva de colonos, constituída por 8 indivíduos.

«Eram os primeiros beneficiados pela lei de 20 de Julho de 1912 que, por proposta do Ministério da Justiça, fôra votada pelo Parlamento, quási sem discussão, iniciativa do mais justificado louvor e que creou entre nós processos de regeneração pelo trabalho, já experimentados, com resultado apreciável, no estrangeiro.

«O Director da Colónia, em pouco tempo e com escassos recursos, conseguira pôr a arruinada propriedade do Bom Despacho em estado de receber os primeiros hóspedes, que ali eram levados numa humanitária tentativa de os arrebatâr ao vício e à miséria, à quási certa perdição pelo crime, procurando acordar nos seus espíritos o sentimento do dever, do amor ao trabalho, da dignidade e do arrependimento, quando alguns restos dêsses sentimentos ainda neles existiam, fazendo-lhes sentir que a sociedade, muitas vezes a maior culpada do seu descalbro moral,



os não abandonou por completo, lançando-lhes uma táboa de salvação.

«Só quem visitou a Quinta do Bom Despacho e as suas dependências pouco tempo antes de ali se instalar a Colónia Penal, pode avaliar bem quanta soma de trabalho, boa vontade, tenacidade e espírito de organização foi necessário para, sem espalhafato, quási silenciosamente, crear esta instalação que, ao cabo de dois anos apenas, podemos admirar.

«Os enormes casarões, com os sobrados arrombados, tectos a derruirem, caixilhos desconjuntados e sem vidros, transformaram-se em amplos, confortáveis e higiênicos dormitórios, cheios de ar e de luz, essa luz, e êsse ar tão necessário para aqueles que veem dos abafados e escuros calabouços, onde a ociosidade conjuntamente com o afãstamento de tudo quanto possa despertar os bons sentimentos, acaba por subverter as últimas probabilidades de regeneração.

«As vastas oficinas silenciosas e abandonadas, vacias de utensílios ou com maquinismos deteriorados e enferrujados, revivem hoje na alegria do trabalho, no ruído produtivo das engrenagens e ferramentas.

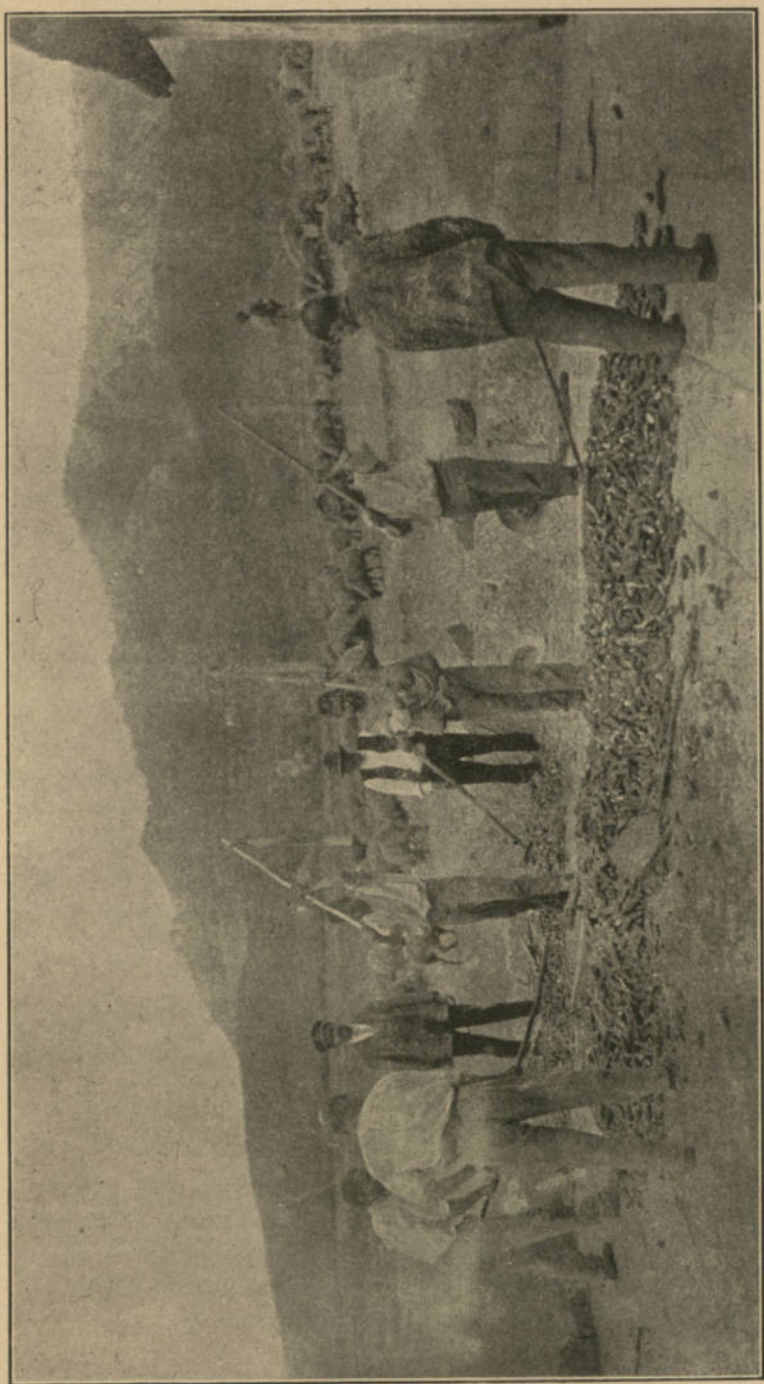
«As terras mal amanhadas e desprezadas sucederam as cearas cuidadosamente cultivadas, as hortas verdes e frescas, os pomares bem tratados, as vinhas de sadio aspecto.

«Nos estábulos que vimos vazios, existem hoje bois de trabalho e vacas leiteiras.

«Os celeiros despejados e sujos, vêmo-los hoje dum aceio irrepreensível e já bem providos com as colheitas realizadas, fructo do trabalho dos colonos.

«Tudo se transformou.

«Êsses próprios homens que transpozeram os portões da Colónia, com o seu aspecto de desleixo, mal vestidos quási todos, esfarrapados muitos, descalços alguns, trazendo ainda consigo o cheiro bafiento das prisões e estampados nos rostos os vestígios da miséria, da degradação ou da indiferença de quem já a cousa alguma pode aspirar se não ao arrastar da sua existência pelas cadeias, êles próprios, depois, lavados, cabelo cortado curto, vestindo as suas blusas de ganga azul escura, com os largos chapéus de feltro no inverno, de palha no verão, passando para o trabalho, desembaraçadas já as suas pernas por muito tempo inactivas pela permanência nas prisões, pelas



Na eira. — Malha de milho pelos colonos





ruas limpas de ervas, areiadas, enxada ao hombro, parecem outros.

«No seu rosto reflete-se a luz dêsse sol que os purifica, a sua pele já sofreu a acção tónica do ar que lhes enche também os pulmões, saneando-os è, estou certo, em muitos deles nasceu a vontade de trabalhar, reviveram energias adormecidas, brotaram propósitos de regeneração.

\*  
\* \* \*

«As condições de alojamento para os colonos são muito boas, satisfazendo plenamente debaixo do ponto de vista sanitário, salvo, é claro, alguns detalhes que a falta de verba não tem permitido, por emquanto, modificar.

«Existem 4 magníficos dormitórios, com esplendidas condições higiênicas, com cubagem mais que suficiente para o número de individuos a que cada um deles se destina.

«Refeitório amplo, cheio de luz, sala de aula, casa de lavagens, oficinas e todas as outras dependências da Colónia preenchem todas as exigências da hygiene.

«A enfermaria, com seis leitos, está independente e pena é que se lhe não tenha podido, por emquanto e por falta de verba, anexar-lhe uma sala de banho e retrete próprias.

«Pelo mesmo motivo, ainda, na enfermaria e no gabinete de consulta há grande deficiência de material de maior necessidade, tendo-se adquirido pouco a pouco o de maior urgência.

«As tabelas de alimentação, elaboradas com o maior cuidado, asseguram o indispensável equilibrio de nutrição dos colonos, apreciado pela pesagem mensal, para o que existem mapas especiais.

\*  
\* \* \*

«Os colonos, à sua entrada, são submetidos a uma rigorosa inspecção médica e sôbre cada um deles é feito um relatório, onde ficam, também notadas todas as vezes que se apresentam à consulta, natureza da doença e tratamento a que são submetidos.

«Todos são inoculados para vacinação ou revacinação contra a variola.



«De comêço as levas de presos que eram enviadas para habitar a Colónia, mais pareciam de indivíduos destinados a um sanatório do que de homens com a robustez necessária para os trabalhos agrícolas.

«Era freqüente enviarem indivíduos fracos, alguns mesmo quási inválidos, tendo acontecido serem reenviados alguns por não apresentarem capacidade física para os trabalhos rudes do campo.

\*

\* \*

«Pelo exame dos mapas do movimento da consulta médica, parece, à primeira vista, que a Colónia em lugar de ser um estabelecimento de trabalho, é uma casa de saúde, um sanatório, onde os reclusos vem tratar-se dos seus achaques, ou, então, que as condições higiênicas de habitação e em que os colonos trabalham, são tão precárias, que a doença os espreita e dêles faz prêsa, mal transpõem os portões.

«O número avultado de consultas e as freqüentes vezes que alguns colonos se apresentam queixando-se de alterações na sua saúde, teem porêem, outra explicação.

«Alguns, tendo permanecido por largo tempo retidos nas prisões, inactivos muitos meses, a maior parte condenados por vadios, sinal de que sempre, ou quási sempre, pouparam ao seu corpo as fadigas do trabalho, outros ainda não tendo nunca feito serviços agrícolas, alguns, também, pela sua não habitação a exporem-se às intempéries do tempo, a sua preguiça de sempre, o seu desabituamento do trabalho, a estranheza aos trabalhos violentos da lavoura, quási imediatamente à sua entrada lhes provoca pequenos incómodos, ligeiras bronquites, dôres musculares, corisas, sensação de fraquêsa, pequenas alterações no aparelho digestivo, de que êles, cuidadosos da sua saúde e tendo médico à sua disposição, prontamente se veem queixar, procurando pretexto para trabalho mais leve e, ainda, porque a vinda à consulta lhes proporciona alguns momentos de descanso, constituindo uma variante à monotonia da sua vida de todos os dias.

«Nos mapas do movimento do consultório se verifica que a maior parte das vezes tratava-se de leves incómodos sem importância ou gravidade.

«O estado sanitário dos colonos tem sido, ao contrário, optimo, poucos tendo sido os casos de doença que teem necessitado internamento na enfermaria.

«Todos êsses casos de alguma importância vão, adiante mencionados separadamente.

«Quanto ao bom ou mau fundamento das dúvidas e descrenças sôbre os resultados práticos que adviriam para a regeneração de vadios pelo seu internamento na Colónia Penal Agrícola, avalia-se, até um certo ponto, apreciando o número de individuos que por ela transitaram e notando quantos voltaram a ter de prestar contas à justiça depois de, apreciadas as suas faculdades de trabalho, bons propósitos de regeneração e bom comportamento durante o seu internamento e liberdade vigiada, lhes ter sido concedida a liberdade completa.

\*

\* \*

«Colono n.º 1. — António Joaquim «O Montepio».

«Entrou na Colónia no dia 21 de Agosto de 1915. Antecedentes pessoais e hereditários sem interesse.

«Logo no dia seguinte ao da sua entrada teve dôr violenta no estômago, vômitos e heatemeses abundantes. Foi chamado de urgência um médico de Sintra, Dr. Cambournac, que lhe ministrou os primeiros socorros, sendo depois transportado para o hospital de Sintra onde esteve em tratamento até ao dia 17 de Setembro, dia em que teve alta, saindo melhorado e voltando para a Colónia.

«Continuou a sofrer de dores no estômago, azia frequente e vômitos. Por vezes notou sangue escuro nas fezes.

«Tratava-se de um caso de dispepsia hiperácida complicada de úlcera do estomago.

«Êste colono, bastante enfraquecido, conservando-se a dieta láctea, esteve em tratamento continuado até Outubro de 1915 e, portanto impossibilitado de trabalhar.

«Para seu tratamento necessitava de repouso absoluto, regimen muito especial, continuado por muitos meses, na eminência de ter de ser operado de um momento para o outro, vendo-me obrigado, por todos êsses motivos, a propôr ao Director a sua remoção para outro estabelecimento onde pudesse ser convenientemente tratado.



temente tratado, mesmo porque se achava perfeitamente deslocado na Colónia, estabelecimento criado para fins bem diversos.

«Colono n.º 2. — Alfredo Ferreira «O Farrusquinho».

«Entrado em 21 de Agosto de 1915. Indivíduo fraco, tendo já estado em tratamento na Assistência Nacional aos Tuberculosos, hospitalizado depois no Hospital do Rêgo durante mês e meio, sofrendo dos olhos desde 1910, apresenta keratite, dacriocistite e conjuntivite com produção abundante de pús. A perda de visão é quasi completa no olho esquerdo e muito comprometida a do olho direito. Sofre frequentemente do estômago e intestinos.

«Submetido a tratamento desde a sua entrada até Outubro, não obtendo melhoras das lesões oculares, necessitando absolutamente dar entrada urgente numa clínica oftalmológica e impossibilitado de trabalhar, propuz ao director a sua remoção nesse sentido.

«Colono n.º 6. — Francisco Luís «O Pulga».

«Entrou para a Colónia no dia 21 de Agosto de 1915. Antecedentes pessoais e hereditários sem importância. Regularmente robusto.

«Em Outubro de 1915 apresentou incómodos intestinais, com diarreia e algum sangue nas dejectões, desacompanhado de febre, de que prontamente melhorou.

«Estes incómodos intestinais voltaram a manifestar-se em Dezembro do mesmo ano, mas, com a aplicação do mesmo tratamento, hóstias com benzonaftol e salol, facilmente desapareceram.

«Em Agosto de 1916 vem à consulta queixar-se de tosse e dôres no peito, sentindo-se fraco.

«Efectivamente acusou uma diminuição de peso de 7 kilos.

«À auscultação encontrei sinais de bronquite espessos pelos dois pulmões. Em outubro a tosse não tinha diminuído e receitei cápsulas de terpinol. Em fins de Outubro a tosse tinha desaparecido, o estado geral melhorou muito e teve alta.

«Foi-lhe concedida a liberdade vigiada em Fevereiro de 1916, ficando a trabalhar na Colónia, onde se conservou por bastante tempo.

«Foi depois trabalhar para Setúbal, donde voltou novamente para a Colónia como trabalhador, apresentando um estado geral



muito deficiente e não deixando mais de ter tosse, sentindo-se muito fraco a-pesar-de se alimentar bem.

«Em Abril de 1917 peorou, notando-se, já então, bronquite e fervores no vértice pulmonar esquerdo, com diminuição de sonoridade à percussão da região subclavicular daquele lado.

«Tratava-se de um caso de quasi certa natureza tuberculosa e, dada a convivência com os colonos, de acôrdo com o Director, foi-lhe facilitada a entrada para o Hospital do Rêgo em Lisboa.

«Colono n.º 18/23. — Manuel Mendes « O Manuel das Moças ».

«Entrou para a Colónia no dia 2 de Novembro de 1915. Nada referiu, digno de nota, quanto à sua hereditariedade e antecedentes pessoais.

«A guia que o acompanhou, trazia a informação do Director da Cadeia donde vinha, de que se intrometia no serviço da policia, quando estava embriagado. Tinha portanto hábitos alcoholicos. De principio negou esse vício, mas depois e instado confessou-o.

«Até Abril de 1916 nada apresentou de importante. No dia 6 dêsse mês veio à consulta queixar-se de tosse e pontada no lado esquerdo do peito.

«À auscultação encontrei um ligeiro atrito de pleura na região axilar esquerda. Com applicação de tintura de iodo e uso de um xarope melhorou prontamente e no dia 13 de Abril teve alta.

«No dia 30 do mesmo mês veio novamente à consulta, queixar-se de que vinha notando um enfraquecimento progressivo de vista, quasi não vendo do olho esquerdo. Apresentava miosis muito acentuada nos dois olhos e abolição dos reflexos à luz.

«Reflexos rotolianos abolidos também. Não havia perturbações de marcha.

«Instado continua negando que tivesse tido sífilis. Informado o Director, resolveu-se mandar êste colono à consulta de olhos ao Hospital de S. José.

«O médico que ali o observou, Dr. Costa Santos, mandou-me o resultado da sua observação; atrofia dos nervos óticos de natureza tabética.

«Dada a gravidade da doença e seu progressivo agravamento, resolveu-se o seu internamento numa clínica de neurologia.

«Emquanto se esteve tratando da sua entrada para o hospital, esteve submetido a tratamento antisifilítico.

«Deu entrada no Hospital de Santa Marta.



«Colono n.º 36/44. — Joaquim Teixeira da Silva « O Sebastião ».

«Entrou para a Colónia no dia 21 de Janeiro de 1916. Cousa alguma de interêsse na sua hereditariedade.

«Antecedentes pessoais: manifestações escrofulosas, de que apresenta sinais característicos no pescoço. Traz uma adenite supurando na face anterior do pescoço.

«Instituído o tratamento devido, o seu estado geral melhorou rápidamente e as adenites supuradas melhoraram progressivamente até completa cicatrização em Junho de 1916.

«Colono n.º 41. — Manuel José de Brito.

«Entrou para a Colónia no dia 21 de Janeiro de 1916. Apresentou-se à inspecção muito enfraquecido.

«Nada referia de interêsse na sua hereditariedade e antecedentes pessoais.

«Ao exame do aparelho respiratório encontrei: respiração rude no lado esquerdo; fervores húmidos na região sub-clavicular e região axilar do mesmo lado; em toda a altura do pulmão esquerdo sinais de bronquite. Sub-massicez a percussão da região sub-clavicular esquerda. Vibrações aumentadas de intensidade do mesmo lado.

«Pelo resultado da observação a que procedi neste colono, pelas lesões pulmonares que encontrei, tratando-se, quasi com certeza, de um individuo atacado de tuberculose pulmonar, desde logo o considere incapaz de permanecer na Colónia, por inapto para trabalhar e perigoso para conviver com os outros colonos.

«Informado o Director, recolheu à enfermaria, no dia 27 de Janeiro de 1916, com recomendação expressa de se observarem todos os cuidados indispensáveis a um caso de doença contagiosa, aguardando-se o resultado de análise bacteriológica de expectoração, para confirmação do diagnóstico, a fim de se darem as providências necessárias à remoção do prêso para outro estabelecimento. No dia 29 evadiu-se da enfermaria, levando as roupas de cama e uniforme.

«Colono n.º 30/80. — Manuel Hipólito.

«47 anos. Entrado na Colónia no dia 18 de Maio de 1916.

«Hereditariedade: diz que tem um irmão que sofre do peito e deita sangue pela boca.



«Antecedentes pessoais: sezões. Sofre de bronquite crónica. Apresenta esbôço de pé equino, do lado esquerdo, com atrofia muscular na perna e côxa do mesmo lado.

«É um dissimulado e está constantemente procurando pretextos para se esquivar ao trabalho. Devido à sua idade, bronquite crónica e deformidade no membro inferior esquerdo, foi-lhe sempre distribuído trabalho pouco pesado. Não obstante isso, raro é o dia em que se não apresenta à consulta, dizendo que devido ao seu estado de saúde não podia trabalhar.»

«Desde Maio de 1916 a Fevereiro de 1919 apresentou-se 37 vezes no consultório.

«Se algumas vezes tinha efectivamente motivo para procurar o médico, como quando teve intertrigo ou quando a sua bronquite sofria exacerbações, a maior parte delas era unicamente com o fito de se esquivar ao trabalho, ainda que leve.

«Em Janeiro de 1917 veio queixar-se de perda de apetite e grande fraqueza. Informações do refeitório diziam que era um dos colonos que mais comia e mandando-o pezar, tinha mais 4 kilos de pêso do que quando entrara para a Colónia.

«Não conseguindo obter dispensa do trabalho, pediu para ser transferido para a cadeia de Monsanto donde viera.

Esteve na prisão por se negar ao trabalho, mas tudo foi inútil, sendo por fim enviado para Monsanto.

«Colono n.º 55/81. — Domingos da Silva Peixe.

«54 anos. Entrou para a Colónia no dia 18 de Maio de 1916. Causa alguma de importante quanto à sua hereditariedade.

«Antecedentes pessoais: sempre foi saudável. É homem robusto.

«Em Julho de 1916, estando a auxiliar os trabalhos com a debulhadora a vapor, teve que ajudar, com uma alavanca, o deslocamento da máquina, para o que empregou violento esforço. Sentiu nessa ocasião uma violenta dôr na região sacro-lombar, tendo de abandonar imediatamente o trabalho e recolher à cama, sendo-lhe impossível, por muito doloroso, qualquer movimento com o tronco.

«Pelo enfermeiro foram-lhe imediatamente dispensados os primeiros cuidados até à minha comparência.

«Pela observação a que procedi reconheci tratar-se de distensão muscular e ligamentosa da região sacro-lombar, região onde o doente devia ter pouca resistência devido a um violentíssimo



traumatismo sofrido há tempo, com uma machada, de que conserva largas e bem visíveis cicatrizes.

«Com aplicação de lenimentos, repouso, banhos salgados quentes, etc., foi melhorando, embora muito lentamente, levando muito tempo a restabelecer-se e não podendo mais entregar-se a trabalhos de fôrça.

«Colono n.º 22/90 — Raul dos Santos.

«21 anos. Entrou para a Colónia no dia 17 de Junho de 1916.

«Hereditariedade: o pai faleceu de tuberculose pulmonar e a mãe de congestão cerebral.

«Antecedentes pessoais: saudável até aos 19 anos. Foi para a África entregue ao Governo, e ali teve várias vezes febres palustres, sofrendo do baço.

«Em 2 de Novembro de 1916 recolheu à enfermaria com uma bronquite intensa, acompanhada de febre alta e expectoração sanguinea, tudo parecendo indicar tratar-se de uma pneumonia o que não se confirmou.

«Com aplicação de ventosas, quinino e outros medicamentos, melhorou, tendo alta em 16 do mesmo mês.

«Colono n.º 61/102 — Vicente Caliça.

«45 anos. Entrou para a Colónia no dia 17 de Junho de 1916.

«Hereditariedade: sem interêsse. Antecedentes pessoais: sezões e bronquite há três meses. Apresenta cifose. É fraco.

«Em 22 de Junho veio à consulta queixar-se de que se sente esfalfado. Tem diligenciado trabalhar, mas vê que lhe faltam as fôrças.

«Tem dôres lombares e nos joelhos, tosse, falta de ar e dôres no peito. Pede para o mandarem novamente para a cadeia de Monsanto, visto ser-lhe impossível trabalhar.

«Fiz uma comunicação ao Director, apreciando o estado de saúde dêste colono e considerando-o pouco apto para trabalhar.

«Foi transferido.

«Colono n.º 3/135 — Alexandre Teixeira Coimbra Júnior.

«30 anos. Entrou para a Colónia no dia 23 de Fevereiro de 1917.

«Hereditariedade: referé que a mãe faleceu em consequência de uma queda na ocasião de um ataque dos que lhe costumavam



dar. Não sabe descrever êsses ataques. Antecedentes pessoais: uma pneumonia há três meses na cadeia de Monsanto.

«Diz que tem ataques desde os 8 anos. Pela descrição que faz deles parece tratar-se de epilepsia. Teve baixa do serviço militar por êsse motivo. Nenhuns estigmas especiais lhe encontrei. Parece inteligente. Sabe ler e escrever e é trabalhador.

«Diz que teve um ataque no dia 8 de Março de 1917, não vindo à consulta com receio de que o mandassem para a Cadeia de Monsanto.

«Tratamento pelo brometo de potássio. Não houve pessoa alguma que presenciasse o ataque para mo descrever.

«Em Maio veio dizer que notava nas fezes umas sementes brancas, que depois verifiquei serem anéis de tenia.

«Tomou extrato de feto macho e expeliu uma tenia com vários metros de comprimento.

«Nunca mais teve ataques, a não ser em Julho, mas êste, muito naturalmente simulado, pois foi em seguida a ter sido castigado por falso testemunho.

«Saiu da Colónia no dia 23 de Agôsto de 1917.

«Colono n.º 15/134 — Jacinto da Silva.

«26 anos. Entrou para a Colónia no dia 23 de Fevereiro de 1917.

«Hereditariedade e antecedentes pessoais sem interêsse. Esteve na secção de Queluz, regressando à Colónia no dia 28 de Junho de 1917, por estar doente.

«Queixa-se de dores no estômago, vomitando em seguida às refeições e tem tosse. O estado geral é muito deficiente; vem muito emagrecido, tendo perdido 6 kilos.

«Ligeiramente febril. À auscultação noto bronquite bastante intensa. Nos dias seguintes as temperaturas elevaram-se mais, chegando a atingir 38°,9.

«Em 12 de Julho as melhoras acentuam-se e toma tónicos para combater o seu estado de grande enfraquecimento.

«Em fins de Julho ainda o colega Cambournac, que veio substituir-me na visita, lhe encontrou fervores na região lateral esquerda do torax. Continua com a medicação tónica, regimen alimentar especial e tratamento indicado para a sua bronquite.

«O estado geral vai melhorando e tem alta da enfermaria a 6 de Agôsto, continuando em tratamento e autorizado a sair para



a quinta, conservando a alimentação especial. Em 20 de Agôsto, curado. Alta. Alimentação geral.

«Colono n.º 8/138 — Gaspar Pereira.

«32 anos. Entrou para a Colónia no dia 23 de Fevereiro de 1917.

«Hereditariedade: diz que a mãe faleceu de tuberculose pulmonar aos 29 anos.

«Antecedentes pessoais: sofre de dispepsia há 3 anos. Em Março veio à consulta queixar-se de dores no estômago e azia. Instituído no tratamento de saturação de excesso de acidez gástrica, não deixa mais de estar em tratamento do estômago, tendo alternativas de melhoras e períodos em que passa peor, vomitando em seguida às refeições e sendo obrigado a seguir dieta exclusivamente láctea.

«Em 16 de Agôsto apresenta-se à consulta, muito melhor, não vomitando, alimentando-se razoavelmente e não tendo azia. Continua no entanto, a fazer uso da medicação saturante.

«Colono n.º 38/159 — Casimiro dos Santos Dias «O Caneladas».

«20 anos. Entrou para a Colónia no dia 17 de Março de 1917.

«Hereditariedade e antecedentes pessoais sem interêsse. Em 29 de Março de 1917 é atacado de calafrios, quebramento de forças, forte pontada na região mamilar esquerda e a temperatura sobe a 39º,9. Tem muita tosse e expectoração sangüinea. Á auscultação reconheço uma pneumonia lombar esquerda. A doença segue o seu curso normal, sem complicações e no dia 1 de Abril faz-se a desfeverescência. Em 5 de Abril continua epirético e começa a alimentar-se.

Curado tem alta a 12 de Abril. No dia 25 de Junho pesa mais 4 kilos do que quando entrou para a Colónia.

«Colono n.º 4/161 — Paulo dos Santos Dias.

«28 anos. Entrou para a Colónia no dia 14 de Abril de 1917.

«Hereditariedade sem interêsse. Antecedentes pessoais: contraiu sífilis há 4 anos, tendo já levado 4 injeções de 914.

«Em Abril veio à consulta queixar-se da garganta. Apresenta placas sifilíticas. Institui o tratamento anti-sifilítico. Em Junho aparece-lhe uma orquite, muito provavelmente da mesma natureza sifilítica.

«Continua com o tratamento anti-sifilítico, mas, não apresentando melhoras, proponho ao Director a sua remoção para fora da Colónia por perigoso de contagiar os outros colonos. Saiu da Colónia no dia 4 de Agosto de 1917.

«Colono n.º 66/193 — Joaquim dos Santos.

«52 anos. Entrou para a Colónia no dia 1 de Maio de 1917.

«Hereditariedade e antecedentes pessoais sem cousa alguma de interesse. Embriagava se frequentes vezes.

«No dia 12 de Novembro de 1917 regressou à Colónia, vindo da fábrica geradora de electricidade de Sintra onde estava trabalhando com outros colonos; queixando-se de fortes dôres de cabeça e grande abatimento, apresentando-se com febre, receitei-lhe um purgante e recolher à enfermaria. No dia seguinte teve enterorragias abundantes, que se repetiam sempre que ia evacuar.

«À palpação do ventre provoca-se ligueira dôr; o fígado um pouco aumentado de volume; língua saburrosa. As temperaturas manteem-se elevadas, tendo atingido 40º na tarde do dia 13.

«Refere que a água que bebia na fábrica é má, dizendo toda a gente dali que costuma provocar dôres nos intestinos.

«Com compressas frias sôbre o ventre, bismuto e hóstias com salol, começou melhorando. No dia 28 de Novembro estava sem febre e no dia 12 de Dezembro teve alta, saindo curado da enfermaria.

«Enterite com anterorragias.

«Sintra, Colónia Penal Agrícola, 31 de Dezembro de 1917. — O médico, (a.) *Carlos Barral Moniz Tavares.*»

Por aqui ficam, pois, perante V. Ex.<sup>a</sup> as considerações que tenho a honra de lhe apresentar nesta primeira parte do meu relatório geral sôbre a Colónia Penal Agrícola, desde as primeiras diligências que a ela dediquei até ao fim do ano de 1917.







## Mapa do movimento do consultório

Número dos colônias	Data da entrada	Dias em que se apresentaram à consulta																		Classificação das doenças	Resultado do tratamento	
		1915				1916								1917								
		Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Fevereiro	Abril			Maió
1	21-8-915	20-23-27-30	4-11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Úlcera no estomago	Ligeir.º melhorado.
2	"	13-23-30	4-7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Keratite; dacriocistite; conjuntivite	Mesmo estado.
3	"	13-27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Ferida no pé	Curado.
4	"	-	14-21-25	22-29	9-16-20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Ligeira bronquite	"
6	"	-	14-21	4-22-29	16	24-31	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Tuberculose pulmonar	Mesmo estado.
7	"	13-15	-	8-15-22-29	-	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Dispepsia	Curado.
8	"	13-23-27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Ferida na perna	"
9	13-5-915	-	-	-	27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Ligeira bronquite	"
11	"	-	14-18-21-25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Hemorroidal	"
12	"	-	-	-	-	14-28	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Ligeira bronquite	"
14	"	23	18-21-25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Hemorroidal	"
15	"	27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cefalalgia	"
1/16	2-11-915	-	-	15	20-27	-	-	20-23-27-30	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite; gastralgia	"
2/17	"	-	-	-	-	7-21-28	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Abcesso na gengiva	"
13/19	"	-	-	15	27-30	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite	"
15/20	"	-	-	-	-	-	-	2-9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cefalalgia; adenite inguinal	"
17/22	"	-	-	-	-	-	-	9-13	6-10-13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Dôr de dentes	"
18/23	"	-	-	-	-	-	-	9-13-16	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Anorexia; pleurite; tabes com atrofia dos nervos óticos	Sem melhoras.
19/24	"	-	-	-	-	-	-	9-13-16-23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Reumatismo; prisão de ventre	Curado.
20/25	"	-	-	-	9-15-18-20-27	-	-	20-23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Úlceras de perna; bronquite asmática	"
21/26	"	-	-	15-29	20-30	20	-	20-23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite crônica	Melhorado.
22/27	"	-	-	-	13-27-30	-	-	20-23-27	-	11-15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Pleurodinia; reumatismo muscular	Curado.
23/28	27-11-915	-	-	-	-	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Aenê; prisão de ventre; sezões	"
24/29	"	-	-	-	-	21-28	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Lumbago	"
25/30	"	-	-	-	2-9-20	-	-	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Reumatismo	"
26/31	"	-	-	-	-	24-28	-	2-7-30	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Hemorroidal	Melhorado.
28/33	"	-	-	-	20	21-28	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Oxiuros; pleurodinia	Curado.
29/34	"	-	-	-	-	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Corisa	"
30/35	"	-	-	-	20-30	-	-	6-10-13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite	"
4/37	21-1-916	-	-	-	27-31	14-24-28	-	2-9-13-23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite; periostite	Melhorado.
5/38	"	-	-	-	-	7-14-28	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Reumatismo	Curado.
35/43	"	-	-	-	-	14	-	-	-	12-15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Vermes intestinais; oxiuros	"
36/44	"	-	-	-	21-27-31	14-28	-	2-16-27	5	1-4-29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Escrofulismo	Melhorado.
37/45	"	-	-	-	31	7 a 28	-	2 a 27	5 a 24	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Gripe; bronquite; pleurite	"
38/46	"	-	-	-	27	-	-	6	-	8 a 29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Ferida no pé; hepatite	Curado.
39/47	"	-	-	-	-	-	-	23	-	1-4-15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Aene; reumatismo muscular	"
40/48	"	-	-	-	-	7-14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Pleurodinia; epilepsia	Melhorado.
41/49	"	-	-	-	21-27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Tuberculose pulmonar	Evadiu-se.
3/51	15-1-916	-	-	-	-	-	-	-	-	18-21-29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Timpanismo abdominal	Curado.
6/52	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Dôres musculares	"
9/53	"	-	-	-	-	-	-	-	-	1-4-8-11-15	29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Trazorelho; cefalalgia	"
10/54	"	-	-	-	-	-	-	-	-	4-8-11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Trazorelho	"
11/55	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Nefrite	Melhorado.
40/57	"	-	-	-	-	-	-	-	16-27	8-15-18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Sarna	Curado.
41/58	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Fraqueza geral	"
43/59	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Reumatismo agudo	"
44/60	"	-	-	-	-	-	-	-	-	11 a 29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Intertrigo; fraqueza geral	"
45/61	"	-	-	-	-	-	-	-	24-27	8-11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Laringite crônica; diarreia	Melhorado.
46/62	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Fraqueza	Curado.
47/63	"	-	-	-	-	-	-	-	-	8	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Abcesso na gengiva; embaraço gastro intestinal; diarreia	"
49/65	"	-	-	-	-	-	-	-	-	11-15-22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Prisão de ventre; otite externa; dôr de dentes	"
50/66	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inapetência; fraqueza geral; diarreia; fraqueza geral	Melhorado.
51/67	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Diarreia	Curado.
52/68	"	-	-	-	-	-	-	-	-	25-29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inapetência; prisão de ventre; dôr de dentes	"
54/70	"	-	-	-	-	-	-	-	-	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Parodite	"

NOTA. — Nos meses que não figuram neste mapa não houve movimento no consultório.







## Mapa do movimento do consultório

Número dos colonos	Data da entrada	Dias em que se apresentaram à consulta												Classificação das doenças	Resultado do tratamento
		1946						1947							
		Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril		
1/71	18-5-916	-	-	-	-	-	-	-	-	4-15	-	-	-	Perdas seminais . . . . .	Curado.
7/72	"	22-29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Conjuntivite . . . . .	"
8/73	"	25-29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira . . . . .	"
13/74	"	25	19-29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Timpanismo abdominal; ligeira bronquite; dór de dentes . . . . .	"
15/75	"	29	12-29	3-10-13-17-24	-	18	-	-	-	-	-	-	-	Fraqueza; bronquite; amigdalite . . . . .	"
17/76	"	-	8-12-22	13	7-17	18	-	-	-	-	-	-	-	Forunculose; anestesia do radial; escoriações . . . . .	"
18/77	"	-	-	-	-	-	2-16-23-30	9	-	-	-	-	-	Simulação de doença . . . . .	"
20/78	"	-	-	-	-	-	19	-	-	-	-	-	-	Dór de dentes; zona; reumatismo . . . . .	"
21/79	"	22-29	-	-	-	-	5-9-15-19	-	7-11	-	-	-	-	Conjuntivite; erupção do dente do siso; bronquite . . . . .	"
30/80	"	25	15	24	17-30	-	-	-	21	4 a 29	1	-	-	Bronquite; intertrigo . . . . .	Melhorado.
57/83	"	-	-	24-27-31	3	4 a 28	2-9	-	-	-	-	-	-	Hemorroidal; fraqueza . . . . .	Curado.
58/84	"	25-29	-	-	28	-	-	-	-	-	-	-	-	Acné . . . . .	"
59/85	"	25	19	3-6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite; dór na região inguinal . . . . .	"
3/87	17-6-916	-	-	27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Dór de dentes . . . . .	"
16/88	"	-	19-29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Coriza; reumatismo muscular; bronquite . . . . .	"
19/89	"	-	22	-	-	-	-	2-9	-	4-15	-	-	-	Conjuntivite; bronquite; dór de dentes; lumbago . . . . .	"
22/90	"	-	-	22	-	-	2	23-27	-	-	-	-	-	Conjuntivite; bronquite . . . . .	"
23/91	"	-	-	-	10	-	-	30	2-4-6-9-13-16	-	-	-	-	Dór de dentes; eczema da face . . . . .	"
24/92	"	-	-	31	7-10	4-14-26	5	-	-	29	1-5	-	-	Diarreia; bronquite; bronquite . . . . .	"
25/93	"	-	-	-	24-30	-	-	-	-	-	-	-	-	Pleurite . . . . .	"
27/95	"	-	-	-	-	-	-	-	-	15-18-25	-	-	-	Lumbago . . . . .	"
28/96	"	-	-	6-10-13	17-24	7-11-26	2-9	30	11-28	4-18-22-25	1-5-8-18	-	-	Gastralgia; enterite; otalgia; furunculose; intertrigo; gastralgia . . . . .	Melhorado.
29/97	"	-	-	-	-	-	16	23-27	4	-	-	-	-	Pleurodinia; reumatismo . . . . .	Curado.
37/98	"	-	-	-	-	7-28	-	16-23-27	-	4-15-18	-	-	-	Edema de pálpebra; azia; reumatismo; bronquite; reumatismo . . . . .	"
39/99	"	-	-	31	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Abcesso na gengiva . . . . .	"
48/100	"	-	-	-	-	11	-	-	-	-	-	-	-	Prisão de ventre . . . . .	"
61/101	"	-	-	-	-	-	-	20-23-27-30	4-7-11	-	-	-	-	Bronquite . . . . .	"
62/102	"	-	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite; fraqueza . . . . .	"
63/103	"	-	-	-	3-10	7	5-9-19-23	-	-	-	-	-	-	Angina; ascárides; bronquite; fraqueza . . . . .	"
64/104	"	-	-	-	10	4	-	-	-	-	-	-	-	Prisão de ventre . . . . .	"
65/105	"	-	29	3-6-10-13	17	-	-	6	-	-	-	-	-	Conjuntivite; cistite; conjuntivite . . . . .	Melhorado.
66/106	"	-	-	-	-	-	-	13-16	28	-	-	-	-	Abcesso no mento; aftas . . . . .	Curado.
4/107	15-7-916	-	-	24-31	3	-	-	-	-	-	-	-	-	Corisa . . . . .	"
31/109	"	-	-	-	-	4	-	-	4	-	1	-	-	Ferida na mão; azia; pontada no peito . . . . .	"
34/110	"	-	-	24-31	3-7-10	4	9-13-30	13	27-28	15-24	8	-	-	Dór de dentes; eritema pruriginoso; estomatite; gengivite; conjuntivite; diarreia . . . . .	"
36/112	"	-	-	-	3	-	-	-	-	-	19	-	-	Prurido generalizado; ligeira bronquite . . . . .	"
38/113	"	-	-	-	-	4	19	-	5-7-11-14-18	-	-	-	-	Furunculose; ferida no ante braço . . . . .	"
62/114	"	-	-	20	-	-	-	-	18	-	2-22	-	-	Acné; gastralgia . . . . .	"
67/115	"	-	-	27	-	-	9-15-23	-	-	25	1	-	-	Dór de dentes; bronquite ligeira . . . . .	"
68/116	"	-	-	-	-	28	-	-	-	-	-	-	-	Otalgia . . . . .	"
69/117	"	-	-	-	7-10-17	-	2-5-9	23-27	-	-	-	-	-	Manifestações sífilíticas; cistite; reumatismo . . . . .	Melhorado.
70/118	"	-	-	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	Dór de dentes . . . . .	Curado.
71/119	"	-	-	-	-	-	10	-	-	-	-	-	-	Ferida no pé . . . . .	"
72/120	"	-	-	-	7-10	-	-	30	4-11-28	-	-	12-15-19	-	Embaraço gástrico; angina; contusão; dispepsia . . . . .	"
73/121	"	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	Dór de dentes . . . . .	"
14/122	17-8-916	-	-	-	-	-	5	-	-	25	5-8-22	-	-	Reumatismo; fraqueza . . . . .	"
32/123	"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8-12	-	Gastralgia . . . . .	"
33/124	"	-	-	-	-	11-18	-	-	-	-	-	-	-	Miopia; ftiariase púbica . . . . .	"
42/128	"	-	-	-	-	7-11-14	-	-	21-28	-	-	-	-	Lichen; corisa . . . . .	"
74/126	"	-	-	-	-	-	-	16-20-23	-	-	-	29	-	Bronquite; pleurite; bronquite ligeira . . . . .	"
75/127	"	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira . . . . .	"
76/128	"	-	-	-	-	-	-	-	7-11-14-28	-	-	-	9	Bronquite; embaraço gástrico . . . . .	"
77/129	"	-	-	-	-	7-11-14	2	23-27	-	25-29	1	22-26-29	-	Adenite axilar; dór de dentes; reumatismo; bronquite . . . . .	"
79/131	"	-	-	-	-	-	-	20-23-27	-	-	-	-	-	Bronquite . . . . .	"

NOTA. — Nos meses que não figuram neste mapa não houve movimento no consultório.







## Mapa do movimento do consultório

Número dos colonos	Data da entrada	Dias em que se apresentaram à consulta												Classificação das doenças	Resultado do tratamento	
		1918														
		Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro				
1/133	23-2-917	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira . . . . .	Curado.
2/134	"	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Acné . . . . .	"
3/135	"	-	19-29	10-14	-	14-25	5-26	-	-	-	-	-	-	-	Epilepsia?; tenia; diarreia; contusão; ataque epileptico; dores articulares. . . . .	Melhorado.
5/136	"	-	-	-	-	18-25	-	-	-	-	-	-	-	-	Angina . . . . .	Curado.
6/137	"	-	2	-	24	4	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite . . . . .	"
8/138	"	-	15	19-30	7-14-24-28	4-11-25	2-12-25	16	-	-	-	-	-	-	Dispepsia . . . . .	Melhorado.
10/140	"	26	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Otalgia; ligeira bronquite . . . . .	Curado.
11/141	"	-	-	26	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Ligeira bronquite . . . . .	"
13/142	"	-	29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Pleurodinia . . . . .	"
15/143	"	-	26	-	-	-	2 a 31	6-8-13-16-20	-	-	-	-	-	-	Ligeira bronquite; bronquite grave . . . . .	"
17/144	"	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira . . . . .	"
30/145	"	-	2	-	-	-	31	13-16	-	-	-	-	-	-	"	"
22/146	"	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	Otalgia . . . . .	"
16/148	17-3-917	-	-	2-19	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira; dôr de dentes . . . . .	"
19/149	"	-	22-26-29	2-5	-	28	-	-	-	-	-	-	-	-	Pneumonia; bronquite . . . . .	"
24/150	"	-	-	-	-	25	31	-	-	-	-	-	-	-	Fraqueza . . . . .	"
26/151	"	-	19	-	-	-	-	-	18	4	-	-	-	-	Ferida no pé; hernia inguinal estrangulada . . . . .	"
27/152	"	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira . . . . .	"
28/153	"	-	-	-	24	14	-	-	-	-	-	-	-	-	Úlcera de perna . . . . .	"
29/154	"	-	26	-	24	4-14	-	-	-	-	-	-	-	-	"	"
30/155	"	-	29	5	-	28	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite; dôr de dentes . . . . .	"
35/157	"	-	-	-	-	21-28	2-5-12	-	-	-	-	-	-	-	Pleuresia secca . . . . .	"
37/158	"	-	29	5	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite; gastralgia . . . . .	"
38/159	"	-	29	2-5-12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Pneumonia . . . . .	"
4/161	14-4-917	-	-	30	3-14	4-11-25	2-12-16-25	4	-	-	-	-	-	-	Placas sifilíticas; orquite . . . . .	Melhorado.
34/163	"	-	-	30	-	25	-	9-27	3	-	-	-	-	-	Acné; corisa; furunculose . . . . .	Curado.
39/165	"	-	-	-	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	Gastralgia . . . . .	"
46/169	"	-	-	-	-	-	16 a 31	6-9-13-16	-	-	-	-	-	-	Bronquite . . . . .	"
48/171	"	-	-	23-30	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	"	"
49/172	"	-	-	30	14-24	4	23	-	-	-	-	-	-	-	Eczema e ferida no pé; dores abdominaes . . . . .	Melhorado.
50/173	"	-	-	15-23	24	4	-	-	-	-	-	-	-	-	Ectima . . . . .	Curado.
55/178	"	-	-	-	-	11-25	-	-	-	-	-	-	-	-	Conjuntivite; fraqueza . . . . .	"
57/180	"	-	-	-	28	-	5 a 31	6-20	-	-	-	-	-	-	Prisão de ventre; bronquite . . . . .	"
58/181	"	-	-	30	7-17-24	4-28	2	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira . . . . .	"
59/182	"	-	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-	-	-	Corisa; diarreia . . . . .	"
60/183	"	-	-	-	-	25	-	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira . . . . .	"
33/186	1-5-917	-	-	-	5-17-28	-	-	-	5-10-15	-	-	-	-	-	Ataque epileptico?; diarreia; ligeira bronquite; traumatismo no peito . . . . .	"
42/187	"	-	-	-	10-14-17	25	-	-	3-13	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira; dôr de dentes; prisão de ventre; otalgia; borteoja . . . . .	"
62/189	"	-	-	-	-	28	-	2-27	-	-	-	-	-	-	Dôr de dentes; diarreia; prisão de ventre . . . . .	"
63/190	"	-	-	-	-	18	-	-	-	-	-	-	-	-	Fraqueza . . . . .	"
64/191	"	-	-	-	28	-	2	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira; hernia inguinal . . . . .	"
65/192	"	-	-	-	-	18	-	-	-	-	-	-	-	-	Fraqueza . . . . .	"
67/194	"	-	-	-	14-17-24	18	-	-	-	4-25	-	-	-	-	Bronquite ligeira; embaraço gástrico . . . . .	"
71/198	"	-	-	-	7-14-28	28	-	-	-	29	-	-	-	-	Corisa; bronquite; angina . . . . .	"
51/201	14-6-917	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	Bronquite ligeira . . . . .	"
69/202	"	-	-	-	-	-	2	-	-	-	22	-	-	-	"	"
70/203	"	-	-	-	-	25	-	-	-	-	-	-	-	-	"	"
73/204	"	-	-	-	-	-	-	13	-	-	-	-	-	-	Ferida no pé; corisa . . . . .	"
															Dôres abdominaes . . . . .	"

NOTA. — Nos meses que não figuram neste mapa não houve movimento no consultório.



Número dos colônias	Data da entrada	Dias em que se apresentaram à consulta												Classificação das doenças	Resultado do tratamento
		4 48													
		Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro			
74/205	14-6-917	-	-	-	-	18-25	-	-	-	-	-	-	-	Sarna . . . . .	Curado.
75/206	"	-	-	-	-	28	2-12-31	9	-	-	-	-	-	Gastralgia; corisa; gastrite alcoolica . . . . .	Melhorado.
76/207	"	-	-	-	-	23	2	-	-	-	-	-	-	Bronquite . . . . .	Curado.
78/209	"	-	-	-	-	18-25	-	-	-	-	-	-	-	Sarna . . . . .	"
79/210	"	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	Diarreia . . . . .	"
80/211	"	-	-	-	-	-	9-31	-	-	-	-	-	-	Abcesso na amigdalā; bronquite ligeira . . . . .	"
82/213	"	-	-	-	-	-	5-31	-	-	-	-	-	-	Bronquite . . . . .	"
83/214	"	-	-	-	-	-	25	-	-	-	-	-	-	Prurido cutâneo . . . . .	"
85/216	"	-	-	-	-	18-30	-	-	17-24-27	-	-	-	-	Úlcera de perna; bronquite; diarreia . . . . .	"
87/218	"	-	-	-	-	-	-	-	27	-	-	-	-	Prisão de ventre . . . . .	"
88/219	"	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	Cefalalgia . . . . .	"
72/129	1-5-917	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Parotidite . . . . .	"
94/226	3-6-917	-	-	-	-	-	16	-	-	-	15-19-22	-	-	Dôres no ventre . . . . .	"
52/175	14-4-917	-	-	-	-	-	-	-	-	11-29	-	-	-	Ferida no pé; abcesso na gengiva . . . . .	"
66/193	1-5-917	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12 a 24	-	-	Enterite aguda; bronquite . . . . .	"
90/222	3-7-917	-	-	-	-	-	-	13 a 27	-	-	-	3-12	-	Ictericia catarral . . . . .	"
91/223	"	-	-	-	-	-	-	-	-	15-29	-	-	-	Bronquite . . . . .	"
92/224	"	-	-	-	-	25	-	-	-	-	-	-	-	Ferida no pé; sarna . . . . .	"
96/228	"	-	-	-	-	-	-	23-27	3	-	-	-	-	Pleurite . . . . .	"
97/229	"	-	-	-	-	-	12-16	-	-	-	-	-	-	Cefalalgia; diarreia . . . . .	"
98/230	"	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	Cefalalgia . . . . .	"

NOTA. — Nos meses que não figuram neste mapa não houve movimento no consultório.



## 2.ª PARTE

### ADMINISTRAÇÃO GERAL — EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA

A menos de dois meses do fim do ano económico, em Maio de 1915, quando comecei a tratar de assuntos para o estabelecimento da Colónia e antes de me serem entregues as propriedades e dependências em que ela teria de funcionar, mal podia alargar-me em iniciativas que fôsse além de preliminares moderados de providentes despesas; mas, porque alguma coisa era preciso fazer-se, adquiriram-se os primeiros gados, alfaias agrícolas, sementes, roupas e outros vários artigos indispensáveis para se lançar desde logo a engrenagem geral que mais tarde viria a trabalhar.

Nestes primeiros passos eu não podia perder de vista a índole especial da Colónia e, porque ela tinha de ser um estabelecimento de natureza especialmente agrícola, preciso era desde logo orientar a exploração dos seus terrenos no sentido que melhor conviesse às necessidades próprias e às condições e exigências dos mercados onde podesse colocar o excedente do seu consumo.

Uma grande horta para abastecimento interno e podendo ainda satisfazer as procuras de Sintra, Cascais e Estoril estava indicada, assim como a cultura dos cereais e legumes e a exploração pecuária e a dos lacticínios e outras pequenas fontes de riqueza, visto que para tudo haveria fácil destino e venda fácil.

O sítio é extraordinariamente ventoso em grande quadra do ano o que muito contraria determinados trabalhos de ar livre e a própria vida das plantas em cultura, mas, para atenuar tão grave inconveniente, houve noutro tempo o providente cuidado de cercar a propriedade na parte das suas principais edificações



com vários núcleos de arvoredo, principalmente pinheiros, eucaliptos e cupressus, que desempenham à maravilha o seu papel de abrigo contra o qual as ventanias se veem amortecer ou quebrar, o mesmo acontecendo na parte destinada a cultura de hortas e pomares, onde os talhões em socalcos são abrigados e divididos por espessas e sempre verdes sebes de *pitosporum* e *ligustrum*.

Tudo isto além da apreciada, se bem que assás insufficiente defesa que lhe dá a serra de Sintra, elevando-se a pequena distância e um pouco ao poente.

\* Os terrenos são em geral argilo-arenosos, pobres de todos os elementos fertilizantes, incluindo a matéria orgânica, e quasi de todo destituídos de calcáreo.

A-pesar disso e de serem pouco fundáveis em muitas partes, mas ajudados por uma regular existência de água, que diferentes nascentes mantem certa todo o ano, prestam-se bem a grande variedade de culturas, desde que sejam cuidadosamente adubados e trabalhados.

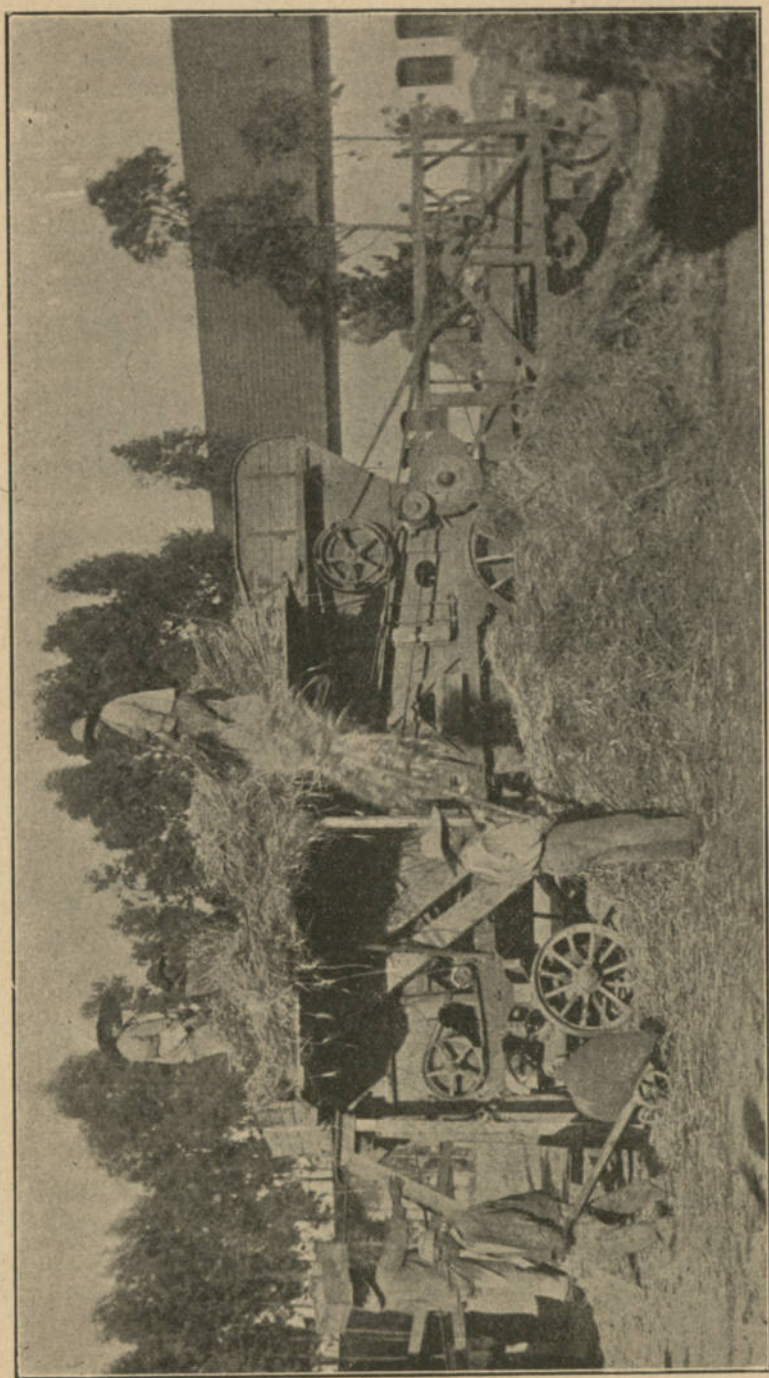
Em tais condições se encaminharam os trabalhos, fazendo-se desde cedo as primeiras lavouras para sementeiras de trigo e indo pelo ano adiante realizando os serviços de ocasião, sempre tudo executado pelos colonos, desde que elles vieram, guiados pelos respectivos capatazes de cada secção.

Por todas as razões, não sendo de menor valia a de se tratar de um estabelecimento do Estado, a exploração agrícola da Colónia devia procurar seguir os melhores sistemas e adoptar as melhores práticas, embora tal nem sempre se apresente fácil, devendo mesmo ter como um dos seus destinos o influenciar pelo exemplo bom na melhoração dos misteres agrícolas e apuração pecuária regionais.

Difícil de realizar são tais desejos, que só muito vagarosamente se poderão atingir, porque multiplicadas são as circunstâncias a considerar e os impedimentos a vencer; assim é que mal tem sido possível adquirir um ou outro animal selecto, sendo só em 1917 adquiridas boas variedades de trigos escolhidos da Estação Central do Fomento Agrícola.

Em todo o caso, gradualmente se tem vindo a caminhar na administração geral da Colónia e no desenvolvimento da sua exploração agrícola, podendo V. Ex.<sup>a</sup> apreciar o que nestes ramos se tem passado pelos mapas das despesas custeadas con-





Na eira. — Debulha de trigo a vapor servida pelos colonos







forme as dotações orçamentais dos anos económicos de 1914-1915, de 1915-1916 e de 1916-1917 e outros mapas ainda demonstrativos das receitas realizadas, do movimento de gados, de produções agrícolas, etc., etc., todos êles fornecendo elementos para o exame da organização e seguimento de serviços, cuja marcha ascensional se tem vindo a afirmar plenamente, de esperar sendo que assim continue, para que a Colónia Penal alcance o progressivo lugar a que aspira dentro dos institutos penais do nosso país.

Certamente que deficiências serão notadas neste meu primeiro relatório, mas elas não serão de admirar, certo como é que nenhum serviço haverá que se não ressiuta de entrada com as hesitações e falhas de um pessoal auxiliar novo e inexperiente e uma ou outra vez de competência duvidosa; mas tais deficiências virão a desaparecer em relatórios futuros, em que se procurará dar a respeito de todos os serviços e de todos os factos a maior soma de esclarecimentos e informes.

Seguem-se pois os diversos mapas explicativos que julgo conveniente juntar a êste relatório.

#### Despesas efectuadas no ano económico de 1914-1915

(Meses de Maio e Junho)

##### Alfaias agrícolas e gados

1 cavalo para serviço . . . . .	200\$00
4 bois para trabalho . . . . .	562\$50
4 vacas leiteiras, turinas . . . . .	415\$00
2 vitelas . . . . .	27\$00
3 porcas para criação . . . . .	34\$00
1 varrasco . . . . .	3\$50
Arreios para parelha . . . . .	80\$00
» » cavalo, para varais . . . . .	45\$00
» » muar, para carroça . . . . .	40\$00
» » cavalaria. . . . .	32\$65
Cabeçada para mangedora, para cavalo . .	2\$50
Calabre. . . . .	5\$20
Apeiragens para bois . . . . .	18\$00
Aveia para rações . . . . .	27\$00
Fava » » . . . . .	13\$00
Soma e segue . . . . .	1.505\$35



Transporte . . . . .	1.505\$35	
Milho para rações . . . . .	17\$80	
Semeas » » . . . . .	9\$79	
Palha de trigo . . . . .	9\$06	
Despesas de sustento de animais . . . . .	21\$40	
Ferragens e tratamentos de gados . . . . .	27\$87	
Relhas para charruas e concerto de alfaias agrícolas e de arreios, cordas para prisões dos gados e outras despesas. . . . .	71\$68	1.662\$95
<b>Sementes</b>		
Feijão para a horta. . . . .	13\$22	
Milho. . . . .	4\$58	
Hortaliças . . . . .	4\$80	22\$60
<b>Alimentação</b>		
Géneros diversos . . . . .	190\$11	
Subsídio de alimentação aos guardas por ainda não funcionar a cosinha . . . . .	11\$04	201\$15
<b>Vestuário e roupas de cama para os colonos</b>		
Blusas, calças, ceroulas, camisas, lençoes e fronhas . . . . .		138\$54
<b>Expediente</b>		
Diversos artigos para a Secretaria . . . . .		61\$81
<b>Despesas diversas, incluindo as de instalação e conservação da Colónia</b>		
Relógios de parede para a Secretaria e refeitório. . . . .	21\$50	
Relógios de ronda para serviço nocturno . . . . .	56\$30	
Máquina de escrever « Monarch » . . . . .	130\$00	
Cofre de ferro. . . . .	65\$00	
Mobiliá e lavatórios para a Secretaria. . . . .	259\$60	
Balança decimal para 1:000 kilos . . . . .	31\$50	
» de pratos . . . . .	8\$00	
Medidas de fôlha até 20 litros. . . . .	6\$96	
Pesos para as balanças; máquinas para cortar cabelo, escarradores, etc. . . . .	23\$49	
Soma e segue . . . . .	602\$35	2.087\$05



Transporte . . . . .	602\$35	2.087\$05
Louças e talheres . . . . .	36\$63	
Cobertores de lã . . . . .	67\$50	
Banheiras de zinco . . . . .	25\$50	
Corneta militar, de cobre . . . . .	3\$80	
Sêlo branco para a Secretaria . . . . .	8\$00	
Carimbo para a Secretaria . . . . .	3\$00	
» » marcar roupa . . . . .	2\$00	
Assinatura do <i>Diario do Govêrno</i> . . . . .	18\$00	
Sulfato de cobre, cal, cimento e outros materiais, petróleo, sabão, carboreto de cálcio, material para campainhas electricas, transportes diversos e outras despesas .	340\$02	
Carabinas Sneyder, bandoleiras, cartuchos pagos ao Arsenal do Exército pela ordem n.º 2528 . . . . .	322\$93	1.429\$73
Total . . . . .		3.516\$78

**Despesas com o pagamento a pessoal do quadro e extraordinário  
no ano económico de 1914-1915**

Meses	Pessoal do quadro	Pessoal extraordinario		Total
		Guardas	Outro pessoal	
Maio . . . . .	175\$28	6\$97	14\$07	196\$32
Junho . . . . .	228\$32	31\$25	392\$76	652\$33
	403\$60	38\$22	406\$83	848\$65

O pessoal extraordinário além dos guardas occupou-se em vários trabalhos agrícolas, como corte e recolha de fenos, preparação de terreno para horta e lavouras, tratamento de gados, reparação dos edificios, canalizações, etc.

**RESUMO**

Despesas gerais . . . . .	3.516\$78
Pessoal { Do quadro . . . . .	403\$60
Extraordinário { Guardas . . . . .	38\$22
Outro pessoal . . . . .	406\$83
	455\$05
Total geral . . . . .	4.365\$43



## Despesas efectuadas no ano económico de 1915-1916

Designação	Verba autorizada	Importância gasta	Saldo
<b>Despesas de alimentação</b>			
Custo de diversos géneros (arroz, azeite, bacalhau, batatas, feijão, etc.) e confecção do rancho . . . . .	4.500\$00 (a)	2.986\$15	1.513\$85
<b>Vestuário</b>			
Custo e concerto de vestuário e calçado para os colonos e lavagens de roupas. . . . .	2.500\$00	2.487\$74 (b)	12\$26
<b>Impressos</b>			
Pago à Imprensa Nacional por diversos impressos . .	100\$00	90\$55	9\$45
<b>Expediente</b>			
Compra de diversos artigos de Secretaria (papel, sobrecritos, tinta, aparos, lápis, etc.) . . . . .	100\$00	99\$94	\$06
<b>Alfaias agrícolas e gados</b>			
Desnatadeira centrífuga Alfa Laval . . . . .	64\$40		
Batedeira Alfa Laval . . . . .	12\$50		
Malachador Dierhs para manteiga . . . . .	45\$00		
Pratos de pó de pedra para a leitaria . . . . .	5\$40		
Charrua de ferro para 4 bois . . . . .	19\$90		
Relhas de aço para a mesma . . . . .	1\$80		
» para charruas e ferros para arado . . . . .	21\$85		
Bomba aspirante para a fossa . . . . .	4\$50		
11 enxadas . . . . .	12\$40		
12 sachos para torrão . . . . .	7\$20		
37 foices para ceifar . . . . .	9\$66		
2 » roçadeiras . . . . .	1\$28		
3 ancinhos e 3 forquilhas . . . . .	3\$41		
6 serrotes . . . . .	\$79		
4 podoadas de mão . . . . .	2\$56		
2 machadinhas . . . . .	\$72		
6 tesouras de poda . . . . .	4\$52		
1 gluometro Guoyot . . . . .	1\$10		
Cestos de vime . . . . .	1\$30		
Apeiragens para os bois de trabalho . . . . .	4\$30		
Concertos de ferramentas . . . . .	4\$00		
» » arreios . . . . .	2\$18		
Soma e segue . . . . .	230\$77	5.664\$38	1.535\$62

(a) A verba orçamental era de 5.000\$00, mas foram transferidos 500\$00 para a verba *Sementes e Adubos*.

(b) Nestas despesas está incluída a quantia de 36\$10 abonada para fardamentos aos guardas nos termos do art. 33.º do Regulamento da Colónia, importância depois reembolsada pelo Estado por deduções mensais feitas nas folhas dos vencimentos dos mesmos funcionários, o que abaixa para 2.456\$64 a importância gasta com os colonos.



Designação		Verba autorizada	Importância gasta	Saldo
Transporte . . . . .	290\$77	7.200\$00	5.664\$38	1.535\$62
6 cabeçadas para vacas . . . . .	13\$20			
4 " " vitelas . . . . .	3\$20			
2 bois para trabalho . . . . .	240\$75			
3 galinhas chocas para criação . . . . .	2\$40			
45 ovos . . . . .	\$95			
9 coelhos para criação . . . . .	2\$96			
Cobrição de vacas . . . . .	1\$80			
Aveia para rações . . . . .	45\$10			
Fava " " . . . . .	226\$10			
Milho " " . . . . .	60\$10			
Palha " " . . . . .	204\$66			
Semeas " " . . . . .	131\$71			
Ferragem dos gados . . . . .	87\$38			
Assistência veterinária e medicamentos . . . . .	43\$48			
Tratamento dos gados . . . . .	534\$76			
	1.829\$32	2.000\$00	1.829\$32	170\$68
<b>Sementes e adubos</b>				
1:680 litros de trigo rijo . . . . .	96\$00			
868 " " cevada . . . . .	37\$30			
820 " " aveia . . . . .	34\$20			
140 " " centeio . . . . .	8\$00			
868 " " fava . . . . .	62\$00			
1:120 " " tremoços . . . . .	32\$00			
30 " " chicharos . . . . .	2\$10			
140 " " grão de bico . . . . .	13\$00			
25 " " ervilhaca . . . . .	1\$42			
600 " " milho . . . . .	27\$99			
180 " " feijão branco . . . . .	15\$60			
60 " " encarnado . . . . .	6\$00			
15 " " rajado . . . . .	1\$50			
120 quilos de batatas (4 variedades inglesas) . . . . .	12\$68			
690 quilos de batatas da região . . . . .	41\$40			
1:500 " " francesa . . . . .	115\$00			
13 " " alhos . . . . .	6\$12			
15 milheiros de cebolo para plantar . . . . .	3\$00			
Sementes hortícolas diversas . . . . .	23\$23			
6 quilos de semente de beterraba . . . . .	4\$80			
15 " " " " luzerna . . . . .	12\$00			
Transportes de diversas sementes . . . . .	4\$47			
Massa de purgueira . . . . .	276\$56			
2:000 quilos de gesso . . . . .	12\$93			
3:800 " " sangue séco . . . . .	290\$47			
8:350 " " superfosfato de cal a 12 <sup>o</sup> / <sub>o</sub> . . . . .	220\$72			
Transporte de adubos . . . . .	17\$63			
	1.378\$12	1.500\$00 (a)	1.378\$12	121\$88
Soma e segue . . . . .		10.700\$00	8.871\$82	1.828\$18

(a) A verba orçamental era de 1.000\$00, mas foi aumentada com 500\$00, transferidos da verba de Alimentação.



Designação	Verba autorizada	Importância gasta	Saldo
Transporte . . . .	10.700\$00	8.871\$82	1.828\$18
<b>Diversas despesas incluindo as de instalação e conservação da Colônia</b>			
Medicamentos e instrumentos cirúrgicos e de farmácia . . . . .	156\$11		
Carboreto de cálcio . . . . .	158\$94		
Petróleo . . . . .	12\$07		
Sabão . . . . .	4\$90		
Carimbo datador mecânico para a Secretaria	8\$50		
Sinete para lacre para a Secretaria . . . .	3\$00		
Instalação de telefones para a rede externa	56\$91		
Chamadas extra-urbanas de telefones . . .	10\$84		
Cobertas para camas . . . . .	30\$80		
Cobertores para camas . . . . .	13\$50		
Toalhas de rosto . . . . .	10\$43		
Guardanapos . . . . .	5\$28		
Estopa, riscado, linhagem para aventais . .	4\$82		
Algarismos de zinco para marcar roupa (0 a 9)	\$22		
Vidraça . . . . .	61\$74		
Esticadores para arames, com chaves . . .	8\$94		
Termómetro centígrado . . . . .	\$80		
Cornetas de cobre . . . . .	8\$70		
Cinturões de couro para os guardas . . . .	15\$00		
Ferramentas para carpinteiros . . . . .	17\$23		
Diamante para cortar vidro . . . . .	5\$00		
Madeira para obras . . . . .	385\$48		
Ferro para a oficina de ferreiro . . . . .	170\$75		
Ferramentas para ferreiro e serralheiro . .	12\$25		
Maçarico . . . . .	5\$40		
Concerto do moinho de vento para a água . .	19\$74		
Artigos e trabalhos de funileiro . . . . .	107\$65		
Concertos de ferramentas agrícolas . . . .	40\$32		
Alicate corta arame . . . . .	\$60		
Machado . . . . .	\$70		
Foices roçadeiras . . . . .	3\$20		
Chave inglesa . . . . .	1\$20		
Tesouras para vindima . . . . .	\$66		
" de poda . . . . .	1\$80		
Podão . . . . .	1\$15		
Serrotes para árvores . . . . .	\$36		
Fita métrica de 20 metros . . . . .	3\$20		
Rêde de arame . . . . .	21\$12		
Cornetas de metal para sinais para os guardas	5\$00		
Lanterna . . . . .	\$90		
Tesoura para cabelo, navalhas e pincel para barba . . . . .	2\$11		
Serviço de barbas e corte de cabelo a colonos	29\$91		
Estores para a Secretaria . . . . .	25\$17		
Escarradores de ferro esmaltado . . . . .	5\$27		
Fitas para a máquina de escrever . . . . .	3\$20		
Peças e óleos para as máquinas da debulha	65\$37		
Soma e segue . . . .	1.506\$24	10.700\$00	8.871\$82
			1.828\$18



Designação		Verba autorizada	Importância gasta	Saldo
Transporte . . . .	1.506\$24	10.700\$00	8.871\$82	1.828\$18
Fechaduras, trincos, parafusos, pregos, tintas, óleos, bacias, sifões para retretes, vassouras, cordas, torneiras e materiais diversos . . . . .	668\$47			
Cal . . . . .	31\$20			
Bandeira Nacional . . . . .	7\$70			
Estojo para desenho . . . . .	4\$00			
Bola para Foot-ball . . . . .	3\$30			
Quadros parietais para a escola . . . . .	2\$74			
Livros para a escola . . . . .	9\$35			
Balança para o consultório médico . . . . .	28\$00			
Assinatura do <i>Diário do Governo</i> . . . . .	18\$00			
Anúncios em jornais . . . . .	5\$24			
Estampilhas e postais para serviço . . . . .	9\$75			
Pago a diversos por trabalhos de instalação	457\$42			
Viagens do Director a Lisboa em serviço (caminho de ferro) . . . . .	38\$32			
Viagens e despesas de empregado a Lisboa em serviço . . . . .	24\$19			
Carvão para a forja . . . . .	36\$50			
	2.850\$42	3.000\$00	2.850\$42	149\$58
Gratificações aos reclusos e melhoria das alfaias agrícolas, gados, sementes e adubação de terras (a)				
Gratificações a reclusos				
Gratificações pecuniárias . . . . .	371\$42			
Viagens ao sairem da Colónia . . . . .	84\$09			
	455\$51			
Gados				
Compra de uma vaca . . . . .	69\$75			
» » um cavalo . . . . .	90\$00			
	159\$75			
	615\$26	655\$60	615\$26	40\$34
		14.355\$60	12.337\$50	2.018\$10

(a) Despesas só autorizadas até à quantia de 3.000\$00, à medida que as receitas da Colónia forem dando entrada nos cofres do Estado.



**Despesas com o pagamento a pessoal do quadro e extraordinário  
no ano económico de 1915-1916**

Designação	Verba autorizada	Importância gasta	Saldo		
Pessoal do quadro . . . . .	4.350\$00	3.406\$46	943\$54		
<b>Pessoal extraordinário</b>					
Guardas . . . . .	1.172\$02				
Outro pessoal. . . . .	1.607\$57				
	2.779\$59				
	4.300\$00	2.779\$59	1.520\$41		
	8.650\$00	6.186\$05	2.463\$95		
<b>RESUMO</b>					
Despesas gerais . . . . .	14.355\$60	12.337\$50	2.018\$10		
Pessoal {	Do quadro . . . . .	4.350\$00	3.406\$46	943\$54	
	Extraordinário {	Guardas . . . . .	1.172\$02		
		Outro pessoal. . . . .	1.607\$57		
		2.779\$58	4.300\$00	2.779\$59	1.520\$41
Total geral . . . . .	23.005\$60	18.523\$57	4.482\$05		



## Despesas efectuadas no ano económico de 1916-1917

Designação	Verba autorizada	Importância gasta	Saldo
<b>Alimentação</b>			
Compra de diversos géneros (arroz, açúcar, azeite, bacalhau, toucinho, massa, combustível, etc., etc.) e confecção do rancho . . . . .	6.000\$00 (a)	5.999\$39	\$61
<b>Vestuário</b>			
Compra de artigos de vestuário e calçado e roupas para os colonos e lavagens e concertos . . . . .	1.500\$00 (b)	1.499\$81 (c)	\$19
<b>Impressos</b>			
Pago à Imprensa Nacional por diversos impressos . .	100\$00	57\$60	42\$40
<b>Expediente</b>			
Compra de papel, lápis, tinta, aparos, etc., para a Secretaria . . . . .	100\$00	99\$99	\$01
<b>Alfaias agrícolas e gados</b>			
Aivecas, relhas, teirós, etc., para charruas . . . . .	20\$16		
Cabeçadas para prisão para manjadoras . . . . .	3\$00		
"    "    vitelas . . . . .	6\$21		
Medidas de fôlha, passador, lanterna, etc. . . . .	3\$30		
Fôrma de madeira para manteiga . . . . .	1\$30		
Cestos de verga . . . . .	1\$95		
Panos de linhagem para palha . . . . .	13\$20		
Frascos para amostras de cereais . . . . .	10\$10		
Foice para ceifar . . . . .	9\$67		
Peças para trabalho da debulhadora, locomóvel, etc. . . . .	15\$39		
Prisões de ferro e de corda para o gado . . . . .	6\$20		
Peças para reparação de moagem . . . . .	37\$55		
Carvão de pedra para as máquinas . . . . .	324\$34		
Óleo para as máquinas . . . . .	5\$84		
Construção e reparação de alfaias agrícolas diversas . . . . .	171\$96		
Redes de mosqueiro para a leitaria . . . . .	\$52		
Concerto de arreios . . . . .	9\$02		
Um casal de bezerros holandeses . . . . .	62\$80		
Soma e segue . . . . .	702\$51	7.700\$00	7.656\$79
			43\$21

(a) A dotação orçamental era de 5.000\$00, mas foi reforçada com 1.000\$00, transferidos da verba de *Vestuário*.

(b) A dotação orçamental era 2.500\$00, mas foram transferidos 1.000\$00 para a verba de *Alimentação*.

(c) Nestas despesas está incluída a quantia de 68\$56, abonada para fardamentos aos guardas, nos termos do art. 53º do Regulamento da Colónia, importância depois reembolsada pelo Estado, por deduções mensais feitas nas fôlhas dos vencimentos dos mesmos funcionários, o que abaixa para 1.431\$26 a importância gasta com os colonos.



Designação		Verba autorizada	Importância gasta	Saldo
Transporte . . .	702\$51	7.700\$00	7.656\$79	43\$21
Uma porca para criação . . . . .	25\$00			
Um casal de bácoros Tamworth X Alemejo para criação . . . . .	11\$55			
Um casal de bácoros Iorkshire para criação	8\$05			
Uma galinha choca . . . . .	1\$00			
4 patas e 1 pato para criação . . . . .	7\$50			
2 galos . . . . .	1\$40			
Uma coelha . . . . .	\$75			
Semeas para rações . . . . .	163\$30			
Aveia " " . . . . .	93\$30			
Fava " " . . . . .	13\$60			
Milho painço e limpaduras . . . . .	2\$52			
Ferragem dos gados, medicamentos e assistência . . . . .	197\$04			
Cobrição de vacas . . . . .	12\$60			
Tratamento dos gados . . . . .	668\$81			
Despesas várias com gados e alfaias . . . .	89\$69			
	1.998\$62	2.000\$00	1.998\$62	1\$38
<b>Sementes e adubos</b>				
300 litros de aveia . . . . .	15\$40			
200 " " centeio . . . . .	17\$16			
150 " " milho . . . . .	16\$31			
280 " " grão de bico preto . . . . .	25\$91			
112 " " semente de fenacho . . . . .	12\$00			
1:050 quilos " diversos trigos seleccionados (a) . . . . .	96\$45			
2:070 litros " trigo Belem . . . . .	210\$00			
Sementes hortícolas diversas . . . . .	18\$22			
2:000 quilos de gesso . . . . .	20\$00			
1:500 " " massa de purgueira . . . . .	57\$13			
1:000 " " sangue seco . . . . .	97\$02			
1:000 " " sulfato de amónio . . . . .	156\$80			
100 " " " " cobre . . . . .	51\$94			
6:000 " " superfosfato de cal de 12 <sup>o</sup> / <sub>o</sub>	195\$51			
Transporte de adubos . . . . .	10\$15			
	1.000\$00	1.000\$00	1.000\$00	-5-
<b>Diversas despesas</b>				
Medicamentos e tratamentos diversos . . .	213\$87			
Carboreto de cálcio . . . . .	276\$42			
Petróleo . . . . .	47\$00			
Sabão . . . . .	13\$80			
Sulfato de cobre e enxôfre . . . . .	68\$93			
Telefones, material e instalação da rede interna . . . . .	220\$00			
Soma e segue . . . . .	840\$02	10.700\$00	10.655\$41	44\$59

(a) Trigo Belem . . . . .	200 quilos	Trigo Mestiço . . . . .	150 quilos
" Ideal . . . . .	800 "	" Ribeiro . . . . .	100 "
" Bárbaro . . . . .	100 "	" Santa Marta . . . . .	100 "
	Trigo Amarelo de barbas pretas . . . . .		100 "



Designação		Verba autorizada	Importância gasta	Saldo
Transporte . . . . .	840\$02	10.700\$00	10.655\$41	44\$59
Prémio de seguro dos edificios . . . . .	141\$47			
» » das cearas e máquinas . . . . .	73\$30			
Madeiras . . . . .	483\$08			
Passadeira de oleado para a enfermaria . . . . .	5\$00			
Saca de couro para serviço do correio . . . . .	7\$10			
Assinatura do <i>Diário do Govêrno</i> . . . . .	18\$00			
<i>Anuário Comercial</i> . . . . .	5\$00			
Trabalhos e materiais de funileiro . . . . .	58\$51			
Aluguer de telefones da rede externa . . . . .	26\$75			
Quadros históricos para a escola . . . . .	8\$00			
Material para campainhas electricas . . . . .	3\$52			
Leitos de ferro . . . . .	64\$50			
Enxergas e travesseiras . . . . .	81\$60			
Toalhas de rosto . . . . .	4\$20			
Viagens do Director em serviço . . . . .	61\$26			
» de empregados em serviço . . . . .	68\$34			
Serviços de barbeiro aos colonos . . . . .	66\$00			
Estampilhas, postais e telegramas . . . . .	20\$02			
Drogas e materiais diversos, anúncios, etc. . . . .	862\$65			
	2 898\$32	3.000\$00	2.898\$32	101\$68
<b>Gratificações aos reclusos e melhoria das alfaias agricolas, gados, sementes e adubação de terras (a)</b>				
<b>Gratificações a reclusos</b>				
Gratificações pecuniárias . . . . .	814\$33			
Viagens dos colonos saídos em liberdade . . . . .	236\$86			
	1.051\$19			
<b>Alfaias agricolas</b>				
Ferro e aço para reparação e construção de alfaias agricolas . . . . .	78\$87			
Carvão para a forja . . . . .	12\$71			
Enfardadeira Whitman, de aço . . . . .	750\$00			
Balança romana . . . . .	13\$00			
Encerado para cobertura de carro . . . . .	9\$70			
Transporte de relhas . . . . .	\$46			
	864\$74			
<b>Gados</b>				
Uma vaca turina . . . . .	171\$00			
Varrasco Iorkshire p. <sup>a</sup> reprodutor . . . . .	65\$14			
Cabeçadas para vacas . . . . .	12\$20			
» » bois . . . . .	18\$20			
Aveia para rações . . . . .	58\$75			
Sêmeas » » . . . . .	17\$60			
Ferragens e tratamentos de gado . . . . .	23\$45			
Pago por trabalho de bois de fora . . . . .	28\$60			
	399\$94			
Soma e segue . . . . .	2.315\$87	13.700\$00	13.553\$73	146\$27

(a) Despesas só autorizadas até à quantia de 3.000\$00, à medida que as receitas da Colónia forem dando entrada nos cofres do Estado.



Designação	Verba autorizada	Importância gasta	Saldo	
Transporte . . . . .	2.815\$87	13.700\$00	13.553\$73	146\$27
<b>Sementes</b>				
Sementes hortícolas . . . . .	44\$90			
"    de betarraba . . . . .	7\$50			
"    "    luzerna . . . . .	12\$00			
Grão de bico . . . . .	21\$60			
Trigo manitoba . . . . .	2\$05			
	88\$05			
<b>Adubos</b>				
Superfosfato de cal . . . . .	20\$58			
Nitrato de sódio . . . . .	33\$48			
Gesso . . . . .	9\$80			
Massa de purgueira . . . . .	180\$25			
Sulfato de cobre . . . . .	106\$66			
Enxôfre . . . . .	43\$00			
Transporte de adubos . . . . .	5\$70			
	399\$47			
	2.803\$39	2.803\$63	2.803\$39	\$24
Soma . . . . .	16.503\$63	16.367\$12	146\$51	



**Despesas com o pagamento a pessoal do quadro e extraordinário  
no ano económico de 1916-1917**

Designação	Verba autorizada	Importância gasta	Saldo	
Pessoal do quadro . . . . .	4.350\$00	3.791\$85	558\$15	
Pessoal extraordinário {	Guardas . . . . .	2.200\$00 (a)	448\$94	
	Outro pessoal . . . . .	2.100\$00 (b)	72\$93	
		<b>8.650\$00</b>	<b>7.569\$98</b>	<b>1.080\$02</b>
<b>RESUMO</b>				
Despesas gerais . . . . .	16.503\$63	16.367\$12	146\$51	
Pessoal {	do quadro . . . . .	4.350\$00	558\$15	
	extraordinário {	Guardas . . . . .	2.200\$00	448\$94
		Outro pessoal . . . . .	2.100\$00	72\$93
		<b>25.153\$63</b>	<b>23.937\$10</b>	<b>1.186\$53</b>

(a) A verba orçamental era de 2.800\$00 mas foram transferidos 600\$00 para reforçar a verba de 1.500\$00 de outro pessoal extraordinário.

(b) Foi reforçada esta verba com 600\$00 transferidos da verba de Guardas.



## Sementes e produções no

Designação	Sementes		Produções				
	Unidade	Quantidade	Grão	Palha e feno	Verde	Bolbos, tubérculos e raízes	Produtos hortícolas
Trigo rijo . . . . .	Litros	1.680	Litros 12.432	Quilos 18.000	Quilos -	Quilos -	Quilos -
Aveia para sêco . . . . .	"	500	2.270	1.215	-	-	-
Cevada para sêco . . . . .	"	752	4.730	2.530	-	-	-
Aveia . . . . .	" em mistura para verde	320	-	-	70.000	-	-
Cevada . . . . .		116	-	-			
Ervilhaca . . . . .	"	25	-	-	-	-	-
Centeio para verde . . . . .	"	140	-	-	9.000	-	-
Milho para sêco . . . . .	"	100	1.975	8.900	-	-	-
Milho para verde . . . . .	"	300	-	-	45.000	-	-
Chicharo . . . . .	"	30	100	40	-	-	-
Fava . . . . .	"	868	7.880	2.000	1.067	-	-
Feijão branco . . . . .	"	237	885	180	-	-	-
Feijão encarnado . . . . .	"	65	360	80	-	-	-
Grão de bico . . . . .	"	166	895	600	-	-	-
Tremoço para sêco . . . . .	"	500	2.820	1.100 (a)	-	-	-
Tremoço para verde (b) . . . . .	"	620	-	-	-	-	-
Batata . . . . .	Quilos	3.279	-	-	-	23.000	-
Beterraba . . . . .	"	6	-	-	-	8.500	-
Vinho . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Aguardente . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Vinagre . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Água-pé . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Hortaliças . . . . .	-	-	-	-	-	-	15.536,100
Cebolas . . . . .	-	-	-	-	-	1.053,414	-
Feijão verde . . . . .	-	-	-	-	-	-	489,900
Tomates . . . . .	-	-	-	-	-	-	758,000
Leite de vaca para a despensa . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Leite de vaca vendido . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Leite de vaca para a leitaria . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Manteiga . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Leite desnatado . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Mel . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Erva . . . . .	-	-	-	-	24.000	-	-
Fêno . . . . .	-	-	-	7.300	-	-	-
Figos . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Laranjas . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Maças . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Peras . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Tangerinas . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Outras frutas . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Estrume . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Flores . . . . .	-	-	-	-	-	-	-



ano agrícola de 1915-1916

				Valores		Observações
Frutas	Diversos			Por unidade	Importâncias	
Número	Quilos	Litros	Número			
-	-	-	-	\$10 — \$01	1.423\$20	(a) A palha para camas dos gados.
-	-	-	-	\$06 — \$01	148\$35	
-	-	-	-	\$04,5 — \$01	208\$15	
-	-	-	-	\$00,5	350\$00	(b) Enterrado em verde para adubação de terras para milho.
-	-	-	-	\$00,5	45\$00	
-	-	-	-	\$07 — \$00,5	182\$75	(c) Gasta na beneficiação do vinho.
-	-	-	-	\$00,5	225\$00	
-	-	-	-	\$08 — \$00,5	10\$00	
-	-	-	-	\$07 — \$00,5 — \$01	572\$27	(d) Valorizado em manteiga e leite desnatado.
-	-	-	-	\$08 — \$00,5	67\$70	
-	-	-	-	\$07,5 — \$05	27\$40	
-	-	-	-	\$09 — \$00,5	83\$55	
-	-	-	-	\$05 — \$00,3	144\$30	
-	-	-	-	- \$-	- \$-	
-	-	-	-	\$04	920\$00	
-	-	-	-	\$01	85\$00	
-	-	3.412,100	-	\$05	170\$60	
-	-	65,000	-	\$20	13\$00 (e)	
-	-	78,373	-	\$04	3\$13	
-	-	1.594,550	-	\$02	31\$89	
-	-	-	-	\$02	310\$72	
-	-	-	-	\$02	21\$06	
-	-	-	-	\$04	19\$59	
-	-	-	-	\$01	7\$58	
-	-	257,400	-	\$04	10\$29	
-	-	1.450,000	-	\$04	58\$00	
-	-	3.232,000(d)	-	- \$-	- \$-	
-	129,310	-	-	- \$-	133\$30,5	
-	-	2.909,000	-	\$01,5	43\$63	
-	35,050	-	-	\$40	14\$02	
-	-	-	-	\$00,5	120\$00	
-	-	-	-	\$03	219\$00	
450	-	-	-	- \$-	\$45	
364	-	-	-	100/\$30	1\$09	
1.867	-	-	-	100/\$20	2\$73	
2.253	-	-	-	100/\$30	6\$75	
642	-	-	-	100/\$30	1\$92	
-	-	-	-	- \$-	18\$55,5	
-	300.000,000	-	-	1.000/1\$50	450\$00	
-	-	-	-	- \$-	9\$69	
Total					6.189\$67,0	



## Sementes e produções no

Designação	Sementes		Produções				
	Unidade	Quantidade	Grão	Palha e feno	Verde	Bolhos, tubérculos e raízes	Produtos hortícolas
			Litros	Quilos	Quilos	Quilos	Quilos
Trigo Belem (semente de Lisboa — mole) . . . . .	Litros	248	2.630	2.986	—	—	—
Trigo Belem (semente comprada em Massamá — mole). . . . .	»	2.070	14.445	24.099	—	—	—
Trigo Ideal (mole). . . . .	»	369	3.710	4.710	—	—	—
» Manitoba (mole) . . . . .	»	20	350	574	—	—	—
» Am. <sup>lo</sup> barbas pretas (rijo) . . . . .	»	129	700	1.085	—	—	—
» Bárbaro (rijo) . . . . .	»	128	1.305	1.685	—	—	—
» Lobeiro (rijo) . . . . .	»	126	715	1.020	—	—	—
» Mestiço (rijo) . . . . .	»	176	1.720	2.910	—	—	—
» Santa Marta (rijo). . . . .	»	123	985	1.275	—	—	—
Aveia e ervilhaca para verde . . . . .	»	200	920	1.575 (a)	—	—	—
Cevada para sêco . . . . .	»	300	1.410	1.575	—	—	—
Milho para sêco . . . . .	»	820	1.620	7.000	—	—	—
» » verde . . . . .	»	540	—	—	7.400	—	—
Fava . . . . .	»	1.020	4.725	— (b)	660,800 k.	—	—
Feijão branco . . . . .	»	260	230	198	—	—	—
» encarnado . . . . .	»	30	73	16	—	—	—
» frade (c) . . . . .	»	20	—	—	—	—	—
Grão de bico amarelo . . . . .	»	190	510	340	—	—	—
» » » preto . . . . .	»	200	600	365	—	—	—
Tremoço para sêco. . . . .	»	2.800	4.120	1.100	—	—	—
» » verde (d) . . . . .	»	750	—	—	112.000 k.	—	—
Batata Francêsa. . . . .	Quilos	3,391	—	—	—	13.941	—
» Kidney Rim . . . . .	»	231	—	—	—	800	—
» Magnum Bonum . . . . .	»	131	—	—	—	310	—
» Rei Eduardo . . . . .	»	112	—	—	—	180	—
» Ultra. . . . .	»	60	—	—	—	240	—
» Rôxa . . . . .	»	127	—	—	—	570	—
Alhos . . . . .	»	15	—	—	—	104	—
Cebolas . . . . .	Pés	70.000	—	—	—	4.640 k.	—
Beterraba . . . . .	Quilos	3	—	—	—	8.360	—
Vinho . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Aguardente . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Água-pé . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Vinagre . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Hortaliças diversas . . . . .	—	—	—	—	—	—	16,500
Abóbora . . . . .	—	—	—	—	—	—	582
Feijão verde. . . . .	—	—	—	—	—	—	615,700
Tomates . . . . .	—	—	—	—	—	—	1,865
Leite de vaca { Venda . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
{ Para a leitaria . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
{ Consumo interno . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Manteiga . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Leite desnatado . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Queijos . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Laranjas . . . . .	—	—	—	—	—	—	—



ano agrícola de 1916-1617

				Valores		Observações
Frutas		Diversos		Por unidade	Importâncias	
Número	Quilos	Litros	Número			
-	-	-	-	₹14,5 — ₹02	441₹07	(a) Semeadas para verde, foram porém colhidas em sêco.
-	-	-	-	₹14,5 — ₹02	2 576₹50,5	
-	-	-	-	₹14,5 — ₹02	632₹15	(b) Não tendo sido sachada a fava, colheu-se uma camada de fêno, ao qual a palha da fava ficou encorporada.
-	-	-	-	₹14,5 — ₹02	62₹23	
-	-	-	-	₹14,5 — ₹02	123₹70	
-	-	-	-	₹14,5 — ₹02	222₹92,5	
-	-	-	-	₹14,5 — ₹02	124₹07,5	
-	-	-	-	₹14,5 — ₹02	307₹60	(c) Não produziu colheita.
-	-	-	-	₹14,5 — ₹02	168₹32,5	
-	-	-	-	₹06 — ₹02	86₹70	(d) Enterrado em verde para cultura de milho.
-	-	-	-	₹06 — ₹02	116₹10	
-	-	-	-	₹01,5 — ₹01	94₹30	
-	-	-	-	₹00,5	37₹00	(e) Valorizado em manteiga, queijo e leite desnatado.
-	-	-	-	₹12 — ₹01	63₹90,8	
-	-	-	-	₹17 — ₹01	41₹03	
-	-	-	-	₹16 — ₹01	11₹84	
-	-	-	-	-₹-	-₹-	
-	-	-	-	₹12 — ₹01	64₹60	
-	-	-	-	₹09 — ₹01	57₹65	
-	-	-	-	₹04 — ₹00,5	170₹30	
-	-	-	-	₹00,5	560₹00	
-	-	-	-	₹04	557₹64	
-	-	-	-	₹04	32₹00	
-	-	-	-	₹04	12₹40	
-	-	-	-	₹04	7₹20	
-	-	-	-	₹04	9₹60	
-	-	-	-	₹04	22₹80	
-	-	-	-	₹10	10₹40	
-	-	-	-	₹04	175₹60	
-	-	-	-	₹00,5	41₹80	
-	-	8.945,500	-	-₹-	530₹34,5	
-	-	136	-	₹28	38₹08	
-	-	140	-	₹02	2₹80	
-	-	238,400	-	₹04	9₹50	
-	-	-	-	-₹-	395₹60	
-	-	-	-	-₹-	6₹87	
-	-	-	-	-₹-	30₹31,5	
-	-	-	-	-₹-	37₹30	
-	-	-	-	₹04	55₹76	
-	-	1.394	-	-₹-	-₹-	(e)
-	-	8.600	-	₹04	13₹54	
-	-	338,600	-	-₹-	410₹28	
-	344,650	-	-	₹04	154₹80	
-	-	7.740	-	₹02	14₹95,5	
-	-	-	997	₹01,5	₹20,6	
206	-	-	-	-₹-		
Soma e segue					8 531₹19,9	



Designação	Sementes		Produções				
	Unidade	Quantidade	Grão	Palha e feno	Verde	Bolhos, tubérculos e raízes	Produtos hortícolas
			Litros	Quilos	Quilos	Quilos	Quilos
Maçãs . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Peras . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Tangerinas . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Outras frutas . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Mel . . . . .	Quilos	-	-	-	-	-	-
Ovos . . . . .	-	-	-	-	-	-	-
Erva . . . . .	Quilos	-	-	-	21.400	-	-
Fenacho (fêno grego) . . . . .	"	155	-	12.826	-	-	-
Fêno . . . . .	"	-	-	14.040	-	-	-
Luzerna . . . . .	"	-	-	-	3.700	-	-
Estrume . . . . .	"	-	-	-	-	-	-



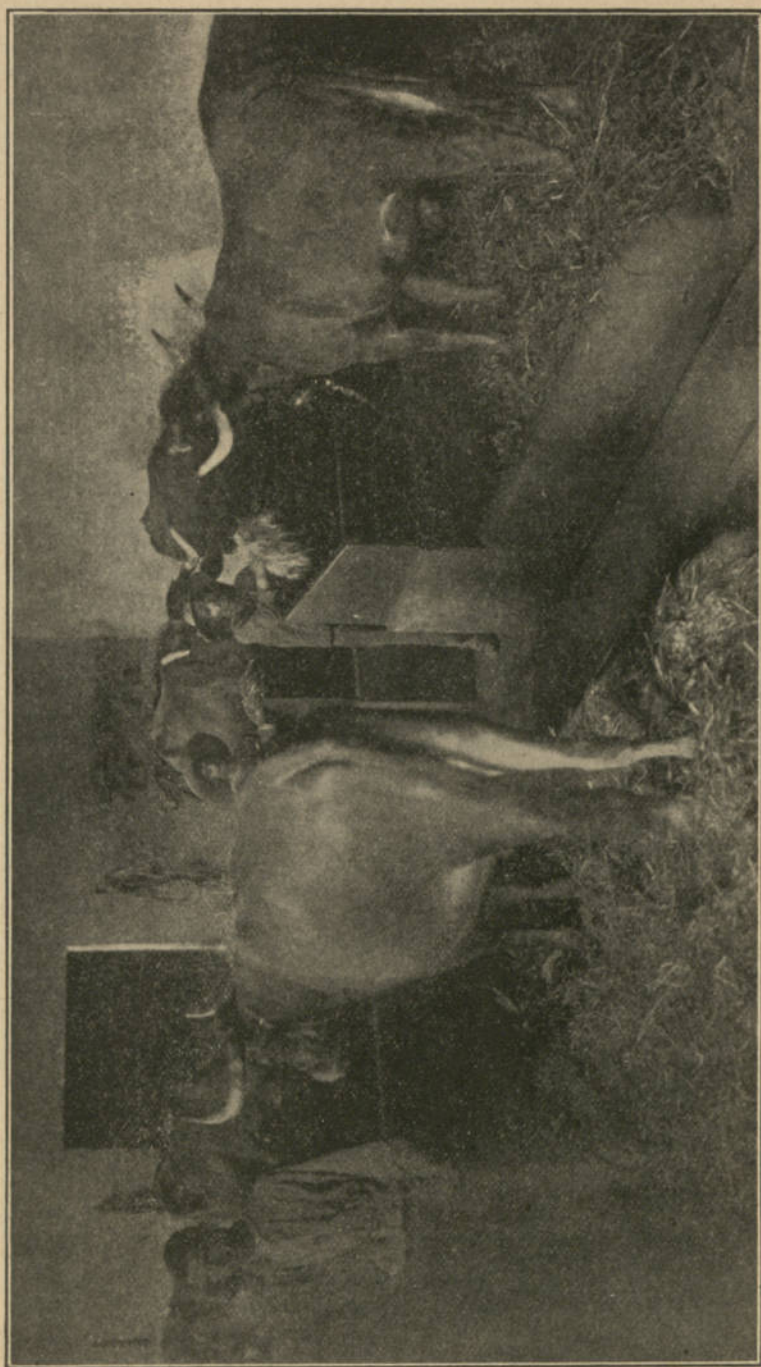
				Valores		Observações
Frutas	Diversos			Por unidade	Importâncias	
Número	Quilos	Litros	Número			
				Transporte	8.531,19,9	
2.828	-	-	-	-	3,539,4	
4.080	-	-	-	-	20,515	
135	-	-	-	-	3,27	
-	-	-	-	-	12,523	
-	43	-	-	540	17,520	
-	687	-	-	-	27,549,5	
-	-	-	-	500,5	107,500	
-	-	-	-	504	513,504	
-	-	-	-	504	526,560	
-	-	-	-	500,5	18,550	
-	300.000	-	-	500,2	600,500	
				Total	10.377,507,8	



**Receitas realizadas em dinheiro**  
**nos anos económicos de 1915-1916 e 1916-1917 e sua proveniência**

Designação	1915-1916 — Importância	1916-1917 — Importância
Produtos hortícolas . . . . .	252\$20	381\$20,5
Batatas . . . . .	—\$—	268\$83
Frutas . . . . .	26\$74,5	31\$62
Flôres . . . . .	9\$69	—\$—
Cevada . . . . .	3\$56	5\$40
Milho . . . . .	—\$—	259\$90
Trigo . . . . .	7\$18	256\$40
Limpaduras de trigo . . . . .	\$90	—\$—
Palha de trigo . . . . .	—\$—	\$50
Debulha de trigo a vapor para lavradores da região . . . . .	—\$—	293\$75,5
Moagem de milho para a Câmara Municipal de Sintra e diversos . . . . .	—\$—	221\$87
Camisas de milho . . . . .	—\$—	\$60
Tremoço . . . . .	—\$—	\$40
Vinho . . . . .	131\$45	20\$34
Água-pé . . . . .	14\$76	2\$80
Leite de vaca puro . . . . .	58\$00	55\$76,5
» » » desnatado . . . . .	—\$—	9\$34,5
Manteiga . . . . .	133\$30,5	410\$28
Queijos . . . . .	\$12	5\$07
Ovos . . . . .	—\$—	26\$70
Mel . . . . .	14\$02	17\$20
Porcos . . . . .	48\$10	168\$30
Leitões . . . . .	—\$—	9\$75
Bois . . . . .	—\$—	315\$00
Vaca turina . . . . .	—\$—	93\$00
Vitelo . . . . .	21\$00	22\$50
Carne de vitelo . . . . .	—\$—	7\$25
Couro » » . . . . .	—\$—	9\$00
» » bezerra . . . . .	—\$—	10\$00
Cobrição de porcas . . . . .	1\$80	3\$30
Coelhos . . . . .	—\$—	9\$00
Galos, galinhas, frangos e pato . . . . .	2\$00	8\$82
Cesto de verga . . . . .	—\$—	\$10
Renda de terras e pastagens . . . . .	54\$00	87\$00
Mato . . . . .	—\$—	66\$00
Sobejos de cosinha . . . . .	3\$26	9\$98
Transporte de Caminho de Ferro (Reembólso) . . . . .	—\$—	\$26
Frete de carroça . . . . .	—\$—	\$50
Madeira de ulmo . . . . .	—\$—	\$50
Indemnização (estrago feito por ovelhas de fora na eira) . . . . .	—\$—	1\$00
Trabalho dos reclusos fora da Colónia (Remuneração) . . . . .	—\$—	206\$00
Idem da Oficina de Serralheiro (Mão de obra) . . . . .	1\$20	2\$12
» » » » Carpinteiro » » » . . . . .	4\$90	1\$05
» » » » Sapateiro » » » . . . . .	—\$—	20\$88
Fogão de ferro para cosinha . . . . .	—\$—	7\$50
Total . . . . .	788\$19,0	3.326\$29,0





Nos estâbulos. — Bois tratados pelos colonos que com eles trabalham







Movimento dos Gados nos Anos Económicos

1914-1915

**MOVIMENTO DOS GADOS NOS ANOS ECONÓMICOS  
DE 1914-1915, 1915-1916 E 1916-1917**

1914-1915  
1915-1916  
1916-1917  
1917-1918  
1918-1919  
1919-1920  
1920-1921  
1921-1922  
1922-1923  
1923-1924  
1924-1925  
1925-1926  
1926-1927  
1927-1928  
1928-1929  
1929-1930  
1930-1931  
1931-1932  
1932-1933  
1933-1934  
1934-1935  
1935-1936  
1936-1937  
1937-1938  
1938-1939  
1939-1940  
1940-1941  
1941-1942  
1942-1943  
1943-1944  
1944-1945  
1945-1946  
1946-1947  
1947-1948  
1948-1949  
1949-1950  
1950-1951  
1951-1952  
1952-1953  
1953-1954  
1954-1955  
1955-1956  
1956-1957  
1957-1958  
1958-1959  
1959-1960  
1960-1961  
1961-1962  
1962-1963  
1963-1964  
1964-1965  
1965-1966  
1966-1967  
1967-1968  
1968-1969  
1969-1970  
1970-1971  
1971-1972  
1972-1973  
1973-1974  
1974-1975  
1975-1976  
1976-1977  
1977-1978  
1978-1979  
1979-1980  
1980-1981  
1981-1982  
1982-1983  
1983-1984  
1984-1985  
1985-1986  
1986-1987  
1987-1988  
1988-1989  
1989-1990  
1990-1991  
1991-1992  
1992-1993  
1993-1994  
1994-1995  
1995-1996  
1996-1997  
1997-1998  
1998-1999  
1999-2000  
2000-2001  
2001-2002  
2002-2003  
2003-2004  
2004-2005  
2005-2006  
2006-2007  
2007-2008  
2008-2009  
2009-2010  
2010-2011  
2011-2012  
2012-2013  
2013-2014  
2014-2015  
2015-2016  
2016-2017  
2017-2018  
2018-2019  
2019-2020  
2020-2021  
2021-2022  
2022-2023  
2023-2024  
2024-2025



## Movimento dos Gados nos anos económicos

Designação	1914-1915							1915				
	Entrados				Saídos			Entrados				
	Transferidos de outros estabelecimentos	Comprados	De criação da Colónia	Total	Mortes	Vendas	Total	Para 1915-1916	De 1914-15	Comprados	De criação da Colónia	Total
Bois de trabalho . . . . .	-	4	-	4	-	-	4	4	2	-	6	
Vacas turinas . . . . .	-	4	-	4	-	-	4	4	1	-	5	
Vitelos . . . . .	-	3	-	3	-	3	-	-	-	1	1	
Vitelas . . . . .	-	3	-	3	-	-	3	3	-	1	4	
Cavalos . . . . .	-	1	-	1	-	-	1	1	1	-	2	
Mulas . . . . .	2 (a)	-	-	2	-	-	2	2	-	-	2	
Porcos . . . . .	-	1	-	1	-	-	1	1	-	-	1	
Porcas . . . . .	-	4	-	4	-	-	4	4	-	-	4	
Bácoros . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	10	
Bácoras . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	12	
Galos . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Galinhas . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	3	
Frangos . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Frangas . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Pintos . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	34	34	
Patos . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Patas . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Patinhos . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Coelhos . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	4	
Coelhas . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	5	



## de 1914-1915, 1915-1916 e 1916-1917

-1916				1916-1917											Observações
Saídos				Entrados				Saídos				Para 1917-1918			
Mortes	Vendas	Total	Para 1: 16-1917	De 4:15-1916	Comprados	De criação da Colónia	Total	Mortes	Vendas	Passaram a outras designações	Total				
-	-	-	6	6	4	-	10	-	2	-	2	8	(a) Dadas por incapazes para o serviço da Cadeia Nacional de Lisboa, foram dali transferidas para a Colónia.		
-	-	-	5	5	1	4	10	1	1	-	2	8			
-	1	1	-	-	1	4	5	1	2	-	3	9			
-	-	-	4	4	1	2	7	1	-	4	5	2			
-	-	-	2	2	-	-	2	-	-	-	-	2			
-	-	-	2	2	-	-	2	-	-	-	-	2			
-	-	-	1	1	3	-	4	-	1	-	1	3			
1	-	1	3	3	3	2	8	-	2	-	2	6			
-	6	6	4	4	-	22	26	-	17	-	17	9			
-	6	6	4	6	-	21	27	-	20	2	-	5			
-	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	-	2			
-	-	-	3	3	3	23	29	2	-	-	2	27			
-	-	-	-	-	-	33	33	2	20	-	22	11			
-	-	-	-	-	-	37	37	1	-	23	24	13			
-	-	-	34	34	-	121	155	3	-	70	73	82			
-	-	-	-	-	2	1	3	-	1	-	1	2			
-	-	-	-	-	3	-	3	-	-	-	-	3			
-	-	-	-	-	-	18	18	-	-	1	1	17			
-	-	-	4	4	-	36	40	3	13	-	16	24			
-	-	-	5	5	1	46	52	6	14	-	20	32			

## Gêneros de produção interna fornecidos à Despesa nos anos económicos de 1915-1916 e 1916-1917

Designação	1915-1916				1916-1917			
	Quilos	Litros	N.º	Importância	Quilos	Litros	N.º	Importância
Alhos . . . . .	-	-	-	-\$-	9,700	-	-	1,345,5
Acelgas . . . . .	33,750	-	-	\$67	-	-	-	-\$-
Abóbora . . . . .	-	-	-	-\$-	547,000	-	-	5,347
Batatas . . . . .	1,650,000	-	-	49,350	5,057,760	-	-	151,773,1
Cebolas . . . . .	124,414	-	-	3,357,5	443,840	-	-	4,343,4
Favas . . . . .	1,067,000	-	-	10,367	569,800	-	-	5,369,8
Feijão verde . . . . .	43,200	-	-	\$86	270,600	-	-	2,370,6
" branco . . . . .	-	180,000	-	12,360	585,160	-	-	46,381
" de côr . . . . .	-	-	-	-\$-	287,280	-	-	22,397,5
Grão de bico . . . . .	-	-	-	-\$-	457,580	-	-	41,317,9
Hortaliça . . . . .	2,926,100	-	-	58,351	7,269,450	-	-	72,369
Tomates . . . . .	348,000	-	-	6,396	526,000	-	-	5,326
Tangerinas . . . . .	-	-	642	1,328	-	-	135	\$27
Laranças . . . . .	-	-	144	\$14	-	-	206	\$20,6
Peras . . . . .	9,000	-	357	1,358	-	-	1174	2,335
Maças . . . . .	-	-	767	1,314	-	-	451	1,380,4
Melancia . . . . .	-	-	-	-\$-	44,500	-	-	\$89
Uvas . . . . .	8,000	-	-	\$16	84,500	-	-	1,369
Figos . . . . .	-	-	450	\$45	-	-	-	-\$-
Leite de vaca puro . . . . .	-	257,400	-	10,328,4	-	388,600	-	13,354,4
" " desnatado . . . . .	-	61,000	-	1,322	-	78,800	-	1,357,6
Queijos . . . . .	-	-	-	-\$-	-	-	617	9,325,5
Ovos . . . . .	-	-	-	-\$-	-	-	53	\$79,5
Coelhos . . . . .	-	-	-	-\$-	-	-	5	2,300
Água-pé . . . . .	-	856,550	-	8,355	-	-	-	-\$-
Vinho . . . . .	413,100	-	-	16,344,3	-	626,500	-	31,332,5
Vinagre . . . . .	78,373	-	-	3,313	-	228,400	-	9,363
				Total - 187,372,2				Total - 435,364,3



### 3.ª PARTE

#### DIVERSOS

##### Datas e Nomes

No dia 21 de Agôsto de 1916, primeiro aniversário da abertura da Colónia, festivamente comemorado, foi esta honrada com a visita de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Excelentíssimo Senhor Doutor Bernardino Luís Machado Guimarães.

Em 19 de Abril de 1915, sendo Ministro da Justiça o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Doutor Guilherme Alves Moreira, foi publicado o decreto n.º 1:506, mandando abrir a Colónia Penal Agrícola, criada por lei de 20 de Julho de 1912.

Em 21 de Agôsto de 1915, dia da inauguração da Colónia, dignaram-se assistir a êste acto os Ex.<sup>mos</sup> Ministros da Justiça, Dr. João Catanho de Menezes, e do Fomento, Dr. Manuel Monteiro, acompanhados do Ex.<sup>mo</sup> Director Geral do Ministério da Justiça, Dr. Germano Martins.

Em 21 de Agôsto de 1916, primeiro aniversário da abertura da Colónia, recebeu esta a visita dos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Ministro da Justiça e Director Geral do Ministério, Dr. Luís de Mesquita Carvalho e Dr. Germano Martins, que acompanhavam Sua Excelência o Senhor Presidente da República.

Em 30 de Julho de 1917, foi a Colónia visitada pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Ministro da Justiça, Dr. Alexandre Braga, e Director Geral do Ministério da Justiça, Dr. Germano Martins.

\*  
\* \* \*

Estabelecida, como foi, a Colónia Penal em terrenos e edificios que não tinham sido originariamente destinados a tal fim, todo o primeiro trabalho tinha de ser forçadamente de adaptação, dentro das intenções de brevidade que havia em a pôr a funcionar.

E assim se conseguiu tudo tanto quanto possível foi, melhorando se sempre e gradualmente todas as instalações e dependências, no sentido de ir fazendo desaparecer, ou diminuir, lacunas inevitáveis.

Mas, claramente que muito falta ainda para se vir a atingir a perfeição desejada, sendo por isso que rápidamente indico algumas obras cuja realização reputo necessária.

Avulta em primeiro lugar a construção de edificios próprios para moradia de empregados de residência obrigatória na Colónia, principalmente para os guardas.

Todo o pessoal, excepção feita do Director, que reside paredes-meias com o edificio dos colonos, e dos guardas sem família, que vivem em quartos próprios dentro do mesmo edificio, todo o restante está alojado no prédio da Quinta de Baixo, onde todos se acomodam mal, por não ter o edificio, que era antigo seminário, condições de divisibilidade para tantas famílias, nem esgotos, chaminés e condições de independência e outras que eram indispensáveis.

Além disso, o edificio encontra-se, por assim dizer, no coração da propriedade, onde a vida da Colónia decorre com mais intensidade, sendo de toda a conveniência, disciplinar e moral, por qualquer lado que o caso se encare, evitar contactos, mesmo ligeiros que sejam e pouco frequentes, entre ós reclusos e as famílias dos empregados.

Estas mesmas, como às vezes poderá acontecer, sendo de diversas educações e de feitios diversos, e sendo em relativamente elevado número, com filhos e outras pessoas, e ainda por outras causas, nem sempre manterão entre si uma invejável



visinhança, evitando discórdias e disputas perturbadoras de paz e harmonia.

Não que isto por cá se tenha dado, mas, porque mais vale prevenir que remediar, é que a tempo se deve cuidar destes assuntos.

Para estas construções, que deverão ser feitas pelos reclusos e pela administração da Colónia, quando a sua vida fôr mais desafogada, apresentarei oportunamente a V. Ex.<sup>a</sup> a competente proposta e projectos; elas deverão ser situadas dentro dos terrenos da Colónia, sim, mas em ponto onde as famílias dos empregados vivam completamente separadas e a distância das edificações e da vida dos internados.

Outra falta muito sensível é a de casas de arrecadação e conservação de produções agrícolas, não havendo onde recolher em boas condições os cereais, batatas, cebolas, etc., pelo que de conveniência se torna pensar na maneira de remediar tal inconveniente.

Junto da casa onde funciona a secretaria existem as paredes de um edificio em comêço e que não sei a que seria destinado pelos antigos habitadores da propriedade, mas que é preciso concluir, dando-lhe a applicação que melhor fôr julgada, talvez celeiro, ou instalação de laticínios, indústria caracterisadamente regional, e a chamada Casa da Eva, no caminho de Ranholas, precisa de ser arrasada e no seu lugar construir-se moradia para dois ou três empregados.

O edificio da Quinta de Baixo, tiradas que sejam de lá algumas famílias, deve ser aproveitado para ali se instalar uma secção de Colonos, uns 30 a 40, a cargo dos quais ficará a parte da propriedade da mesma Quinta. Tem para isso todas as condições, não lhe faltando bons salões para camaratas, boa cosinha e refeitório, etc., podendo e devendo lá ficar ainda alguns empregados, como acontece no actual edificio dos colonos, que constituiria a casa ou secção central.

Ainda mais uma obra de construção é a que convêm fazer na Quinta do Covêlo, substituindo o velho e arruinado casebre por edificio onde se aloje uma secção de uns 15 a 20 colonos, que teria sôbre si a cultura e os trabalhos a realizar da estrada de Sintra a Cascais para cima, para a serra. Estas três secções ficariam entre si ligadas por uma perfeita rede telefónica, prestando-se, quando preciso, um recíproco auxílio.



Estudar-se ia um caminho de bom acesso para carros, costeando o monte e este seria também convenientemente e cuidadosamente arruado e arborizado, de maneira que junto da estrada o viandante pudesse no futuro encontrar um valioso trecho de belesa, assim obtido pelo trabalho dos presos.

Ainda no agrupamento principal das edificações da Colónia se construiria um dia casa própria para arrecadação das máquinas e maiores alfaias agrícolas; se construiria aviário e coelheira e se levantariam outros barracões, melhorando-se os existentes, não sendo de esquecer a cobertura urgente da montureira, para fabricação e guarda dos estrumes, e, além de tudo isto, cercando a propriedade, o levantamento de muros de pequena altura, de 1<sup>m</sup> a 1<sup>m</sup>,50, não para evitar fugas de reclusos, mas para definir extremas e evitar a entrada de gados visinhos.

Porventura outras e outras obras serão precisas e novas urgências se irão sempre revelando, mas já não é pouco o que indicado fica e a que, já agora, acrescentarei a necessidade de pesquisar mais águas, principalmente na serra, porque nunca serão de mais, e a de estudar a maneira de guardar em um grande reservatório toda a água das nascentes e da chuva que se desperdiça do outono aos rebates dos calores e que tão providencialmente poderiam acudir-nos nos ardores do verão, em que a terra sequiosa, bebendo-a, nos pagaria generosamente em culturas de regadio, talvez principalmente prados, para aumento da produção forraginosa e conseqüente aumento da criação pecuária.

E antes disso, não deve esquecer também, como urgente, a construção de uma prisão apropriada à punição e castigo graduados dos colonos pelas suas diversas transgressões disciplinares, porquanto as casas que agora desempenham essa função só como solução provisória poderão ser aceites e conservadas e preciso é também fazer-se a condução da água para abastecimento dos edificios por forma a garantir uma perfeita segurança contra qualquer inquinação ou acto de maldade que agora não tem, porque corre em grande parte completamente a descoberto até à sua entrada no depósito de repartição, onde se pretende que atravesse uma camada de carvão e saibro a que só por irrisão se pode chamar filtro.

Uma melhor instalação das casas de lavagens e de banhos; o estabelecimento de uma secção de fotografia e uma completa



instalação electrica para uma perfeita iluminação completariam por agora as necessidades que mais urgentemente me ocorrem.

\*  
\* \*

Na cultura e exploração da propriedade muito há que fazer no sentido de a melhorar e alargar, visto que nela existe ainda uma grande superficie de incultos susceptíveis de arroteamento e de arborização, uns e outros sem prejuízo dos terrenos de matos que precisarão conservar-se por necessidade de camas para os animais e de fabricação de estrumes de curral.

O desenvolvimento da lavoura irá sendo tanto maior, quanto maior forem os recursos financeiros do estabelecimento, que lhe proporcionem elevar o número de reclusos, para assim maior ser também o número de braços para o trabalho.

Mas tal resultado só poderá vir a conseguir-se regularmente quando um dia a Colónia, vivendo em completa autonomia administrativa, possa integralmente dispôr das suas receitas, em virtude da sua pequena dotação orçamental, cada vez mais insufficiente pela carestia que todos os géneros e artigos vão tomando.

Em todo o caso, indicados ficam já alguns trabalhos para futuro, como sejam, além da entrada de novas terras em cultura, a plantação de alguns centos de oliveiras em sítios em que o abrigo dos ventos o permita e talvez nos talhões inferiores da Quinta do Covêlo; a arborização dos montes com pinhal e outras essências florestais; a aquisição de cêrca de um cento de ovelhas; etc., pois tudo a propriedade comporta e a tudo se presta, como pode ver-se na planta topográfica que no final vai junta, e da qual não constam outras terras não muito distantes mas bastante separadas, que igualmente lhe pertencem e elevam ainda acima dos 104<sup>Hect.</sup>,8414 a superficie total de que se dispõe.

Devo deixar registada nesta altura a nota de que a Colónia concorreu à exposição agrícola regional de Sintra, aberta em 29 de Agosto de 1916, por forma modesta, mas que a não envergonhou, a-pesar-de estar ainda nos começos da sua vida, sendo-lhe conferido ali um diploma de honra.

Pela relação do mostruário dos seus produtos, que é como segue, se pode ajuizar do que digo:

Mostruário de produtos da Colónia  
apresentados na Exposição Agrícola Regional de Sintra, de 1916

## Cereais

Aveia.	Milho.
Cevada.	Trigo (duas var. regionais).

## Leguminosas

Chicharo.	Feijão sêco.
Ervilha.	Grão de bico.
Fava.	Tremoço.

## Plantas forraginosas

Beterraba.	Luzerna.
Couve-rábano.	Simphytum (consolda).

## Produtos hortícolas

Abóboras (quatro variedades).	Couve flor.
Acelgas.	Couve gigante.
Aipo.	Couve rábano.
Alface.	Couve tronchuda.
Alhos.	Feijão verde.
Alho francês (Poireau).	Gombo ou quiabos.
Armolas.	Hortelã.
Batata (diversas variedades).	Malaguêta.
Beringela.	Nabo saloio.
Beterraba roxa.	Pastinaga.
Cabaça.	Pimento.
Cebolas.	Pepino.
Cenouras.	Rabanete.
Chicorea.	Repolho.
Coentro.	Salsa.
Couve de Bruxelas.	Salsifis.
Couve lombardã.	Segurelha.

## Tetragono.

## Frutas

Maças diversas.	Melão.
Melancia.	Peras diversas.



## Produtos tecnológicos e outros

Aguardente.	Mel.
Manteiga de vaca.	Vinagre.
	Vinho.

## Desenhos e modelos (organizados ou construídos por colonos)

- Projecto de galinheiro, coelheira e pombal e moradia do tratador.  
 Projecto de galinheiro, coelheira e pombal.  
 Projecto de jardim.  
 Parte de um aparelho para a previsão dos tremores de terra (sismógrafo) ideado e construído pelo colono n.º 14 João da Silva Neto.

De trigos havia apenas duas variedades regionais do primeiro ano de ceara da Colónia, em que não fôra possível adquirir nem ensaiar variedades seleccionadas, mas êste inconveniente teve remédio na sementeira de 1917, em que da Estação de Fomento Agrícola, de Belem, se obtiveram sementes puras das seguintes variedades:

## Trigos nacionais rijos

Amarelo de barbas pretas.	Lobeiro.
	Santa Marta

## Trigos moles híbridos

Bárbaro (Rieti × galego).	Ideal (Galego × lobeiro).
Belem (Anafil × galego).	Mestiço (Fucense × galego).

Igualmente se ensaiou o trigo mole Manitoba Red fife, fornecido pela Escola de Agricultura de Queluz.

Êste trigo, semeado em 27 de Março, foi ceifado em 17 de Julho e, tendo sido de 20 litros a sementeira, deu a produção de 350 litros de grão e de 574 quilos de palha.

\*

\* \*

Já ficou referida na primeira parte dêste relatório a experiência que pretendi fazer de um maior alargamento na utilização do

trabalho dos presos e dos resultados colhidos, mas parece-me oportuno deixar fixados os motivos que me determinaram a realizar uma tal tentativa, documentando os seus antecedentes.

Havia muito que muito me impressionava, como a toda a gente, o agravamento da crise das produções agrícolas e que se me afigurava que de alguma maneira poderia concorrer para a atenuar o emprêgo de muitos braços inactivos que povoavam as cadeias.

Seria uma utopia, mas, lançado como tenho andado na solução do complicado problema, desde que as circunstâncias me colocaram nas mãos o cargo que ocupo sem brilho, mas com dedicação, eu não devia desistir, pelo que em 8 de Março de 1917, enviei a V. Ex.<sup>a</sup> o officio que se segue :

Sintra — Colónia Penal Agrícola, 8 de Março de 1917. — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director Geral da Justiça : — O período de funcionamento desta Colónia Penal, que vem desde a sua abertura, em 21 de Agosto de 1915, e tem corrido sempre com uma boa regularidade, faz-me supôr que alguma utilidade e proveito se poderão tirar na crise angustiosa que atravessamos, dando applicação à grande soma de braços perdidos para o trabalho nas diversas prisões do Estado com os indivíduos condenados como vádios e por disposição da lei de 20 de Julho de 1912 postos à disposição do Governo.

Não comporta a Colónia Penal mais reclusos do que a sua população normal adaptada aos recursos orçamentais, às épocas e necessidades de trabalho e à superficie de terra em exploração ; mas, talvez se podesse por outra fórmula organizar, por assim dizer, uma ou mais secções ou dependências dela, da qual seriam uma continuação, se outros Ministérios, como o do Fomento e o do Trabalho e Previdência Social, viessem em seu auxílio.

Para isso tenho a honra de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> o alvitre seguinte, que V. Ex.<sup>a</sup> se dignará tomar na consideração que julgar merecer, com a certeza porém de que só o muito desejo de ser útil ao país nesta grave conjuntura me leva a formulá-lo.

É provável que algumas propriedades rústicas do Estado existam em condições de disponibilidade para poderem ser agricultadas, possuindo alojamentos onde se possam estabelecer 40 ou 50 colonos e o pessoal de vigilância e outro : o Ministério do Fomento forneceria gados e alfaias dos seus variados estabeleci-



mentos e pessoal técnico (bastaria um regente agrícola) para a direcção efectiva dos serviços de campo e o Ministério do Trabalho contribuiria com uma verba pecuniária para o custeio das despesas, que de maneira nenhuma cabem no orçamento da Colónia Penal, incluindo as de algum pessoal indispensável a contratar temporariamente, verba que poderia ser considerada um prémio de cultura. O Ministério da Justiça forneceria a gente de trabalho, mas como todos os indivíduos dados estejam sob a alçada da Justiça, a êle competiria a direcção e a fiscalização gerais.

O Regulamento e o regimen interno a aplicar seriam os da Colónia Penal; algum pessoal poderia dali ser deslocado e o Director da mesma teria a seu cargo todos os serviços, instalando as secções e visitando-as com frequência.

¿ Haveria meio de efectivar esta ideia ?

Não a considero impossível, nem de dificuldades irremovíveis, se bem que seja indispensável reunir-se um certo número de considerações para pôr a salvo as garantias de disciplina e outras, com o proveito material que se deseja obter e com o verdadeiro beneficio moral que nunca se deve perder de vista em favor dos indivíduos a quem se pretende incutir a educação e a regeneração pelo trabalho.

Saúde e Fraternidade. — O Director, *Tude M. de Sousa*.

A êste officio dignou-se V. Ex.<sup>a</sup> responder com estoutro, que peço licença para transcrever também, com a cópia do officio do Ministério do Trabalho que o acompanhou.

Lisboa, 10 de Abril de 1917. — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director da Colónia Penal Agrícola — Sintra: — Tendo o Sr. Ministro do Trabalho anuído, como se vê do officio junto por cópia, à criação de dependências dessa Colónia em propriedades do Estado, assunto de que trata o officio de V. Ex.<sup>a</sup> n.º 127, de 8 de Março último, resolveu o Sr. Ministro da Justiça, por despacho de hontem, encarregar V. Ex.<sup>a</sup> de estudar a fôrma prática de se dar execução à proposta constante do seu referido officio, devendo oportunamente apresentar o resultado ou conclusão do seu trabalho.

Para maior facilidade dêste, é hoje pedido àquele Ministério a indicação de um funcionário com quem possa V. Ex.<sup>a</sup> tratar do assunto.

Saúde e Fraternidade. — O Director Geral, *Germano Martins*.



República Portuguesa — Ministério do Trabalho e Previdência Social — Secretaria Geral. — N.º 286 — Serviço da República — Ex.º Sr. Director Geral do Ministério da Justiça e dos Cultos: — Em resposta ao officio de V. Ex.ª n.º 92, L.º 5 da 2.ª Repartição, relativo à criação em propriedades do Estado de dependências da Colónia Penal de Sintra, tenho a honra de comunicar que S. Ex.ª o Ministro do Trabalho e Previdência Social exarou sôbre o mesmo officio o seguinte despacho:

Concordo com a proposta da Direcção da Colónia Penal Agrícola, a qual, de resto veio ao encontro de um desejo por mim manifestado ao Governador Civil, na última reunião que convoquei e tendente a recolher informações sôbre propriedades incultas, pertencentes aos organismos administrativos e ao Estado e sob a administração directa dos vários ministérios, especialmente dos ministérios das Finanças e da Justiça, fornecendo o Ministério do Trabalho alguns fundos que pudesse dispôr da verba sob a guarda da Secção de Subsistências Públicas.

Responda-se neste sentido ao Ministério da Justiça. — 27-3-1917. — *A. Silva.*

Saúde e Fraternidade. — Secretaria Geral do Ministério do Trabalho e Previdência Social, em 27 de Março de 1917. — O Secretário Geral, *M. Correia de Melo.*

Do Ministério do Fomento nunca veio nenhuma resposta, o que prova que não mereceu lá aceitação o alvitre e o pedido do da Justiça, levando porém ainda o do Trabalho a sua concordância, além do officio já citado, à nomeação de um delegado seu para se intender comigo.

Efectivamente tive ainda duas entrevistas com êsse delegado, mas pude logo de comêço ver que surgiram dificuldades burocráticas e de contabilidade, além da falta de auxílio do Ministério do Fomento, pelo que resolvi levar eu só a cabo a iniciativa, embora por fôrma diversa da que primeiro idealisara.

E assim foram estabelecidas, funcionando em pontos diversos e distantes, desde Abril até fins de Dezembro, as três secções externas desta Colónia, fixas, na Escola de Agricultura de Queluz, na Quinta de Penha Longa e na Central electrica da Companhia Sintra-Atlântico e a secção móvel que acompanhou durante um mês as máquinas de debulha e enfardagem de palha a vapor e que com elas trabalhou.



Não vem para aqui o dizer a V. Ex.<sup>a</sup> o quanto tudo isto representou de trabalhos e canceiras da minha parte e da boa vontade dos empregados que em tudo colaboraram, mas não posso deixar sem registo especial o facto de que todas as minhas diligências foram sobejamente recompensadas com a satisfação que me veio do apreço em que foi tido o trabalho dos colonos e da maneira correcta, obediente e disciplinada como elles se conduziram sempre.

\*

\* \*

Um ponto importante a considerar em estabelecimentos de indole correccional educativa como a Colónia Penal, é a influência que sôbre os seus resultados finais pode e deve exercer a colaboração do seu pessoal disciplinar e dirigente, cuja acção conjunta tem de ser harmónica e convergente para o que se tem em vista.

Este caso que, à fôrça de repetido e assente, entra já no número das afirmações banais, é por tal maneira fundamental, que eu não quero deixar passar a oportunidade de agora sem lhe ligar também a pouca valia do meu depoimento.

Na verdade, toda a acção de disciplina e de educação será bem diminuída, se não for eficazmente auxiliada por uma homogénea colaboração e reunião dos esforços de todos quantos ao serviço da Colónia tenham uma função, dentro da qual deverão integrar-se por completo.

De forma que bem difficil é o encontrar-se um núcleo de funcionários que, não tendo tido uma educação ou preparação especial, se apercebiam de pronto das responsabilidades de ordem moral e legal inerentes à sua missão de educadores, que, repito, de maneira nenhuma se pode reduzir à obrigação pura e simples do cumprimento material e automático de pautadas atribuições regulamentares.

Principalmente os guardas e outros funcionários que mais de perto e mais aturadamente estão em contacto com os reclusos, precisam de um recrutamento e escôlha cuidadosa, de forma que a sua convivência seja educadora e boa pelo conselho e pelo exemplo e que de nenhuma maneira dêem a impressão de que o modo de vida que levam seja apenas o pretexto para um alme-



jado e sempre tardio fim de mês, para a cobrança do ordenado, sem curar que êle seja bem ou mal ganho.

O mesmo para com os restantes funcionários, pois só de uma absoluta e completa solidariedade de esforços convergentes para o bem, pode sair um perfeito resultado disciplinar e de útil produção de trabalho; quere dizer, cada empregado deverá entrar na sua função, fazendo dela um apostolado, com alma, com carinho e com amor e sem outras solicitações a disputar-lhe o tempo e a actividade, sobretudo quando o seu cargo obrigue a uma assídua permanência.

Mas isso é impossível de conseguir-se, pelo que, aqui, como em toda a parte, há que aproveitar os elementos que forem surgindo e com êles caminhar, embora para traz vão ficando alguns, arredados por selecção, ou saídos por outras causas.

É neste critério que se baseia a já velha opinião de que o pessoal dos institutos correccionais conviria ter uma prévia escola de aprendizado, antes de entrar em exercício definitivo, excluindo por sucessivas eliminações os que se mostrassem de absoluta inaptidão; e, quanto a esta Colónia, e ainda a respeito dos guardas, parece-me que o seu recrutamento deveria ser orientado por forma a que êles saíssem especialmente de classes com qualidades de aptidão e de trabalho, rurais sobretudo, que soubessem mandar e executar os misteres do campo, com obrigação efectiva de o fazerem, mais se devendo considerar capacitazes de serviço e agentes de vigilância, do que ter qualquer outra designação.

Realmente, a satisfação única da conquista do emprêgo público a que certa gente aspira é muito pouco, reduzindo-se tais funcionários a simples elementos decorativos e nada poderá haver mais pernicioso para incutir ânimo para o trabalho, do que pôr ao lado de quem precisa de ser estimulado, indivíduos sem a noção do papel que andam a representar, sentando-se de vez em quando, fumando o seu cigarro e lendo o jornal às furtadelas.

Por maioria de razões o Director não pode nem deve limitar-se a uma acção meramente burocrática, antes terá de ser o timoneiro efectivo e sempre ao leme, cuja proficuidade de trabalho será tanto maior, quanto melhores forem os encarregados de cada secção especial. Se assim não fôr, cair-se há na prisão vulgar, reduzida a Colónia ao papel de simples carceragem, com maior ou menor amplitude de movimentos para os reclusos, com



BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ



Edifícios da Secretaria, Padaria, Oficinas, Moagem a vapor  
e antiga capela



Estábulos e possilgas e palheiro



o puro registo de entradas e saídas, com mais ou menos evasões, nada preocupando os resultados morais e sociais.

¿E convirá à direcção superior da Colónia a indispensabilidade de um técnico agrícola?

Certamente, que nisso haverá vantagens importantes, mas esta condição não deverá sobrelevar a de que a Casa é, antes de tudo, um estabelecimento de educação e de correcção e que para isso a orientação geral tem de ser principalmente educativa e só poderá ser eficazmente exercida por quem tenha o preciso critério moral para bem encaminhar a evolução do espírito dos reclusos.

Para a direcção immediata dos trabalhos lá estarão os técnicos especiais, quando procurados com cuidado.

Apresento a seguir os quadros do pessoal da Colónia, com dotação orçamental, e que são:

#### Pessoal do quadro

- 1 Director.
- 1 Director adjunto (o médico ou o secretário).
- 1 Secretário.
- 1 Médico.
- 1 Ecónomo.
- 2 Professores.
- 2 Escriurários.
- 1 Regente agrícola — feitor.

#### Pessoal extraordinário

- 1 Chefe dos guardas.
- 5 Guardas de 1.<sup>a</sup> classe.
- 10 Guardas de 2.<sup>a</sup> classe.

Êste número, porém, de funcionários nunca foi por completo preenchido, porquanto, desde o começo se adoptou o critério de só serem solicitadas as nomeações julgadas absolutamente indispensáveis, e à medida que iam sendo precisas, arredando por completo a ideia de servir pessoas e dar dinheiro a ganhar sem necessidade de maior.

Pelo mapa junto se avaliará do movimento do pessoal desde o início da Colónia até ao fim de 1917.

## Mapa do pessoal da Colônia nomeado

Nomes	Categorias	Da nomeação
<b>Pessoal do quadro</b>		
Tude Martins de Sousa . . . . .	Director . . . . .	17-4-915
Luís Avelino de Figueiredo . . . . .	Secretário (a) . . . . .	17-4-915
Antônio da Rocha Carvalho . . . . .	Ecónomo (b) . . . . .	24-4-915
Simeão Tierno Nunes da Silva . . . . .	Professor . . . . .	24-4-915
Antônio Manuel de Carvalho . . . . .	Escriturário . . . . .	24-4-915
Daniel Fernandes da Assunção . . . . .	" . . . . .	24-4-915
Francisco Pereira da Cunha Capitão . . . . .	Regente agrícola . . . . .	26-6-915
José dos Santos Trigosso . . . . .	Escriturário . . . . .	31-7-915
Carlos Barral Moniz Tavares . . . . .	Médico (c) . . . . .	3-9-915
Salvador Mendes de Moura . . . . .	Professor . . . . .	16-10-915
Alexandre J. Pereira Mendes . . . . .	Ecónomo (d) . . . . .	8-1-916
<b>Pessoal extraordinário</b>		
Antônio Soares Rodrigues . . . . .	Guarda de 2. <sup>a</sup> classe . . . . .	4-5-915
José Paiva Almeida . . . . .	" " " " . . . . .	4-5-915
Diamantino de Almeida Fonseca . . . . .	" " " " . . . . .	4-5-915
Benjamin dos Reis . . . . .	" " " " . . . . .	4-5-915
Joaquim Júlio Soeiro de Brito . . . . .	" " 1. <sup>a</sup> " . . . . .	20-7-915
Máximo José dos Reis . . . . .	" " " " . . . . .	20-7-915
Adelino Marques . . . . .	" " 2. <sup>a</sup> " . . . . .	20-7-915
José Pereira dos Santos . . . . .	" " " " . . . . .	20-7-915
Artur Carlos Gomes . . . . .	" " 1. <sup>a</sup> " . . . . .	20-7-915
Aurélio Bazilio Vasques . . . . .	" " 2. <sup>a</sup> " . . . . .	24-11-915
José Joaquim Marques . . . . .	" " " " (e) . . . . .	28-2-916
Antônio Seixas . . . . .	" " " " (f) . . . . .	28-2-916
José da Silva . . . . .	" " " " . . . . .	18-3-916
Antônio Augusto Pimenta . . . . .	" " " " . . . . .	18-3-916
Joaquim R. Ramos Loureiro . . . . .	" " " " . . . . .	18-3-916
Manuel Maria da Costa . . . . .	Chefe de guardas . . . . .	27-3-916
Francisco Costa . . . . .	Guarda de 2. <sup>a</sup> classe . . . . .	11-5-917
Alfredo Ferreira Cotralha . . . . .	" " " " . . . . .	11-5-917
Armando Teixeira da Silva . . . . .	" " " " . . . . .	21-7-917
João José Catalão . . . . .	" " " " . . . . .	30-7-917
Augusto César de Abreu Mascarenhas . . . . .	" " " " . . . . .	15-8-917



até 31 de Dezembro de 1917

Datas		Observações
Da posse	Da exoneração	
30-4-915	-	(a) É também o Director adjunto para que foi nomeado em 11-4-916, tomando posse em 20-4-916.
5-5-915	-	
5-5-915	-	(b) Tendo sido nomeado interinamente, entrou passado tempo no gôso de uma longa licença, não tendo sido depois proposto para a efectividade.
24-5-915	21-8-915	
10-5-915	-	
10-5-915	31-7-915	(c) Contratado anualmente, nos termos do § único do art. 115,* do Regulamento.
10-7-915	-	
16-8-915	-	(d) Tendo sido nomeado interinamente, não foi proposto para a efectividade.
8-9-915	-	
24-11-915	-	
22-1-916	-	(e) Transferido da Cadeia Nacional.
		(f) Idem. Aposentado.
24-5-915	-	
24-5-915	15-1-916	
31-5-915	18-1-916	
5-7-915	15-1-916	
8-8-915	-	
19-8-915	26-10-915	
11-8-915	-	
19-8-915	27-10-915	
20-8-915	17-8-916	
21-12-915	-	
20-4-916	-	
20-4-916	14-10-916	
31-3-916	-	
1-4-916	-	
1-4-916	-	
14-4-916	-	
11-6-917	9-7-917	
27-6-917	29-6-917	
1-8-917	-	
18-8-917	-	
21-8-917	-	

Aqui fica, pois, perante V. Ex.<sup>a</sup> narrada o que foi a vida da Colónia durante os seus primeiros tempos, acompanhado tudo de esclarecimentos e indicações que julguei conveniente juntar-lhe.

Certamente que pouco foi feito e que muitas deficiências serão achadas, mas para todos os reparos que porventura surjam perante a leitura dêste modesto relatório eu só poderei, como resposta, garantir a V. Ex.<sup>a</sup> que, desde o primeiro momento em que fui investido no meu cargo, não tenho tido outra preocupação que não seja a de cumprir o melhor que posso com as obrigações que me pertencem, e que outro desejo não tenho, que não seja o de fazer da Colónia Penal Agrícola de Sintra — a primeira fundada em Portugal, para vadios adultos de 16 a 60 anos de idade —, um estabelecimento que não deslustre o país e que honre o seu moderno regimen penal e prisional.

Saúde e Fraternidade.

Sintra — Colónia Penal Agrícola, Agôsto de 1919.

O Director,

*Jude M. de Sousa*













# INDICE DAS MATÉRIAS

## 1.ª PARTE

	Pág.
Considerações gerais . . . . .	7
Instalação e abertura da Colónia . . . . .	15
Disciplina e Educação. — Regimen interno. — Entrada dos colonos . . . . .	22
Movimento dos colonos . . . . .	26
Penas disciplinares . . . . .	34
Distribuição diária do tempo . . . . .	38
Alimentação . . . . .	42
Profissões exercidas na Colónia pelos reclusos . . . . .	48
Duração do internato. — Destino dos colonos . . . . .	»
Ensino literário . . . . .	49
Delitos e condenações anteriores . . . . .	51
Relatório médico . . . . .	59

## 2.ª PARTE

### Administração geral. — Exploração agricola

Considerações gerais . . . . .	79
Despesas effectuadas no ano económico de 1914-1915 . . . . .	81
» » » » » 1915-1916 . . . . .	84
» » » » » 1916-1917 . . . . .	89
Sementes e produções no ano agrícola de 1915-1816 . . . . .	94
» » » » » 1917 . . . . .	96
Receitas realizadas em dinheiro . . . . .	100
Movimento dos gados . . . . .	101
Géneros de produção interna fornecidos à despensa . . . . .	104

## 3.ª PARTE

### Diversos

Datas e nomes . . . . .	105
Considerações diversas sobre obras e melhoramentos necessários . . . . .	106
» » » a exploração agrícola . . . . .	109
Trabalhos de reclusos fora da Colónia (secções externas) . . . . .	111
Considerações diversas sobre o pessoal . . . . .	115
Pessoal da Colónia até 31 de Dezembro de 1917. . . . .	118



## INDICE DAS GRAVURAS

	Pág.
Residência do Director . . . . .	15
Formatura geral dos colonos . . . . .	22
»    dos colonos em marcha . . . . .	36
Colheita e condução de batata pelos colonos . . . . .	48
Na eira. — Malha de milho pelos colonos . . . . .	60
»    » — Debulha de trigo a vapor servida pelos colonos . . . . .	80
Nos estábulos. — Bois tratados pelos colonos que com êles trabalham . . . . .	100
Edifícios da Secretaria, Padaria, Oficinas, Moagem a vapor e antiga capela . . . . .	110
Estábulos, possilgas e palheiro . . . . .	»
Planta topográfica dos terrenos da Colónia . . . . .	120



## ERRATA

No mapa da duração do internato dos colonos saídos em liberdade, de página 49, no ano de 1917 deve registrar-se êsse movimento da seguinte forma, correspondente a outras tantas colunas do mesmo mapa: de 3 a 6 meses, 29; de 6 a 9 meses, 65; de 9 a 12 meses, 2; de 12 a 15 meses, 1; de 15 a 18 meses, 1; e Total, 98.

O mapa das receitas de página 100 deveria ter ainda uma coluna relativa ao ano económico de 1914-1915, em que no mês de Junho se obteve já a seguinte receita:

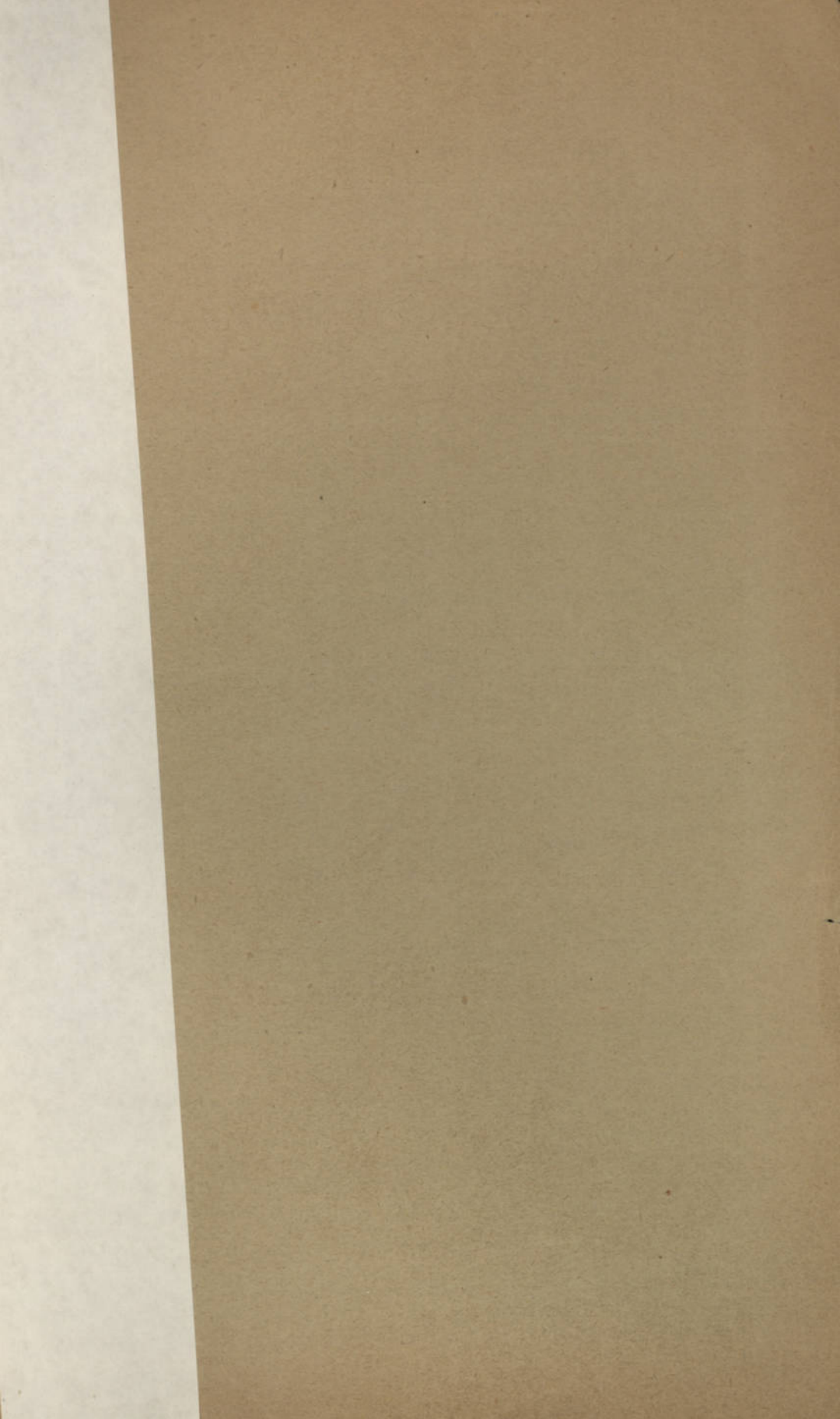
Produtos hortícolas . . . . .	558
Fruta . . . . .	556
Leite . . . . .	1570
Ervas . . . . .	61550
Vitelos . . . . .	54550
	<hr/>
	118584



ERRATA

1. The name of the author should be corrected to J. H. ...  
2. The date of publication should be corrected to 1912.  
3. The title of the book should be corrected to ...  
4. The publisher's name should be corrected to ...  
5. The price of the book should be corrected to ...







## DO AUTOR

Regimen Pastoril dos Povos da Serra do Gerez. (Separata do fascículo n.º 3 do tomo II da *Portugalia* — 1907).

Idem. (Separata do fascículo n.º 4 do tomo II da *Portugalia* — 1908).

Serra do Gerez. — *Estudos, Aspectos, Paisagens*. (Livraria Chardron, Editora — 1909).

A *Árvore*. — *Leituras florestais para crianças*. Livro aprovado pelo Governo para prémios das Escolas Primárias. (Livraria Chardron, Editora — 1912).

A *Tradição, o Valor e o Culto da Árvore*. Palestra pública de propaganda florestal. (Livraria Chardron — 1913).

A *Serra, as Pastagens e os Gados*. — Palestra pública de propaganda florestal. (Publicação oficial da Direcção Geral da Agricultura — 1914).

Da *Terra Alta*. — *Aspectos Agrícolas, Pecuários e Sociais da Província de Trás-os-Montes*. (Notas de uma excursão a Barroso — 1916).

A *Árvore na Escola Primária*. — Conferência pedagógica a convite do Ministério da Instrução Pública. (Separata do «Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública». — Ano I, n.º 3. — 1916).

*Árvores Florestais*. — *Sua cultura, exploração e aplicações*. (Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira — 1917).

Os *Pinhais*. — *Como se conservam. — Como se aumentam*. (Volume XXVIII da *Livraria do Lavrador*, do «*Commercio do Porto*» — 1919).

